

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DÉBORA MACHADO GONÇALVES
LARISSA MALU DOS SANTOS

O COTIDIANO EM CENA: RESSIGNIFICANDO VIVÊNCIAS

FLORIANÓPOLIS
2016

DÉBORA MACHADO GONÇALVES
LARISSA MALU DOS SANTOS

O COTIDIANO EM CENA: RESSIGNIFICANDO VIVÊNCIAS

Relatório de Estágio apresentado como requisito parcial para avaliação da disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I do 8º período do Curso de Graduação em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa (Licenciatura) sob a orientação da Professora Dra. Maria Izabel de Bortoli Hentz.

FLORIANÓPOLIS
2016

A todas as mulheres e homens que lutam, dia após dia, por uma educação menos desigual e de maior qualidade.

AGRADECIMENTOS

Nossa gratidão primeira volta-se a todas as vivências que a Universidade Federal de Santa Catarina nos proporcionou. Às pessoas dessa comunidade que se dispuseram, ao longo de nossa caminhada, a debater e refletir sobre tantos aspectos que circundam a vida. Não temos dúvida de que os anos aqui vividos nos tornaram pessoas não apenas mais conscientes intelectualmente, mas, também, mais humanas.

Somos gratas aos professores da graduação de Letras Português que tantos anseios e angústias dividiram conosco; que tantos sonhos e esperanças depositaram e/ou instigaram em nós. Pela firmeza no ensinar, pela gentileza em dividir conhecimentos tão ímpares conosco.

À professora Maria Izabel, por ter sido nosso maior alicerce ao longo do estágio. Pelos ensinamentos, pelo apoio perpétuo, pela confiança, pelo carinho jamais ausente. Você é, inquestionavelmente, um exemplo não apenas como profissional, mas também enquanto humana, a se seguir.

Agradecemos a todos profissionais e estudantes da escola Beatriz, que nos receberam da maneira mais calorosa possível. Em especial, aos alunos da turma 71 e à professora de Língua Portuguesa dessa turma, que confiaram piamente em nosso trabalho e que nos deram o impulso de que precisávamos na escolha da carreira docente para a vida.

Aos nossos familiares, que se fizeram presentes sempre que nossos corações angustiaram-se e que as forças brevemente se esvaíram. Gratidão, em especial, àqueles que em carne e osso não mais puderam nos amparar, mas que, como nenhum outrém, preencheram nossas almas de quentura antes do Adeus.

Gratidão aos nossos amigos e amantes, que toleraram as ausências e as ocasionais rabugices, transbordando-nos de energias e sentimentos sem-par, sempre que deles necessitamos.

Por último, agradecemos aos caminhos que trilhamos, os quais tiveram o cuidado de nos unir e de permitir que essa parceria nascesse. Não apenas no estágio, mas na vida.

*“Só vou desistir, abortar minha missão, quando
a educação aqui virar ostentação”
(Renan Inquérito)*

RESUMO

Este trabalho possui como finalidade relatar nossos percursos ao longo do Estágio de Docência I, realizado na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito. Esta etapa, que integra o currículo da graduação de licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Santa Catarina, foi realizada a partir de momentos que englobam: a observação do campo escolar, o planejamento do Projeto de Docência, a prática docente em sala de aula, o planejamento e a concretização do Projeto de Docência Extraclasse, e, por fim, a reflexão sobre os movimentos efetuados ao longo do segundo semestre de 2016. Ressaltamos, ainda, que os projetos realizados respaldam-se nas teorias Bakhtinianas (1997), e, por possuímos a perspectiva de trabalhar gêneros discursivos em sala de aula, escolhemos o gênero crônica para ancorar nosso Projeto de Docência. As aulas aqui relatadas se desenvolveram tendo em vista a língua em sua prática social, com foco na produção escrita, leitura e análise linguística, assim como na fala e escuta do outro.

Palavras-chave: docência; ensino-fundamental; gêneros-do-discurso; crônica.

SUMÁRIO

1. PRIMEIRAS PALAVRAS	9
2. A DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL	10
2.1. APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO	10
2.1.1. A escola	10
2.1.1.1. Da história	10
2.1.1.2. Da estrutura	10
2.1.1.3. Das concepções teórico-metodológicas	13
2.1.2. A turma	13
2.1.3. A prática docente	15
2.2. O PROJETO DE DOCÊNCIA	15
2.2.1. Problematização	15
2.2.1.1. Justificativa e escolha do tema	16
2.2.2. Fundamentação teórica	18
2.2.2.1. Avaliação	23
2.2.3. Objetivos	24
2.2.4. Conhecimentos trabalhados	25
2.2.5. Metodologia	26
2.2.5.1. Recursos	27
2.2.5.1.1. Recursos materiais	27
2.2.5.1.2. Recursos bibliográficos	27
2.2.5.2. Síntese do cronograma das aulas	27
2.2.5.3. Planos de aula	29
2.3. ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	154
2.3.1. Relato das aulas	154
2.3.2. Reflexão sobre a prática pedagógica.....	164
3. A DOCÊNCIA NO PROJETO EXTRACLASSE.....	167
3.1. O PROJETO DE DOCÊNCIA	167
3.1.1. Apresentação da proposta	167
3.1.1.1. Escolha do tema e justificativa	169
3.1.2. Fundamentação teórica	172
3.1.2.1. Concepção de educação, escola e sociedade	172
3.1.2.2. Concepção de língua e de sujeito	174
3.1.2.3. Gêneros do discurso	176
3.1.2.4. Letramento	177
3.1.2.5. Leitura, produção de textos e análise linguística	179
3.1.3. Objetivos	181
3.1.4. Conhecimentos trabalhados	182
3.1.5. Metodologia	182
3.1.5.1. Planos de Aula	185
3.2. REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA	195
3.2.1. Relato das aulas	195
3.2.2. Análise da prática pedagógica extraclasse.....	200
4. VIVÊNCIAS DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR	202

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	204
6. REFERÊNCIAS	206
7. ANEXOS	208
7.1.COLETÂNEA DE CRÔNICAS – TURMA 71.....	208
7.2.QUESTIONÁRIO PROFESSORA-REGENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	219

1 PRIMEIRAS PALAVRAS

O Estágio de Docência é, enfim, o momento culminante de nossa graduação. Após sete semestres envolvidas em atividades de cunho largamente teórico, essa etapa nos proporcionou a experiência de colocar em prática todo conteúdo que viemos estudando nesse período na UFSC. Realizado na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, o estágio foi um momento em que pudemos compreender de fato o fazer docente e os pormenores que estão envolvidos no cotidiano da comunidade escolar.

Para que esta etapa se concretizasse, passamos pelos períodos de observação do campo de estágio e de planejamento do que seria lecionado. Por assim dizer, desde o início do semestre, realizamos visitas à escola e tivemos um grande período de observação de aulas na turma com a qual trabalhamos, a fim de compreender melhor o ambiente e a comunidade. Partindo de nossas leituras realizadas sobre os comportamentos que circunscrevem a biocenose do Beatriz, produzimos nosso Projeto de Docência, intitulado “O cotidiano em cena: ressignificando vivências”. Foi este pensado, singularmente, para os alunos que nos receberam.

Desenvolvemos, ainda, o Projeto de Docência Extraclasse “Notícias do Beatriz: projeto de letramento em jornal escolar” com alunos do contraturno, a fim de produzir a nona edição do Jornal Notícias do Beatriz. Esse projeto, que já está solidificado na escola desde 2011, contou com a participação de todos os estagiários de nossa turma para concretizar-se. Deste modo, o estágio enquanto momento de prática docente permitiu-nos não apenas o contato habitual com os alunos em sala, mas também esse movimento diferenciado de ensino de conhecimentos relativos à Língua Portuguesa em atividades extraclasse.

Nesse sentido, este relatório que nós apresentamos visa a sistematização de toda prática efetuada ao longo da primavera de 2016. Para isso, através deste documento, discorreremos sobre: o nosso campo de estágio; o Projeto de Docência “O cotidiano em cena: ressignificando vivências” e as particularidades teóricas, conceituais e metodológicas do mesmo; um momento de reflexão sobre esta prática docente no Ensino Fundamental; o Projeto de Docência Extraclasse “Notícias do Beatriz: projeto de letramento em jornal escolar” e as minúcias do mesmo; a análise deste projeto; e, por fim, nossas considerações e pareceres finais sobre a etapa como um todo.

2 A DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

2.1 APRESENTAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO

2.1.1 A escola

2.1.1.1 Da história

A Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Britto encontra-se no bairro Pantanal, e, ao longo de mais de 60 anos, a escola acompanhou as mudanças ocorridas em seus entornos. Inicialmente, nos anos 50, existia a chamada *casa-escola*, um chalé pequeno, de madeira, bem antigo e sem pintura, que funcionava em três períodos. À medida que a demanda social ia crescendo, foram criadas outras *casas-escolas*, funcionando cada uma delas isoladamente. Já em 1958, o então prefeito de Florianópolis, Osmar Cunha, organizou-as em uma única unidade de ensino denominada Escola Isolada do Pantanal. Depois, com a instauração da ELETROSUL e da UFSC, próximas à escola, foi necessária uma transformação a fim de acompanhar tais mudanças sociais. Para isso, em 1963, a Escola Isolada foi nomeada como Grupo Escolar Beatriz de Souza Britto, em homenagem à Beatriz de Souza Britto, professora há muito tempo na cidade. A fim de que a carreira escolar não fosse prejudicada, por conta do ensino interrompido na 4º série do 1º grau, a prefeitura de Florianópolis transformou-a em Escola Básica, em 1986, compondo, a partir de concurso público, um quadro com 12 professores efetivos de 5ª a 8ª série.

2.1.1.2 Da estrutura

Das primeiras visitas à escola Beatriz, levamos na lembrança a sutileza agradável dos aspectos mais banais. Pelo motivo da escola estar posicionada perto da principal e mais movimentada via do bairro, a Rua Dep. Antônio Edu Vieira, os guardas municipais ficam a postos, logo de manhã, no primeiro horário, a cuidarem do trânsito. Ali atravessam mães com filhos no colo, irmãos de mãos dadas, crianças com mochilas nas costas, mochilas de rodinhas, etc. Quem passa pela rua e não conhece a escola, fica despercebido da imensidade que a estrutura interna oferece, já que, por fora, podemos ver somente o ginásio escolar, como mostra a figura 1.

Figura 1 - Foto da fachada da Escola Beatriz de Souza Britto



Fonte: Blog do PIBID (UFSC) Pedagogia¹

Entretanto, ao adentrar a escola, um vasto verde percorre pelos nossos olhos: a escola é permeada de natureza. Ela foi construída, literalmente, no meio da natureza, pois está situada num morro com muita vegetação. O vasto pátio de entrada confunde as vozes das crianças da creche com os bem-te-vis cantando “bom dia!”. No meio, uma árvore bem cuidada. Uns bancos de cimento, que são ocupados no intervalo pelas crianças; servindo, também, para os pais que esperam os filhos. A entrada do ginásio é logo ali perto, a estreita porta é muito disputada na hora do intervalo: quem chegar primeiro, joga. Contradizendo ao que outros dizem: “Quem chegar por último, é a mulher do padre!”.

Ao continuar da expedição, aparecem os primeiros degraus. São muitos até o fim, no alto da escola. Além das escadas, a escola também tem as passarelas, tornando-a mais inclusiva. No primeiro corredor, à esquerda ficam as salas de coordenadoria. É lá que ficam a sala do diretor Edilton Luís Piacentini, da secretária Myliane Demétrio Nascimento, e, também a sala de orientação, supervisão e coordenação educacional, assumidas pela supervisora escolar M^a Aparecida Demaria e pela professora Gládis Helena Machado. Sem nos esquecer, claro, da sala dos professores, onde os encontros são diários e as trocas e conversas entre os docentes são quase íntimas, assim como amigáveis. A sala de centro, e antessala da sala dos professores, contém alguns sofás que são quase sempre ocupados por crianças que se machucaram ou levaram um xingo do professor tendo que ir ter uma conversa

¹ Disponível em: <<http://pibidufscpedagogia.blogspot.com.br/p/conheca-e-b-m-beatriz-de-souza-brito.html>> Acesso em 13 de set. de 2016

com o diretor. Ainda nessa sala, há uma maquete da estrutura da escola, ao lado dos sofás, permitindo que tenhamos uma melhor visualização para este trabalho, como ilustra a figura 2.

Figura 2 - Foto da maquete da Escola Municipal Beatriz de Souza Brito



Fonte: Site Geografia Escolar²

Nas semanas de nossa observação, a escola passava por um período de reforma. O cheiro de tinta, os materiais de construção aos cantos, as salas trocadas temporariamente, nos davam a sensação de que melhorias estavam para vir. Algumas turmas ficaram com salas um pouco inapropriadas, como a turma do sexto ano, que se mudou para o auditório, e, dessa forma, os professores tiveram que usar um quadro encostado noutros materiais. Na turma do sétimo ano, a sala era como outras normais, entretanto, havia uma mesa grande em que nela alguns alunos sentavam-se de frente uns para outros, o que, na nossa visão, permitiu com que eles fizessem mais bagunça. No nosso período de docência, no entanto, a reforma já havia terminado, e as aulas ocorreram nas salas habituais.

Ao todo, a escola conta com uma grande biblioteca, auditório, sala de informática, sala multiuso, sala de estudo curricular, sala de planejamento, sala de projetos, sala de artes, um refeitório e salas bem estruturadas com janelas de vidro enormes que dão acesso a paisagens verdes, as quais envolvem toda a escola. Mais alguns degraus e, por fim, o último corredor, já no alto do morro, que dá acesso a uma grande quadra poliesportiva, que, com toda a certeza, toda a escola tem orgulho.

² Disponível em: <<http://www.geografiaescolar.com.br/2016/06/registros-escolares-ebm-beatriz-de.html>> Acesso em 13 de set. de 2016

2.1.1.3 Das concepções teórico-metodológicas

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Beatriz de Souza Britto é baseado numa concepção de escola como um espaço sócio-cultural, e, portanto, considera a vida escolar como um processo de permanente construção social entre alunos e professores. A característica central do PPP da escola é a importância dada à linguagem, seja ela na forma de leitura ou escrita. Para a instituição, é importante fazer-se entender, pois é pela linguagem que todo o conhecimento é apreendido, quaisquer que sejam as disciplinas.

Nesse sentido, o documento é baseado no eixo: *ler e escrever: compromisso de todas as áreas*. Do mesmo modo, é essencial que pontuemos nesse trabalho, de que forma se organiza o currículo pedagógico que orienta todos os professores, ou seja, o eixo organizador do planejamento é o trabalho com os gêneros do discurso que mais circulam na área do conhecimento em questão e a metodologia de trabalho é a das sequências didáticas. Assim, podemos perceber como é atual a escola em termos de concepções teórico-metodológicas, acompanhando não só o movimento das necessidades reais da própria escola, como também, as discussões muito explanadas na academia.

2.1.2 A turma

Formada por alunos com uma faixa etária de 12 e 13 anos, a nossa turma do sétimo ano, doravante 71, era composta por um total de 31 alunos matriculados, os quais dividiam-se, de forma quase igualitária, entre meninos e meninas. Dentre os estudantes, a maioria residia nos arredores do colégio Beatriz - bairro Pantanal, Serrinha, Saco dos Limões, Trindade. Nesse sentido, a maioria dos alunos possuía fácil acesso ao ambiente escolar, uma vez que, a partir do questionário³, pudemos observar que grande parte dos estudantes se encaminhavam às aulas a pé, de carro ou de ônibus.

Conseguimos identificar, sem grandes delongas, as “panelinhas” que eram formadas pelos estudantes no dia a dia. A sala encontrava-se, cotidianamente, dividida entre os grupos que se estruturavam a partir das afinidades que eram estabelecidas nas relações interpessoais. De certo modo, pudemos identificar os grupos que trabalhavam melhor, e aqueles que

³ Realizamos, ainda no período de observação, um questionário com os alunos, no qual havia indagações a respeito da idade dos estudantes, do local onde moravam, das preferências de conteúdos, do convívio em casa, etc. A partir deste documento, pudemos compreender e analisar melhor o perfil da turma, a fim de criarmos um Projeto de Docência mais apropriado a esse grupo de alunos.

possuíam mais dificuldade, ou mais desinteresse para com o trabalho construído junto do professor.

No entanto, por ser uma turma em que os alunos, independente do “grupo” em que se inseriam, possuíam uma grande dificuldade de atenção no decorrer das aulas, tornava-se muito complicado, para vários professores, efetivar o trabalho com a turma. No questionário que aplicamos em sala de aula, deixamos espaço para que os alunos descrevessem opiniões e/ou sugestões acerca das aulas que estávamos prestes a ministrar, e, para nossa surpresa, três alunas utilizaram a oportunidade para gerar um apelo: “esperamos que vocês consigam dominar a sala, pois nossos colegas são muito bagunceiros”.

No que tange às aulas de Língua Portuguesa, cabe ilustrar que os alunos costumavam trabalhar de forma vagarosa, mas satisfatória. Dentre as atividades propostas pela professora regente no período de observação, todas elas foram realizadas pela grande maioria dos alunos - apenas um ou dois recusaram-se a executá-las, fosse por falta de interesse, fosse por falta de vontade. Contudo, observamos uma resposta muito positiva dos alunos em relação ao que é realizado em sala de aula, nas aulas da professora de português.

Para além disso, cabe salientar que os alunos se dedicavam, em sua grande maioria, nas aulas propostas como “momento de leitura”. As aulas de Língua portuguesa das quintas-feiras eram reservadas apenas para a prática da leitura, os alunos passavam 45min dedicando-se aos livros que traziam de casa, ou que a docente levava para lhes emprestar. Nestes momentos, percebemos que eram poucos os alunos que não se debruçavam, de fato, à leitura. A prevalência, nessas aulas, era de alunos que, aproveitavam verdadeiramente a oportunidade para se dedicar ao ato de ler.

Nesse sentido, a turma 71 era, em primeira instância, uma turma trabalhosa, na qual os alunos necessitavam estar envolvidos de forma concreta nas atividades propostas em sala. Os alunos possuíam uma grande dificuldade, sim, de concentração no que era exposto pelos professores, mas, quando entretidos naquilo que era sugerido pelo docente, eles conseguiam trabalhar muito eficazmente. Coube-nos, portanto, ao longo do desenvolvimento de nosso projeto de docência, mediar as nossas atividades de modo que os estudantes se sentissem instigados a realizá-las, a fim de que fossem consideravelmente produtivas para a turma.

2.1.3 A prática docente

As aulas de Língua Portuguesa, para os anos finais do ensino fundamental, ocorriam em quatro horas/aula semanais. Na turma 71, essas quatro aulas estavam distribuídas da seguinte forma:

Quartas-feiras - Aula 01	07h45 às 08h30
Quintas-feiras - Aula 02	08h30 às 09h15
Sextas-feiras - Aula 03 e 04	07h45 às 09h15

Pelo fato de as aulas ocorrerem todas nos primeiros horários, os alunos acabavam por demonstrar certo padrão em seus comportamentos diários, em vista de que não havia nenhum horário após aula de educação física, ou do recreio - momentos, nos quais, eles costumam voltar mais agitados.

Cabe ressaltar, ainda, que a professora regente de Língua Portuguesa, leciona há quatro anos na Escola Beatriz como docente efetiva, trabalhando com turmas do turno matutino e vespertino. Para além disso, a professora possui sua graduação pela Universidade Federal de Santa Catarina, onde, está realizando seu mestrado em Linguística, pelo programa PROFLETRAS, que é específico para professores efetivos da rede pública de ensino. No período noturno, a professora trabalha com uma carga de 20h/a semanais na rede estadual, também como efetiva, em turmas do Ensino Médio.

2.2 O PROJETO DE DOCÊNCIA

2.2.1 Problematização

Tendo em vista que o processo de ensino-aprendizagem é um dos mais importantes da vida escolar, é certo que nós, futuras professoras de língua portuguesa, preocupamo-nos diante de tamanha tarefa. Foi a partir do período de observação realizado que pudemos refletir sobre as necessidades dos alunos em relação à disciplina. Sendo, pois, a escola Beatriz de Souza Britto um espaço que permitia a troca de experiências por meio do estágio, delineamos um projeto conforme as bases teórico-metodológicas do Projeto Político Pedagógico (PPP) da mesma. A saber, encontramos no PPP do colégio, assim como nas aulas de língua portuguesa que observamos, uma perspectiva que vai ao encontro de nossa formação acadêmica: a escola

como espaço sociocultural e a linguagem como objeto norteador do processo de aprendizagem. Ora, se é por meio da língua que é facultada a instituição das relações entre o “eu” e o “outro”, é por meio dela também que apreendemos conceitos e informações de diferentes áreas do saber. É importante observar, também, que em nossa sociedade grafocêntrica, há uma preocupação em relação ao domínio da leitura e escrita; dessa forma, era necessário que esses aspectos estivessem sustentando nosso projeto de docência, a fim de que este fosse propício ao aluno.

Partindo, portanto, de uma concepção de ensino pautada nas práticas de linguagem, o que envolve a leitura de textos, convergimos com o entendimento de que essa deva ser uma atividade a ser realizada com base nos gêneros do discurso, para que, então, os alunos consigam apropriar-se da e praticar a linguagem na materialidade dos discursos que circulam socialmente em forma da escrita, respondendo às necessidades dos indivíduos. Entretanto, ao tratar de gêneros discursivos, devemos ter o cuidado de não objetificá-los, pois, é bastante perigoso que, ao adentrar à sala de aula, o gênero trabalhado perca suas características, tirando-o da dimensão social na qual circula. Geraldi (2010) nos alerta para o risco de objetificação do gênero no processo de ensino e aprendizagem da língua. Considerando o que propõe este autor, tomamos o cuidado de desenvolver nossa ação docente com foco na leitura e produção textual, criando um espaço de contato com o gênero a partir de leituras diversas, para que os alunos identificassem nelas as características intrínsecas ao gênero.

Assim sendo, o nosso projeto de docência visou incentivar os alunos a um olhar interessado à leitura e à escrita, para que eles pudessem apropriar-se dos conhecimentos que essas práticas de linguagem possibilitariam, assim como fazer uso de inferências e interpretações que a criatividade e imaginação, próprias dessa idade, permitem. Para isso, destacamos a importância de preparar aulas que aproximassem o tema, que é o cotidiano, com a realidade dos alunos e, assim, fazer do processo de ensino-aprendizagem algo interessante e proveitoso, na tentativa de produzir sentido a eles.

2.2.1.1 Justificativa e escolha do Tema

Ao assumirmos uma concepção de aula de português fundamentada na perspectiva dos gêneros do discurso, definimos a crônica como nosso objeto de trabalho no Projeto de Docência que desenvolvemos. A escolha por trabalhar com o gênero crônica deveu-se ao fato de que deveríamos dar sequência ao planejamento anual da professora regente da turma. Dentre os gêneros que constavam no planejamento, alguns já tinham sido trabalhados ao

longo do ano letivo, portanto, coube a nós a incumbência de eleger um gênero dentre os que ainda não haviam sido estudados pelos alunos para ser trabalhado em nosso período de docência.

No período de observação das aulas de Língua Portuguesa, os alunos estavam em contato com o gênero notícia. Considerando o estudo que vinha sendo desenvolvido pela professora regente, escolhemos trabalhar com a crônica, visando a proximidade temática desse gênero com a notícia. Constatando, então, que o cotidiano é um tema que perpassa os gêneros notícia e crônica, fizemos dele – o cotidiano – a temática central de nosso Projeto de Docência, já que é algo tão vivenciado pelos próprios alunos em suas relações pessoais e interpessoais.

Pensar em um projeto que dialogasse com o cotidiano dos alunos nos fez crer que esse seria um ponto de partida para justificar a importância de tal. Como a principal função do gênero crônica é a fruição dos leitores, consideramos interessante que, no momento de contato dos alunos com o gênero proposto, optássemos por uma metodologia que implicasse a leitura de fruição. Entretanto, não só na leitura se sustentava o Projeto de Docência. Para a sua realização, contamos, além dos momentos de leitura, com a análise linguística e a produção textual - o tripé do projeto “O cotidiano em cena: ressignificando vivências”.

Desse modo, com o intuito de mediar a relação de leitura das crônicas, tencionávamos apresentar textos, principalmente humorísticos, pois estes tendem a sensibilizar mais facilmente o leitor jovem num primeiro contato com o gênero. Assim, o objetivo da escolha do gênero crônica foi estimular a leitura literária oferecendo ao aluno um diálogo do cotidiano com o imaginário, assim como conteúdos pertinentes ao gênero que foram trabalhados a partir da análise linguística: os tipos de discurso e os elementos estruturais da narrativa. Destaca-se em nosso projeto a finalidade da produção de uma coletânea de crônicas em que os alunos foram os autores, a partir das nossas ações construídas em sala. Dessa forma, o conjunto de aulas organizadas serviu como um processo contínuo de ensino-aprendizagem do gênero crônica contribuindo para a formação de leitores competentes e autônomos em seus atos de leitura e escrita.

Assim sendo, a estrutura desse projeto privilegiou a leitura e escrita ao tratar do gênero crônica, tal qual no PPP da escola em questão, no qual é proposto o eixo: “ler e escrever: compromisso de todas as áreas do conhecimento”. Por isso, a escolha metodológica desse projeto de docência foi intrínseca às concepções teóricas-metodológicas que regem o projeto pedagógico da escola.

2.2.2 Fundamentação teórica

Nosso projeto de docência consolidou-se a partir de uma concepção de língua que a compreende tal como o ato da interação verbal (CERUTTI-RIZZATTI *et al*, 2014). Nesse sentido, compreendemos que a língua não é apenas um código comunicacional ou um apêndice de normas; entendemos a língua enquanto movimento que se estabelece a partir da interação com o outro, a partir de sua natureza social e também histórica. Tal como defende Bakhtin, compreendemos que a linguagem humana só se consolida a partir das relações sociais, a partir do contato com o outro.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 2004 [1929], p. 123, grifo do autor *apud* IRIGOITE, 2011, p.81)

Segundo o autor, portanto, a língua não pode acontecer de forma isolada, e, para além disso, ela só se concretiza em enunciados concretos e situados. Bakhtin (1997) defende, em “A estética da criação verbal”, que os discursos se estabelecem a partir de enunciados que são proferidos em determinado espaço, em determinado momento – e que, por isso, são únicos. Segundo o autor, estes enunciados, ainda que sejam irreproduzíveis por sua unicidade, carregam certa estabilidade, garantindo que a língua possua certos padrões constantes, imutáveis.

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 1997, p.279)

Nesse sentido, o autor defende que o enunciado quando “considerado isoladamente é, claro, individual” (BAKHTIN, 1997, p.293), mas como cada esfera comunicacional requer determinados tipos enunciativos, estes são elaborados de modo relativamente estáveis e, desta estabilidade, concretizam-se os gêneros do discurso. É nesse sentido que a língua pode ser entendida como fruto de uma interação verbal que se consolida a partir de enunciados, sendo estes únicos, mas constituídos por certa estabilidade, originando os gêneros.

A fim de que os alunos possuam um maior contato com e uma maior sistematização dos gêneros complexos (ou seja, dos gêneros denominados secundários pois, ao contrário dos ditos primários, não são incorporados na aquisição da língua, tais como artigos científicos, romances, contos, crônicas), compreendemos que estas atividades devem se dar a partir da difusão da leitura e escrita em sala de aula. Para além disso, importa frisar que entendemos que este trabalho com gêneros deva se manifestar a partir das emergências sociais que surgem nele e a partir dele. Ou seja, compreendemos que estudar língua a partir de uma perspectiva de texto/gênero é entender que estão imbricados fatores e movimentos sociais que nessas produções emergem. Concebemos que o estudo de texto deva ser realizado não compreendendo o gênero por ele em si, mas enquanto produto de discurso(s) social(is) que se materializa(m).

Como o gênero escolhido para trabalhar com os alunos do sétimo ano foi a crônica, procuramos delinear teoricamente os aspectos composicionais e estilísticos desse gênero, tal como sua função social e seus principais meios de circulação a fim de elucidá-los aos alunos. O gênero crônica, por muitos autores entendido como um gênero brasileiro, nasceu dos jornais (outrora folhetins) que circulavam no dia a dia. Esse gênero que germinou na França, mas que, em sua aclimatização no Brasil, tornou-se um gênero outro daquele difundido na mídia europeia, teve no seu surgimento o caráter jornalístico que, até hoje, o constitui. No entanto, a crônica deixa de ser apenas um gênero que retrata fatos do cotidiano, a fim de registrá-los ou de compartilhá-los com a comunidade, a partir do momento em que seu suporte passa a ser não mais apenas os jornais, mas, também, livros, revistas, *blogs*, enfim. A crônica que, em sua origem, era um texto de cunho puramente jornalístico, torna-se, com sua repercussão e adesão, um texto, também, de caráter literário (SOARES, 2014).

Sendo assim, em nosso trabalho com os alunos, compreendemos a necessidade de lidar com o gênero crônica levando em consideração 1) seu caráter jornalístico e, portanto, um gênero que tenciona questões ligadas puramente ao cotidiano; 2) seu aspecto literário, capaz de propiciar uma leitura-fruição seja por meio de ironia, do humor, da crítica. Para além disso, coube-nos, também, elucidar aos alunos o tipo de linguagem utilizada pelos cronistas, sendo esta, de modo amplo, puramente coloquial - até porque o foco, nesses textos, é justamente o dia a dia, não cabendo, neste, a linguagem formal. Com isso, trabalhando a composição e o estilo da crônica, tal como sua origem e seu espaço social, concebemos que os alunos podem utilizar o aprendizado que foi desenvolvido com base em nossa ação docente não (apenas) para se tornarem produtores de textos do gênero em estudo, mas, para

além disso, serem leitores e compreendedores do modo como a crônica se constitui e se materializa no meio em que circula.

Considerando, ainda, que nosso projeto visou um estudo que parte dos textos materializados em gêneros, e que, a partir desses, podemos compreender o funcionamento da língua, coube-nos delinear as dimensões que ancoraram nossa percepção do trabalho com os textos: a dimensão intersubjetiva e a intrasubjetiva. A primeira delas, a intersubjetiva, se consolida no encontro entre o autor e o leitor. Segundo Bakhtin, os enunciados são concretos justamente por serem frutos da compreensão responsiva e ativa do outro; o meu enunciado possui um passado, não sou o primeiro locutor a utilizar a língua. Ao proferir um discurso, o enunciado emana discursos anteriores outros “[...]aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles)[...]” (BAKHTIN, 1997, p.291). E, da mesma forma, o ouvinte nunca recebe o enunciado de forma passiva, ainda que sua resposta seja muda. A linguagem se estabelece a partir desse jogo entre os interlocutores que irá se concretizar na “[...]alternância dos sujeitos falantes, ou seja, pela alternância dos locutores[...]” (BAKHTIN, 1997, p.294). Nesse mesmo sentido, conseguimos observar o texto enquanto um encontro entre estes interlocutores que, a partir de suas vivências e crenças, conseguem estabelecer esse diálogo. Dito isto, a dimensão intersubjetiva procura estabelecer, a partir desse encontro entre leitor e autor, “[...] a inserção social de sujeitos corpóreos em um dado espaço e suas relações uns com os outros por meio da linguagem [...]” (CERUTTI *et al*, 2014, p. 228), ou seja, a intersubjetividade procura entender a leitura enquanto processo histórico e cultural, e os leitores enquanto sujeitos que, tal como sugere Geraldi (1997), estão a tecer fios para estabelecer um encontro.

O produto de trabalho de produção se oferece ao leitor, e nele se realiza a cada leitura, num processo dialógico cuja trama todas as pontas dos fios do bordado tecido para tecer sempre o mesmo e outro bordado, pois as mãos que agora tecem trazem e traçam outra história. Não são mãos amarradas – se o fossem, a leitura seria de reconhecimento de sentidos e não de produção de sentidos; não são mãos livres que produzem seu bordado apenas com os fios que trazem nas veias sua história – se o fossem, a leitura seria um outro bordado que se sobrepõe ao bordado que se lê, ocultando-o, apagando-o, substituindo-o. São mãos carregadas de fios, que retomam e tomam os fios que no que se disse pelas estratégias de dizer se oferece para a tecedura do mesmo e outro bordado. (GERALDI, 1997, pg.166)

Partindo-se, portanto, da concepção intersubjetiva da leitura, compreendendo leitor e autor enquanto locutores responsivos e ativos do diálogo que se estabelece entre os mesmos, consideramos necessário tecer algumas reflexões acerca da dimensão que dê conta da

decodificação desse encontro, da compreensão linguística daquilo que é exposto. A intrasubjetividade é requerida, nesse sentido, para dar conta desses aspectos que são requeridos pela intersubjetividade. Ressaltamos que as dimensões intersubjetiva e intrasubjetiva estão imbricadas, de modo a não se manifestarem isoladamente, elas estão implicadas na concepção dialógica de leitura que aqui defendemos. Nesse sentido, para que o leitor consiga efetuar o encontro proposto pelo autor, é necessário que também haja uma compreensão do código utilizado, dos aspectos linguísticos nos quais o texto é ancorado. Por isso, há a necessidade de estudar nas aulas de línguas aspectos linguístico-textuais que possam propiciar aos alunos uma melhor compreensão e manuseio dos recursos linguísticos mobilizados na leitura e na escrita. O intuito, ao se trabalhar questões de cunho linguístico, é que os alunos “[...] potencializem suas possibilidades de compreensão leitora, concebida como resposta aos autores dos textos, como acabamento no delineamento dos sentidos, processo histórico, cultural e socialmente situado [...]” (CERUTTI *et al*, 2016, p.231).

Considerando esta compreensão, planejamos aulas que contemplassem aspectos de cunho linguístico, que são materializados, é claro, nos textos. A partir da leitura e compreensão de diversos textos que foram trabalhados ao longo de nossas aulas, assim como aqueles que foram produzidos pelos próprios alunos, foi que delimitamos as emergências linguísticas que foram norteadoras do nosso estudo do funcionamento da língua. Ou seja, foi, com base nas crônicas e gêneros outros que entraram em sala, que consolidamos as aulas de análise linguística.

Por entendermos que o estudo da língua a partir de movimentos isolados, tal como analisar frases retiradas de contexto, não ser suficiente para compreendermos o modo como a linguagem opera, é que defendemos, aqui, o estudo desta a partir dos textos. Bem como exposto por Antunes (2010), a frase, ao ser isolada, ou, ainda, as palavras quando fora dos enunciados, dos discursos que se materializam, não possuem qualquer imbricamento com o que concebemos como língua enquanto processo de interação verbal. Por compreendermos, tal como já dito anteriormente, a língua como recurso expressivo que apenas se consolida a partir da relação com o outro, é que optamos por trabalhar em nossa prática docente a língua tal como ela opera na vida real: por meio de suportes, de locutores e interlocutores ativos e responsivos, a partir de situações socio-comunicativas reais e concretas como a leitura e a escrita de crônicas. Essa consolidação, nos termos de Bakhtin (1997), se dá, como visto, pelos enunciados que constituem os textos (exemplares de um gênero), e, por isso, o movimento de analisar este, para chegar nos aspectos da língua.

De fato, somente no texto é possível encontrar justificativa relevante para, por exemplo, a escolha dos artigos (definido, indefinido), das expressões dêiticas (de pessoa, tempo e lugar), para a compreensão de relações semânticas entre frases encadeadas sem a presença de conectivos explícitos; para as propriedades referenciais de substantivos e pronomes, sem falar nas muitas funções textuais e discursivas da repetição de uma palavra ou da substituição de uma por outra equivalente. (ANTUNES, 2010, p. 46)

Antunes (2010), em “Análise de textos”, defende justamente o que vem ao encontro do que estamos propondo para o ensino de língua neste projeto de docência: compreender os movimentos linguísticos a partir dos textos em que eles estão inseridos. Procuramos, ao longo de nossas aulas, proporcionar um estudo de língua que nascesse das emergências textuais. É importante, aqui, ressaltar que realizar a análise linguística a partir dos textos pode se tornar um trabalho muito semelhante àquele de que se vem tentando desvencilhar-se: o estudo da língua de modo mecânico, utilizando o texto como pretexto para, ao fim, retirar sentenças do mesmo e analisá-las isoladamente. Deixamos claro, neste ponto, que nosso intuito foi realizar um estudo que transcendesse esse caráter tradicional das aulas de Língua Portuguesa, que pudesse “[...] promover o desenvolvimento de diferentes competências comunicativas [...]” (ANTUNES, 2010, p.51) nos nossos alunos.

Feitos tais delineamentos, compreendemos que as aulas de Língua Portuguesa devam ser sempre um espaço que contemple as necessidades dos alunos de ampliar (e melhorar) seus usos da linguagem, seja tanto na leitura quanto na escrita, assim como na sua fala. Entendemos que o trabalho ancorado em gêneros discursivos nos permite trabalhar a língua de forma mais situada e menos idealizada (tal como propunha o ensino tradicional), em vista de que o trabalho se dê a partir de textos concretos e que se instauram através da interação. Cabe, ainda, salientar que compreendemos o sujeito, ou, o aluno enquanto um outro que profere discursos responsivos e que provém de certas vivências que são únicas. O sujeito é, portanto, fruto de sua história e da realidade em que é inserido, e que, portanto, trabalhar com o outro é, antes de tudo, procurar compreender de que modo seus ideais foram (e são) estruturados, a fim de estar sempre procurando ajudá-lo a ampliar suas compreensões sociais e culturais.

Por fim, enfatizamos que o projeto “Cotidiano em cena: ressignificando vivências”, o qual previu (não apenas, mas também) a elaboração de uma coletânea de crônicas, consolidou-se com esse objetivo final em vista do que Geraldi (1997) trata como “ter a quem dizer”. Como entendemos que os estudos da língua devem ser realizados com o propósito de capacitar os alunos a utilizá-la no meio social, nas diferentes esferas em que fazemos uso da

mesma, acreditávamos ser de suma pertinência realizar um projeto em que os alunos pudessem, de fato, perceber que o estudo da língua não estava ocorrendo de forma isolada, fora do mundo que está para além dos muros da escola. O que é construído nas aulas de português é (e deve estar) totalmente imbricado com as necessidades que os alunos têm e terão nos diferentes usos da língua, nos diferentes meios em que se encontrarem. Por isso, produzir uma coletânea, que foi materializada e que circulou pela escola, mostrou aos alunos que realizar leituras, roteiros de estudos, produções textuais, análises linguísticas, esteve para muito além do que apenas atribuir uma nota. Tratou-se de compreender os diferentes modos pelos quais nossa língua pode se efetivar.

2.2.2.1 Avaliação

A concepção teórica de avaliação que adotamos para o desenvolvimento desse projeto de docência se estrutura no pensamento de que a avaliação deve ser feita de forma continuada, durante as aulas e atividades das quais os alunos participam, e não de um modo fixo, para “avaliar” seus conhecimentos, como provas e testes. De fato, não tivemos muito tempo para concatenar essa concepção com o aprendizado dos alunos, entretanto, assumimos, em nossa prática pedagógica, uma perspectiva de avaliação direcionada às tangentes de uma aula, como os conteúdos factuais, conceituais, procedimentais e atitudinais (ZABALLA, 1998).

Sendo assim, para que essa perspectiva se incorporasse com vigor em nosso projeto de docência, houve a necessidade de retormarmos a concepção de sujeito, que compreende o aluno enquanto um ser que vive num meio social, e, que tem sua própria história. Dessa forma, ao entendermos o aluno tal como um sujeito ativo e responsivo, coube à nós, professoras, que “converta[essemos] cada momento de avaliação num tempo de reflexão, de pesquisa, ou seja, de ensino e aprendizagem, de reorientação do saber anteriormente adquirido” (ANTUNES, 2003).

Nas aulas de Língua Portuguesa é necessária que haja a reflexão sobre a língua de uma forma mais geral, atentando aos aspectos interacionais e sociais de uso da escrita e leitura. Para que isso acontecesse, adotamos em nossa concepção de avaliação, uma perspectiva que fosse além de ter como objeto de ensino as normas ortográficas e linguísticas de uma forma isolada. Mais que isso, procuramos, em nossa prática pedagógica, ampliar as habilidades linguísticas dos alunos de maneira situada. Como Irandé Antunes reflete seu livro “Aula de Português: Encontro e Interação”:

A avaliação, como tudo o mais, é antes de tudo uma questão de concepção e não uma questão de técnica. Daí a conveniência de o professor pensar, observar, descobrir, em cada momento, a maneira mais adequada de contribuir para que seu aluno cresça na aquisição de sua competência comunicativa; de, sobretudo, estimular, encorajar, deixar os alunos com uma vontade grande de aprender, sentindo-se para isso perfeitamente capacitado e, por isso, inteiramente gratificado. (ANTUNES, 2003, p. 165)

Por fim, mais detalhadamente, a avaliação dos alunos foi, em primeira instância, realizada a partir de cinco notas distribuídas entre: a produção textual final de uma crônica, a realização dos roteiros de estudo, o comprometimento com o roteiro de leitura que foi trabalhado ao longo de todas as aulas, as apresentações orais, a realização dos trabalhos propostos em sala de aula, a reescrita da crônica, e a participação efetiva ao longo do desenvolvimento de todas as atividades que foram previstas no projeto de docência.

Entre os distintos tópicos elencados, consideramos questões que se referem à postura dos alunos nas atividades propostas em sala, assim como o respeito aos professores e aos colegas; a oralidade, a entonação, a fluência e o ritmo nas apresentações orais que foram feitas; a participação nas aulas expositivas, observadas a partir de suas indagações coerentes ou não ao assunto estudado; o comprometimento com a realização dos roteiros de estudos, entregues às professoras em datas previamente determinadas; o envolvimento com as leituras realizadas em sala, demonstrado pela postura dos estudantes no contato com os textos, assim como pela facção do roteiro de leitura, que permeou todas as compreensões de leitura dos alunos; e, por fim, a adequação da crônica, considerando os elementos constituintes do gênero, que foram trabalhados ao longo das aulas.

2.2.3 Objetivos

Baseando-se no que foi exposto no referencial teórico, possuíamos como objetivo ampliar os conhecimentos de mundo dos alunos, a partir do trabalho com o gênero crônica, a fim de alargar suas competências não só linguísticas, mas, também, sociais. Pretendíamos, ao trabalhar com a crônica, que é um gênero intrinsecamente pertencente ao cotidiano, instigar os alunos a refletirem sobre as questões emergenciais de seus entornos, conferindo a eles a posição de sujeitos ativos e responsivos (Bakhtin, 1997). Tal objetivo também contou com a realização de diversas atividades em que os alunos puderam colocar-se oralmente em frente à

turma, contribuindo para o aprendizado que tenciona questões de oralidade, de entonação, ritmo e fluência, sendo estes tão necessários para que haja relações sociais mais críticas.

Para além disso, pretendíamos realizar um trabalho que facultasse aos estudantes a possibilidade de compreender o modo como o gênero crônica se materializa, a partir de leituras e estudos de diversos textos deste gênero e dos conhecimentos que os alunos já possuíam, sistematizando as características inerentes à crônica (sendo elas discursivas, composicionais, estruturais, temáticas e linguísticas) e viabilizando-lhes um estudo aprofundado não só do gênero em questão, como, também, do nosso objeto maior que é a língua.

2.2.4 Conhecimentos trabalhados

Ao longo do desenvolvimento desse projeto de docência, foram explorados conhecimentos de variadas ordens. Como destacado anteriormente, o projeto se sustenta no tripé: leitura, análise linguística e produção textual. Dessa forma, durante as aulas, ao entrar em contato com cada um desses elementos do saber, o aluno pode ampliar seu repertório de conhecimentos acerca das práticas de uso da língua. Nos momentos de leitura em sala, que foram realizadas oralmente e silenciosamente, foram trabalhados a expressividade, entonação, fluência e ritmo quando da apresentação, assim como a escuta do outro, o prazer da leitura-fruição e a interpretação.

Na análise linguística, direcionamos a reflexão para aspectos linguísticos e extralinguísticos, a partir de roteiros de estudos, debates em sala e exposição de conteúdo, sobre os aspectos gerais da crônica. Foram trabalhadas, em evidência, a estrutura narrativa do gênero; as marcas discursivas, expressivas e linguísticas; os tipos de discurso: direto, indireto e indireto livre; conteúdos temáticos e composicionais e, também, aspectos pertinentes às necessidades dos alunos observadas nas suas produções textuais. A produção de texto, diretamente ligada com a análise linguística, serviu como materialização dos conhecimentos adquiridos durante o andamento das aulas. Foi trabalhado, nesse quesito, a escrita e reescrita, proporcionando, dessa maneira, a adequação do texto ao gênero. Por fim, além desses conhecimentos, a função social e o espaço de circulação do gênero crônica também foram abordados ao longo das aulas e durante as discussões.

2.2.5 Metodologia

As ações previstas que foram co-construídas em sala estavam ancoradas em um planejamento de dezoito aulas, todas articuladas a partir de um eixo central que as norteou. Nosso trabalho, como já elucidado, possuía como intuito propiciar aos alunos a experiência de ler e escrever crônicas, por meio do contato direto com diversos textos desse gênero. Por isso, nossas aulas foram mediadas com o foco nessa ampliação de conhecimentos dos alunos, levantando, sempre, as questões pertinentes ao gênero que era nosso objeto central. Ao longo de nossos encontros, estivemos operando com questões discursivas, composicionais, temáticas, estruturais e linguísticas da crônica.

Cabe ressaltar, que tais compartilhamentos de saber, elencados acima, estiveram sempre ancorados a partir dos conhecimentos prévios que eles já possuíam. Trabalhamos com os conteúdos característicos da crônica sempre questionando os estudantes sobre o que eles já sabiam acerca de. Nossa metodologia visou manter um diálogo entre os alunos para que as manifestações (sociais) dos conteúdos fossem sempre analisadas antes de lhes mostrarmos suas conceitualizações. Por assim dizer, levantamos com os estudantes primeiramente os conteúdos que estavam em foco nas diferentes aulas, partindo de exemplificações concretas do uso e do conhecimento que eles possuem destas, para, enfim, sistematizar suas definições.

Com isso, ressaltamos que nossos planos de aula previram estudos que abrangeram a compreensão do gênero crônica: o modo como ela opera, em que meios sociais circula, a temática que costuma abordar, a linguagem que costuma aparecer. Isso se deu, portanto, a partir do contato direto com diferentes textos do gênero, com roteiros de leitura, roteiros de atividade, análises textuais e linguísticas, para que, enfim, realizássemos a produção escrita. Apenas após levantarmos os conhecimentos que os alunos já possuíam da crônica e, após sistematizar estes e os conceitos novos que foram trabalhados, é que a realização das produções textuais foi possível. A partir de um estudo aprofundado e largamente discutido acerca do fazer crônica é que os alunos puderam, enfim, escrever seus textos, que constituíram nosso ponto final do projeto: a coletânea de crônicas.

Tal procedimento, portanto, se concretizou a partir dos quatro encontros semanais que foram realizados com os alunos, sendo estes na quarta-feira (1h/a), na quinta-feira (1h/a) e na sexta-feira (2h/a). As nossas aulas tiveram início no dia 05 de outubro e foram finalizadas em 16 de novembro. Procuramos, ao longo destas, realizar de forma efetiva as atividades que estavam previstas em nosso cronograma, levando em consideração o movimento acima delineado.

2.2.5.1 Recursos

2.2.5.1.1 Recursos Materiais

Foi necessário para a realização deste projeto de docência: notebook, projetor multimídia, *pendrive* para o arquivo em slides e vídeo, lousa e caneta para quadro branco. Também foi necessário o uso dos materiais dos alunos, como: caderno, lápis e caneta.

2.2.5.1.2 Recursos Bibliográficos

Os materiais bibliográficos foram, em sua maioria, as crônicas impressas trabalhadas em aula, sendo elas: *O Lixo*, de Luís Fernando Veríssimo; *A bola*, de Luís Fernando Veríssimo; *A velhinha contrabandista*, de Sérgio Porto; *Conversinha mineira*, Fernando Sabino; *Mãe*, de Rubem Braga; *Sexta Feira 13*, de Luís Fernando Veríssimo; *A sexta*, de Luís Fernando Veríssimo; *Aspirador de Pó*, de Fernando Sabino; *A última crônica*, de Fernando Sabino; *Atitude suspeita*, de Luís Fernando Veríssimo; *O diamante*, de Luís Fernando Veríssimo; *Meu ideal seria escrever...*, de Rubem Braga; *Eita Perguntinha*, de Domingos Pellegrini; *Ladrão que rouba ladrão*, de Domingo Pellegrini; *A foto*, de Luís Fernando Veríssimo; e, *O homem trocado*, de Luís Fernando Veríssimo.

Também foram necessários jornais previamente escolhidos, roteiros de estudos e sínteses de conteúdos impressos.

2.2.5.2 Síntese do cronograma das aulas

Aula 1 – 05/10 – quarta-feira	A etimologia da palavra crônica
Aula 2 – 06/10 - quinta-feira	Leitura fruição de crônicas
Aulas 3 e 4 – 07/10 - sexta-feira	Características do Gênero Crônica
Aula 5 – 13/10 - quinta-feira	Conteúdos Temáticos e Compositivos do Gênero Crônica
Aula 6 e 7 – 14/10 – sexta-feira	Análise Linguística do Gênero Crônica
Aula 8 - 19/10 – quarta-feira	Relação crônica e notícia

Aula 9 – 20/10 – quinta-feira	Leitura-fruição de crônicas
Aulas 10 e 11 – 21/10 – sexta-feira	Produção da 1ª versão da crônica
Aula 12 – 26/10 – quarta-feira	Análise textual: aspectos composicionais da crônica
Aula 13 – 27/10 - quinta-feira	Análise linguística
Aula 14– 03/11 -quinta-feira	Leitura-fruição de crônicas
Aula 15 e 16 – 04/11 – sexta-feira	Reescrita da crônica
Aula 17 – 09/11 - quarta-feira	Socialização das crônicas produzidas pelos alunos
Aula 18– 10/11 - quinta-feira	Encerramento do Projeto de docência “O cotidiano em cena: ressignificando vivências”

2.2.5.3 Planos de aula

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
EBM Beatriz de Souza Brito
Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiária responsável pela aula: Débora Gonçalves
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 7º - Turma: 71

Plano de aula 1 – 1 h/a

(05/10 – Quarta-feira – 07h45 às 08h30)

Tema: A etimologia da palavra crônica

Objetivo Geral:

Estabelecer a relação entre a origem etimológica da palavra crônica, a partir do jogo “O que é, o que é?” e a crônica como um gênero discursivo que se refere ao cotidiano.

Objetivos Específicos:

- Conhecer o Projeto de Docência “O cotidiano em cena: ressignificando vivências” pela leitura e discussão do texto de apresentação elaborado pelas estagiárias professoras;
- Perceber a importância do envolvimento individual e coletivo em todas as etapas e atividades previstas no projeto “O cotidiano em cena: ressignificando vivências” para constituírem-se co-produtores desta ação docente;
- Aproximar-se do gênero crônica a partir da reflexão da origem etimológica da palavra, considerando a participação no jogo “O que é, o que é?”;
- Reconhecer a crônica como um gênero que aborda temas do cotidiano pela análise e discussão das respostas de questões do jogo “O que é, o que é?”;
- Expressar-se com clareza, fluência e entonação no debate do texto de apresentação do projeto docência, assim como na leitura oral das questões do jogo de palavras e nas respostas às charadas propostas;
- Demonstrar atitudes de cooperação durante o desenvolvimento do jogo “O que é, o que é” pela postura de escuta atenta e ativa em relação à fala do outro e de solicitação da palavra para manifestação de posicionamento próprio.

Conhecimentos abordados:

- Leitura e discussão do texto de apresentação do Projeto de Docência “O cotidiano em cena: ressignificando vivências”;
- O radical latino “crono” em diferentes vocábulos;
- O significado de tempo do radical “crono”;
- Origem etimológica da palavra crônica;

- Relação do gênero discursivo crônica com o sentido de tempo do radical “crono” e com o cotidiano.

Metodologia

- Entregar aos alunos cópias do texto de apresentação do nosso projeto, “O cotidiano em cena: ressignificando vivências”;
- Ler o texto entregue (em voz alta, pela estagiária), e discutir brevemente o mesmo. Indagar se os alunos possuem alguma dúvida em relação ao que foi exposto;
- Efetuar a chamada;
- Realizar um jogo de palavras, “O que é, o que é?”, com os alunos. Em um cartaz, haverá envelopes contendo charadas a serem lidas por quem se voluntariar e respondidas por toda turma;
- Em outro cartaz, à medida que as charadas vão sendo respondidas, serão coladas as palavras que respondem a cada questão e as imagens que as ilustram, já impressas previamente. Realizar a colagem de modo a destacar o radical “crono”, existente em praticamente todas as palavras, montando uma espécie de mosaico;
- Discutir a relação entre as palavras-respostas, associando-as com o gênero crônica;
- Entregar aos alunos uma pasta, explicando a eles que ela terá duas finalidades: 1) servir como espaço para guardarem os materiais a serem utilizados e as atividades a serem realizadas ao longo do desenvolvimento das aulas; e 2) servir como instrumento de avaliação, pois a cada semana a organização da pasta será observada e avaliada. Sugerir que os alunos decorem a pasta com recortes de cenas e imagens do cotidiano de cada um, ou com imagens que lembrem diferentes momentos de suas vidas. Esclarecer que as atividades avaliativas terão peso reduzido quando entregadas após o prazo.

Recursos didáticos

- Pastas de plástico com elástico;
- 30 cópias do texto de apresentação do projeto de docência “O cotidiano em cena: ressignificando vivências”;
- Materiais para realização do jogo: cartolina, envelopes, charadas impressas, cola, canetão.

Avaliação

Os alunos serão avaliados pela participação na leitura do texto de apresentação do projeto de docência, considerando os questionamentos a serem propostos e as respostas às questões das professoras-estagiárias, e pela participação no jogo de palavras, considerando o envolvimento na solicitação de leitura das questões e a interação no movimento de resposta às charadas.

Referências

Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em 15 de setembro de 2016.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento.** São Carlos: Pedro&João Editores, 2010.

PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. **Aprendizagem e subjetividade: uma construção a partir do brincar.** Rev. Dep. Psicol.,UFF [online]. 2005, vol.17, n.2, pp. 61-76. ISSN 0104-8023. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rdpsi/v17n2/v17n2a06.pdf>; acesso em: 18 de setembro de 2016-09-19.

SOARES, Marcus Vinicius Nogueira. **A crônica brasileira do século XIX:** Uma breve história. São Paulo: É Realizações, 2014.

ANEXO 1 – Texto de apresentação do Projeto de docência “O cotidiano em cena: ressignificando vivências”

EBM Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Professoras-Estagiárias: Débora Gonçalves e Larissa Malu

Turma: 71

O cotidiano em cena: ressignificando vivências

Ao longo das próximas 18 aulas que estaremos com vocês, assumindo a docência da disciplina de Língua Portuguesa, faremos diversas leituras de crônicas e realizaremos estudos sobre as características desse gênero tão presente no nosso cotidiano. Aliás, você sabia que é a partir das circunstâncias e dos sentimentos mais singelos do dia a dia que esses textos são produzidos?

O nosso projeto, deste modo, será um encontro entre as histórias que vocês têm para compartilhar e os estudos que faremos em sala de aula. Desejamos, ao longo do bimestre, construir com vocês uma coletânea de crônicas, repletas de narrativas baseadas no que acontece ao redor de vocês.

A avaliação de vocês será considerada a partir da realização das atividades propostas em sala, tal como: apresentações para os colegas, respostas a roteiros de estudo, participação efetiva nas aulas, e, claro, a produção da crônica, que fará parte da coletânea a ser organizada por nós.

“Bora” lá?! ☺

ANEXO 2 - Charadas

1. O que é o que é: que mede o tempo em pequenas frações de segundo?
R: Cronômetro
2. O que é o que é: que representa graficamente a previsão de execução de um trabalho, com a indicação das fases e dos prazos de execução?
R: Cronograma
3. O que é o que é: qual o nome do deus do tempo? Dica: está na mitologia grega!
R: *Chronos*
4. O que é o que é: qual é o gênero textual que informa acontecimentos recentes?
R: Notícia
5. O que é o que é: qual o gênero textual que narra fatos do cotidiano, mas que, ao contrário da notícia, não tem função informativa; sua leitura é principalmente para fruição.
R: Crônica
6. O que é o que é: aquele quem escreve crônicas
R: Cronista

ANEXO 3 -Imagens

CRONOGRAMA DA OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA

MÊS/ANO	ETAPAS
Fevereiro/2016	25 –Lançamento Nacional da Olimpíada 2016 25 - Início da inscrição do professor e adesão das secretarias de educação 25 - Início da realização das oficinas nas escolas
Abril/2016	30 - Último dia para a inscrição do professor e adesão das secretarias de educação
Agosto/2016	08 - Último dia da realização das oficinas nas escolas 10 - Início da avaliação da Etapa Escolar (Comissão Julgadora Escolar) 19 - Fim da avaliação da Etapa Escolar (Comissão Julgadora Escolar) 19 - Último dia para as escolas enviarem os textos 23 - Início da avaliação da Etapa Municipal (Comissão Julgadora Municipal)
Setembro /2016	09 - Fim da avaliação da Etapa Municipal (Comissão Julgadora Municipal) 16 - Início da avaliação virtual dos textos 25 - Fim da avaliação virtual dos textos 26 - Início da avaliação da Etapa Estadual (Comissão julgadora estadual)
Outubro/2016	11 - Fim da avaliação da etapa estadual (Comissão julgadora estadual) 25a 27 - 1ª etapa da semifinal
Novembro/2016	07a 09 - 2ª etapa semifinal 09a 11 - 3ª etapa semifinal 16a 18 - 4ª etapa semifinal 29–Avaliação da Etapa Nacional (Comissão Julgadora Nacional)
Dezembro/2016	06 - Evento de premiação e festa final

Figura 1 Cronograma



Figura 2 Chronos



Figura 3 Notícia

UM PEQUENA CRÔNICA

Janela ao sol. Estico o pescoço com dificuldades e olho para fora. Pessoas apressadas, buzinas, olhares fugidios. Ouço vozes, muitas. Desconexas, sem fim nem começo. Sinto cheiros estranhos. Não há mais o que se provar. Não há mais gostos, apenas releituras bizarras. Fedor. Os toques são sempre involuntários. Esbarros. Ninguém teve a intenção. O emaranhado das relações parece mais romances de lã embarçados. Ninguém sabe onde tudo começa. Estou cansado, minha vista dói. Não suporto mais essa confusão. Encolho o pescoço, fecho a janela, olho para o quarto. O espelho no fundo revela-me. Descubro, então, que eu estava dentro de mim.

Lissânder Dias

Figura 4 Crônica



Figura 5 Cronômetro



Figura 6 Cronista - Luís Fernando Veríssimo

ANEXO 4 – Fotos referentes à dinâmica elaborada no jogo “O que é, o que é?”



Acervo pessoal



Acervo pessoal



Acervo pessoal

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
EBM Beatriz de Souza Brito
Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiária responsável pela aula: Débora Gonçalves
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 7º - Turma: 71

Plano de aula 2 – 1 h/a (06/10 – Quinta-feira – 08h30 às 09h15)

Tema: Leitura fruição de crônicas

Objetivo Geral:

Aproximar-se do gênero crônica pela leitura-fruição de crônicas de diferentes autores, reconhecendo a função social, esfera de circulação e algumas especificidades composicionais.

Objetivos Específicos:

- Reconhecer a crônica como um gênero que circula socialmente, em diferentes esferas de comunicação e em diversos suportes, pela leitura e análise de crônicas de diferentes autores;
- Identificar o tema, a forma de abordagem e o tipo de linguagem utilizados por diferentes autores, a partir da leitura e análise de distintas crônicas;
- Reconhecer o livro e os meios digitais enquanto suportes de circulação do gênero crônica, por meio da identificação das marcas encontradas nos textos que remetem a esses suportes.

Conhecimentos abordados:

- Leitura-fruição de crônicas;
- Função social e esferas de circulação do gênero crônica;
- Tema, forma de abordagem do tema, tipo de linguagem do gênero crônica;
- A escrita como recurso para sistematização de propriedades do gênero crônica.

Metodologia

- Entregar aos alunos cópias das crônicas *O Lixo*, de Luís Fernando Veríssimo; *A bola*, de Luís Fernando Veríssimo; *A velhinha contrabandista*, de Sérgio Porto; *Conversinha mineira*, Fernando Sabino; e, *Mãe*, de Rubem Braga. Cada aluno receberá apenas um texto;
- Realizar a leitura-fruição da crônica recebida. Para este momento, estão previstos 20 minutos. Conforme os estudantes finalizam a leitura, poderão trocar, com os colegas, a crônica que possuem em mãos, realizando a leitura de outros textos;
- Após a finalização do tempo de leitura, entregar aos alunos cópias de um roteiro de estudo em forma de tabela para que eles anotem suas compreensões de leitura, de

acordo com a interpretação de uma das crônicas lidas em sala, considerando alguns elementos que constituem este gênero;

- Elucidar que este roteiro de estudo em forma de tabela terá peso avaliativo ao fim do bimestre. Os alunos serão avaliados de acordo com a quantidade de crônicas lidas, cuja compreensão de cada uma delas será registrada na mesma;
- Certificar-se de que, ao fim da aula, cada aluno fique com uma crônica impressa, e solicitar que tragam para a próxima aula, pois será utilizada para outra atividade.

Recursos didáticos

- 30 Crônicas impressas, sendo: 6 cópias de *O Lixo*, de Luís Fernando Veríssimo; 6 cópias de *A bola*, de Luís Fernando Veríssimo; 6 cópias de *A velhinha contrabandista*, de Sérgio Porto; 6 cópias de *Conversinha mineira*, de Fernando Sabino; e, 6 cópias de *Mãe*, de Rubem Braga.
- Roteiros de estudo em forma de tabela impressos.

Avaliação

Os alunos serão avaliados a partir do compromisso com a leitura pela postura demonstrada durante a atividade e pelo preenchimento da compreensão leitora da tabela, considerando a adequação das informações registradas. Ao final do período de nossa docência, esta tabela deverá ter registrada, minimamente, a compreensão de leitura de sete crônicas – número de textos que serão trabalhados em sala de aula. Esta atividade valerá 5 pontos, de um total de 10.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de *et al.* **Para gostar de ler: crônicas**. São Paulo: Ática, 1979-80.

BRAGA, Rubem. **Coisas simples do cotidiano**. São Paulo: Ed. Nacional, 1984.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo, Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção biblioteca universal).

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

PRETA, Stanislaw Ponte. **A velhinha contrabandista**. Disponível em: <http://www.simplesmenteportugues.com.br/2009/11/atividade-interpretacao-de-texto-5.html>> Acesso em 15 de setembro de 2016.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **A bola**. Disponível em: http://www.aridesa.com.br/servicos/click_professor/caroline_lopes/curiosidades/abola.pdf> Acesso em 15 de setembro de 2016.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **O lixo**. Disponível em <http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/4309074.pdf>> Acesso em 16 de setembro de 2016.

ANEXO 1 – Roteiro de leitura

EBM Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiárias-Professoras: Débora Gonçalves e Larissa Malu

Turma:71

Roteiro de leitura

Título e Autor	Personagens	Tema e Assunto	Onde? Quando?	Tipo de linguagem (coloquial ou formal)	Intuito do autor (humorístico, irônico, crítico...)	Situação do cotidiano retratada

ANEXO 2 – Crônica “O lixo”, de Luís Fernando Veríssimo

EBM Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiárias-Professoras: Débora Gonçalves e Larissa Malu

Turma:71

O LIXO

Luís Fernando Veríssimo

Encontram-se na área de serviço. Cada um com seu pacote de lixo. É a primeira vez que se falam.

- Bom dia...
- Bom dia.
- A senhora é do 610.
- E o senhor do 612
- É.
- Eu ainda não lhe conhecia pessoalmente...
- Pois é...
- Desculpe a minha indiscrição, mas tenho visto o seu lixo...
- O meu quê?
- O seu lixo.
- Ah...
- Reparei que nunca é muito. Sua família deve ser pequena...
- Na verdade sou só eu.
- Mmmm. Notei também que o senhor usa muito comida em lata.
- É que eu tenho que fazer minha própria comida. E como não sei cozinhar...
- Entendo.
- A senhora também...
- Me chame de você.
- Você também perdoe a minha indiscrição, mas tenho visto alguns restos de comida em seu lixo. Champignons, coisas assim...
- É que eu gosto muito de cozinhar. Fazer pratos diferentes. Mas, como moro sozinha, às vezes sobra...
- A senhora... Você não tem família?
- Tenho, mas não aqui.
- No Espírito Santo.
- Como é que você sabe?
- Vejo uns envelopes no seu lixo. Do Espírito Santo.
- É. Mamãe escreve todas as semanas.
- Ela é professora?
- Isso é incrível! Como foi que você adivinhou?
- Pela letra no envelope. Achei que era letra de professora.

- O senhor não recebe muitas cartas. A julgar pelo seu lixo.
- Pois é...
- No outro dia tinha um envelope de telegrama amassado.
- É.
- Más notícias?
- Meu pai. Morreu.
- Sinto muito.
- Ele já estava bem velhinho. Lá no Sul. Há tempos não nos víamos.
- Foi por isso que você recomeçou a fumar?
- Como é que você sabe?
- De um dia para o outro começaram a aparecer carteiras de cigarro amassadas no seu lixo.
- É verdade. Mas consegui parar outra vez.
- Eu, graças a Deus, nunca fumei.
- Eu sei. Mas tenho visto uns vidrinhos de comprimido no seu lixo...
- Tranquilizantes. Foi uma fase. Já passou.
- Você brigou com o namorado, certo?
- Isso você também descobriu no lixo?
- Primeiro o buquê de flores, com o cartãozinho, jogado fora. Depois, muito lenço de papel.
- É, chorei bastante, mas já passou.
- Mas hoje ainda tem uns lencinhos...
- É que eu estou com um pouco de coriza.
- Ah.
- Vejo muita revista de palavras cruzadas no seu lixo.
- É. Sim. Bem. Eu fico muito em casa. Não saio muito. Sabe como é.
- Namorada?
- Não.
- Mas há uns dias tinha uma fotografia de mulher no seu lixo. Até bonitinha.
- Eu estava limpando umas gavetas. Coisa antiga.
- Você não rasgou a fotografia. Isso significa que, no fundo, você quer que ela volte.
- Você já está analisando o meu lixo!
- Não posso negar que o seu lixo me interessou.
- Engraçado. Quando examinei o seu lixo, decidi que gostaria de conhecê-la. Acho que foi a poesia.
- Não! Você viu meus poemas?
- Vi e gostei muito.
- Mas são muito ruins!
- Se você achasse eles ruins mesmo, teria rasgado. Eles só estavam dobrados.
- Se eu soubesse que você ia ler...
- Só não fiquei com eles porque, afinal, estaria roubando. Se bem que, não sei: o lixo da pessoa ainda é propriedade dela?
- Acho que não. Lixo é domínio público.

- Você tem razão. Através do lixo, o particular se torna público. O que sobra da nossa vida privada se integra com a sobra dos outros. O lixo é comunitário. É a nossa parte mais social. Será isso?

- Bom, aí você já está indo fundo demais no lixo. Acho que...

- Ontem, no seu lixo...

- O quê?

- Me enganei, ou eram cascas de camarão?

- Acertou. Comprei uns camarões graúdos e descasquei.

- Eu adoro camarão.

- Descasquei, mas ainda não comi. Quem sabe a gente pode...

- Jantar juntos?

- É.

- Não quero dar trabalho.

- Trabalho nenhum.

- Vai sujar a sua cozinha?

- Nada. Num instante se limpa tudo e põe os restos fora.

- No seu lixo ou no meu?

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **O lixo**. Disponível em

<<http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/4309074.pdf>> Acesso em 16 de setembro de 2016.

ANEXO 3 – Crônica “A bola” de Luís Fernando Veríssimo

EBM Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiárias-Professoras: Débora Gonçalves e Larissa Malu

Turma:71

A BOLA

Luís Fernando Veríssimo

O pai deu uma bola de presente ao filho. Lembrando o prazer que sentira ao ganhar a sua primeira bola do pai. Uma número 5 sem tento oficial de couro. Agora não era mais de couro, era de plástico. Mas era uma bola.

O garoto agradeceu, desembalhou a bola e disse "Legal!". Ou o que os garotos dizem hoje em dia quando não gostam do presente ou não querem magoar o velho.

Depois começou a girar a bola, à procura de alguma coisa.

- Como é que liga? - perguntou.

- Como, como é que liga? Não se liga.

O garoto procurou dentro do papel de embrulho.

-Não tem manual de instrução?

O pai começou a desanimar e a pensar que os tempos são outros. Que os tempos são decididamente outros.

- Não precisa manual de instrução.

- O que é que ela faz?

- Ela não faz nada. Você é que faz coisas com ela.

- O quê?

- Controla, chuta...

- Ah, então é uma bola.

- Claro que é uma bola.

- Uma bola, bola. Uma bola mesmo.

- Você pensou que fosse o quê?

- Nada, não.

O garoto agradeceu, disse "Legal" de novo, e dali a pouco o pai o encontrou na frente da tevê, com a bola nova do lado, manejando os controles de um videogame. Algo chamado Monster Ball, em que times de monstrinhos disputavam a posse de uma bola em forma de blip eletrônico na tela ao mesmo tempo que tentavam se destruir mutuamente. O garoto era bom no jogo. Tinha coordenação e raciocínio rápido. Estava ganhando da máquina. O pai pegou a bola nova e ensaiou algumas embaixadas. Conseguiu equilibrar a bola no peito do pé, como antigamente, e chamou o garoto.

- Filho, olha.

O garoto disse "Legal" mas não desviou os olhos da tela. O pai segurou a bola com as mãos e a cheirou, tentando recapturar mentalmente o cheiro de couro. A bola cheirava a

nada. Talvez um manual de instrução fosse uma boa ideia, pensou. Mas em inglês, para a garotada se interessar.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **A bola**. Disponível em: <http://www.aridesa.com.br/servicos/click_professor/caroline_lopes/curiosidades/abola.pdf> Acesso em 15 de setembro de 2016.

ANEXO 4 – Crônica “A velhinha contrabandista” de Stanislaw Ponte Preta (Sérgio Porto)

EBM Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiárias-Professoras: Débora Gonçalves e Larissa Malu

Turma:71

A VELHINHA CONTRABANDISTA

Stanislaw Ponte Preta (Sérgio Porto)

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega – tudo malandro velho – começou a desconfiar da velhinha.

Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:

- Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco?

A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo e respondeu:

- É areia!

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai! O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

- Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

- Mas no saco só tem areia! – insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

- Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreendo, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

- O senhor promete que não “espaia”? – quis saber a velhinha.

- Juro – respondeu o fiscal.

- É lambreta.

PRETA, Stanislaw Ponte. **A velhinha contrabandista**. Disponível em:
<<http://www.simplesmenteportugues.com.br/2009/11/atividade-interpretacao-de-texto-5.html>> Acesso em 15 de setembro de 2016.

ANEXO 5 – Crônica “Conversinha mineira” de Fernando Sabino

EBM Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiárias-Professoras: Débora Gonçalves e Larissa Malu

Turma:71

CONVERSINHA MINEIRA

Fernando Sabino

- É bom mesmo o cafezinho daqui, meu amigo?
- Sei dizer não senhor: não tomo café.
- Você é dono do café, não sabe dizer?
- Ninguém tem reclamado dele não senhor.
- Então me dá café com leite, pão e manteiga.
- Café com leite só se for sem leite.
- Não tem leite?
- Hoje, não senhor.
- Por que *hoje* não?
- Porque hoje o leiteiro não veio.
- Ontem ele veio?
- Ontem não.
- Quando é que ele vem?
- Tem dia certo não senhor. Às vezes vem, às vezes não vem. Só que no dia que devia vir em geral não vem.
- Mas ali fora está escrito “Leiteria”!
- Ah, isso está, sim senhor.
- Quando é que tem leite?
- Quando o leiteiro vem.
- Tem ali um sujeito comendo coalhada. É feita de quê?
- O quê: coalhada? Então o senhor não sabe de que é feita a coalhada?
- Está bem, você ganhou. Me traz um café com leite *sem* leite. Escuta uma coisa: como é que vai indo a política aqui na sua cidade?
- Sei dizer não senhor: eu não sou daqui.
- E há quanto tempo o senhor mora aqui?
- Vai para uns quinze anos. Isto é, não posso agarrar com certeza: um pouco mais, um pouco menos.
- Já dava para saber como vai indo a situação, não acha?
- Ah, o senhor fala da situação? Dizem que vai bem.
- Para que Partido?
- Para todos os Partidos, parece.
- Eu gostaria de saber quem é que vai ganhar a eleição aqui.
- Eu também gostaria. Uns falam que é um, outros falam que outro. Nessa mexida...

- E o Prefeito?
- Que é que tem o Prefeito?
- Que tal o Prefeito daqui?
- O Prefeito? É tal e qual eles falam dele.
- Que é que falam dele?
- Dele? Uai, esse trem todo que falam de tudo quanto é Prefeito.
- Você, certamente, já tem candidato.
- Quem, eu? Estou esperando as plataformas.
- Mas tem ali o retrato de um candidato dependurado na parede, que história é essa?
- Aonde, ali? Uê, gente: penduraram isso aí...

ANDRADE, Carlos Drummond de et al. **Para gostar de ler: crônicas**. São Paulo: Ática, 1979-80.

ANEXO 6 – Crônica “Mãe” de Rubem Braga

EBM Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiárias-Professoras: Débora Gonçalves e Larissa Malu

Turma:71

MÃE

Rubem Braga

*(Crônica dedicada ao Dia das Mães,
embora com o final inadequado, ainda que autêntico.)*

O menino e seu amiguinho brincavam nas primeiras espumas; o pai fumava um cigarro na praia, batendo papo com um amigo. E o mundo era inocente, na manhã de sol. Foi então que chegou a Mãe (esta crônica é modesta contribuição ao Dia das Mães), muito elegante em seu **short**, e mais ainda em seu maiô. Trouxe óculos escuros, uma esteirinha para se esticar, óleo para a pele, revista para ler, pente para se pentear — e trouxe seu coração de Mãe que imediatamente se pôs aflito achando que o menino estava muito longe e o mar estava muito forte.

Depois de fingir três vezes não ouvir seu nome gritado pelo pai, o garoto saiu do mar resmungando, mas logo voltou a se interessar pela alegria da vida, batendo bola com o amigo. Então a Mãe começou a folhear a revista mundana — "que vestido horroroso o da Marieta neste coquetel" — "que presente de casamento vamos dar à Lúcia? tem de ser uma coisa boa" — e outros pequenos assuntos sociais foram aflorados numa conversa preguiçosa. Mas de repente:

— Cadê Joãozinho?

O outro menino, interpelado, informou que Joãozinho tinha ido em casa apanhar uma bola maior.

— Meu Deus, esse menino atravessando a rua sozinho! Vai lá? João, para atravessar com ele, pelo menos na volta!

O pai (fica em minúscula; o Dia é da Mãe) achou que não era preciso:

— O menino tem OITO anos, Maria!

— OITO anos, não, oito anos, uma criança. Se todo dia morre gente grande atropelada, que dirá um menino distraído como esse!

E erguendo-se olhava os carros que passavam, todos guiados por assassinos (em potencial) de seu filhinho.

— Bem, eu vou lá só para você não ficar assustada.

Talvez a sombra do medo tivesse ganho também o coração do pai; mas quando ele se levantou e calçou a alpercata para atravessar os vinte metros de areia fofa e escaldante que o separavam da calçada, o garoto apareceu correndo alegremente com uma bola vermelha na mão, e a paz voltou a reinar sobre a face da praia.

Agora o amigo do casal estava contando pequenos escândalos de uma festa a que fora na véspera, e o casal ouvia, muito interessado — "mas a Niquinha com o coronel? não é possível!" — quando a Mãe se ergueu de repente:

— E o Joãozinho?

Os três olharam em todas as direções, sem resultado. O marido, muito calmo — "deve estar por aí", a Mãe gradativamente nervosa — "mas por aí, onde?" — o amigo otimista, mas levemente apreensivo. Havia cinco ou seis meninos dentro da água, nenhum era o Joãozinho. Na areia havia outros. Um deles, de costas, cavava um buraco com as mãos, longe.

— Joãozinho!

O pai levantou-se, foi lá, não era. Mas conseguiu encontrar o amigo do filho e perguntou por ele.

— Não sei, eu estava catando conchas, ele estava catando comigo, depois ele sumiu.

A Mãe, que viera correndo, interpelou novamente o amigo do filho. "Mas sumiu como? para onde? entrou na água? não sabe? mas que menino pateta!" O garoto, com cara de bobo, e assustado com o interrogatório, se afastava, mas a Mãe foi segurá-lo pelo braço: "Mas diga, menino, ele entrou no mar? como é que você não viu, você não estava com ele? hein? ele entrou no mar?".

— Acho que entrou... ou então foi-se embora.

De pé, lábios trêmulos, a Mãe olhava para um lado e outro, apertando bem os olhos míopes para examinar todas as crianças em volta. Todos os meninos de oito anos se parecem na praia, com seus corpinhos queimados e suas cabecinhas castanhas. E como ela queria que cada um fosse seu filho, durante um segundo cada um daqueles meninos era o seu filho, exatamente ele, enfim — mas um gesto, um pequeno movimento de cabeça, e deixava de ser. Correu para um lado e outro. De súbito ficou parada olhando o mar, olhando com tanto ódio e medo (lembrava-se muito bem da história acontecida dois a três anos antes, um menino estava na praia com os pais, eles se distraíram um instante, o menino estava brincando no rasiño, o mar o levou, o corpinho só apareceu cinco dias depois, aqui nesta praia mesmo!) — deu um grito para as ondas e espumas — "Joãozinho!".

Banhistas distraídos foram interrogados — se viram algum menino entrando no mar — o pai e o amigo partiram para um lado e outro da praia, a Mãe ficou ali, trêmula, nada mais existia para ela, sua casa e família, o marido, os bailes, os Nunes, tudo era ridículo e odioso, toda essa gente estúpida na praia que não sabia de seu filho, todos eram culpados — "Joãozinho!" — ela mesma não tinha mais nome nem era mulher, era um bicho ferido, trêmulo, mas terrível, traído no mais essencial de seu ser, cheia de pânico e de ódio, capaz de tudo — "Joãozinho!" — ele apareceu bem perto, trazendo na mão um sorvete que fora comprar. Quase jogou longe o sorvete do menino com um tapa, mandou que ele ficasse sentado ali, se saísse um passo iria ver, ia apanhar muito, menino desgraçado!

O pai e o amigo voltaram a sentar, o menino riscava a areia com o dedo grande do pé e quando sentiu que a tempestade estava passando fez o comentário em voz baixa, a cabeça curva, mas os olhos erguidos na direção dos pais:

— Mãe é chaaata...

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

EBM Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiário responsável pela aula: Débora Gonçalves
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 7º - Turma: 71

Plano de aula 3 e 4 – 2 h/a

(07/10 – Sexta-feira – 07h45 às 09h15)

Tema: Características do Gênero Crônica

Objetivo Geral:

Socializar com os colegas, por meio de uma leitura jogralizada, as crônicas lidas e analisadas individual e coletivamente na aula anterior.

Objetivos Específicos:

- Identificar o tema, a forma de abordagem e o tipo de linguagem pela leitura e análise de crônicas de diferentes autores.
- Debater em pequenos grupos a crônica com base nos registros da compreensão individual realizada na aula anterior, ampliando a compreensão leitora;
- Reconhecer os movimentos relativamente estáveis do gênero, com base na sistematização da compreensão leitora de diferentes crônicas em um único roteiro de estudos em forma de tabela.
- Expressar-se com clareza, entonação ritmo e fluência na apresentação oral das crônicas lidas;
- Atribuir sentido à fala do outro pela escuta atenta e ativa das crônicas a serem apresentadas pelos colegas.

Conhecimentos abordados:

- Atribuição de sentido à fala do outro;
- A escrita como recurso de registro da compreensão leitora;
- Expressividade, entonação, fluência, ritmo na apresentação oral das crônicas lidas;
- Tema, forma de abordagem do tema, tipo de linguagem do gênero crônica.

Metodologia

- Organizar os alunos em grupos, de no máximo 3 membros, de acordo com a crônica analisada individualmente na aula anterior;
- Orientar a discussão a ser feita em cada grupo, de acordo com o texto e com o que foi anotado no roteiro de estudo em forma de tabela. Sugerir que, inicialmente, releiam o texto;

- Elucidar que os estudantes terão de apresentar, por meio de dramatização ou leitura jogralizada, a crônica discutida nos grupos; e, a partir dessa apresentação, irão socializar a compreensão de leitura expressa no roteiro de estudo em forma de tabela;
- Coordenar a socialização das crônicas e das informações elencadas no roteiro de estudo em forma de tabela;
- Escrever no quadro uma síntese coletiva à medida que cada grupo apresenta as informações com as características de cada crônica. Ao fim da aula, o roteiro de estudo em forma de tabela no quadro estará preenchido com todos os títulos e aspectos de cada texto;
- A partir do roteiro de estudo em forma de tabela preenchido, discutir com os alunos os movimentos relativamente estáveis do gênero;
- Ceder um tempo para que os alunos possam copiar as informações de compreensão de leitura compartilhadas no quadro;
- Entregar aos alunos cópias da crônica *Sexta Feira 13*, de Luís Fernando Veríssimo, para ser lida em casa. Solicitar que, a partir de suas compreensões de leitura, elenque no roteiro de leitura em forma de tabela os aspectos dessa nova crônica.

Recursos didáticos

- 30 cópias da crônica *Sexta Feira 13*, de Luís Fernando Veríssimo;
- Quadro, canetão;
- 30 Crônicas impressas, sendo: 6 cópias de *O Lixo*, de Luís Fernando Veríssimo; 6 cópias de *A bola*, de Luís Fernando Veríssimo; 6 cópias de *A velhinha contrabandista*, de Sérgio Porto; 6 cópias de *Conversinha mineira*, de Fernando Sabino; e, 6 cópias de *Mãe*, de Rubem Braga.
- Roteiro de estudo em forma de tabelas impressos.

Avaliação

Os alunos serão avaliados, considerando o envolvimento nas atividades propostas, a participação, a postura de atenção e de respeito ao outro, tanto no debate nos pequenos grupos, quanto na socialização oral. Serão considerados, também, na apresentação oral das crônicas, a entonação, a fluência e o ritmo.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de et al. **Para gostar de ler: crônicas**. São Paulo: Ática, 1979-80.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo, Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção biblioteca universal).

BRAGA, Rubem. **Coisas simples do cotidiano**. São Paulo: Ed. Nacional, 1984.

PORTO, Sérgio. **A velhinha contrabandista**. Disponível em: <<http://www.casadobruzo.com.br/poesia/s/sergio19.htm>> Acesso em 15 de setembro de 2016.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **A bola.** Disponível em:<http://www.aridesa.com.br/servicos/click_professor/caroline_lopes/curiosidades/abola.pdf> Acesso em 15 de setembro de 2016.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **O lixo.** Disponível em <<http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/4309074.pdf>> Acesso em 16 de setembro de 2016.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **Sexta-feira 13.** Disponível em: <http://www.nucleodacrianca.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2015/10/EF_5_ano_1_etapa_Portugues_Site_Sexta-feira-13.pdf> Acesso em 16 de setembro de 2016.

ANEXO 1 – Crônica *Sexta-feira 13*, de Luís Fernando Veríssimo

EBM Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiárias-Professoras: Débora Gonçalves e Larissa Malu

Turma:71

SEXTA-FEIRA 13

Luís Fernando Veríssimo

— Não sou supersticioso — dizia, mas nas sextas-feiras 13 fazia o seguinte: não saía de casa, entende?

— Vamos que me acontece alguma coisa. Aí eu fico supersticioso.

Para proteger seu racionalismo, não se expunha. Não saía de casa. Não saía nem da cama.

— Telefona para o trabalho. Diz que eu estou gripado.

A mãe ia telefonar.

— E mãe...

— O quê?

— Me traz o café na cama?

A mãe trazia.

Ontem ele pediu para a mãe telefonar. Em vez de gripe, para não desconfiarem, mandou dizer que tinha torcido o pé. No escritório as pessoas comentaram:

— Já notaram? Toda sexta-feira 13 acontece alguma coisa com ele.

— Que azar!

Tomou café, almoçou e jantou na cama. Só levantou duas ou três vezes para ir ao banheiro, com muito cuidado. Dormiu um pouco. Leu um pouco, nada muito arriscado. Só quando o velho relógio da sala, o que imitava o Big Ben, tocou meia-noite, ele se levantou, escovou os dentes, tomou banho e se arrumou para sair.

— Onde é que tu vai? — Perguntou a mãe.

— Pra vida, coroa, pra vida.

Encontrou com a turma no bar. Durante a conversa, um dos amigos comentou:

— Ganhamos uma hora de existência.

E o outro comentou:

— Ganhamos, não. Recuperamos.

Ele não entendia nada.

— Como? O quê? Que história é essa?

— Acabou o horário de verão. Todos os relógios atrasaram uma hora.

— Quer dizer que ainda é sexta-feira 13?

Um amigo olhou o relógio.

— Por mais ...vinte e dois minutos.

Ele saiu correndo do bar. Precisava voltar para casa. Precisava voltar para a ...

Desapareceu num bueiro.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **Sexta-feira 13**. Disponível em:

[http://www.nucleodacrianca.com.br/wordpress/wp-](http://www.nucleodacrianca.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2015/10/EF_5_ano_1_etapa_Portugues_Site_Sexta-feira-13.pdf)

[content/uploads/2015/10/EF_5_ano_1_etapa_Portugues_Site_Sexta-feira-13.pdf](http://www.nucleodacrianca.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2015/10/EF_5_ano_1_etapa_Portugues_Site_Sexta-feira-13.pdf)> Acesso em 16 de setembro de 2016.

ANEXO 2 – Fotos referentes às apresentações das crônicas



Acervo pessoal



Acervo pessoal



Acervo pessoal

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
EBM Beatriz de Souza Brito
Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiária responsável pela aula: Larissa Malu
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 7º - Turma: 71

Plano de aula 5 – 1 h/a (13/10 – Quinta-feira – 08h30 às 09h15)

Tema: Conteúdos Temáticos e Compositivos do Gênero Crônica

Objetivo Geral:

Compreender os aspectos temáticos e compositivos do gênero crônica a partir da realização da leitura-estudo da crônica “Sexta-feira 13”, de Luis Fernando Veríssimo.

Objetivos Específicos:

- Reconhecer e socializar os movimentos relativamente estáveis do gênero, com base na sistematização da compreensão leitora da crônica “Sexta-feira 13”;
- Atribuir sentido à fala do outro pela escuta atenta e ativa da crônica a ser apresentada oralmente por alguns colegas;
- Expressar-se com clareza, entonação, ritmo, fluência na leitura jogralizada da crônica Sexta-feira 13;
- Identificar os recursos compositivos e temáticos da crônica a partir da realização em sala de um roteiro de estudos.

Conhecimentos abordados:

- Interpretação da Crônica “Sexta-feira 13”;
- Tema, forma de abordagem do tema, tipo de linguagem e espaço de circulação do gênero crônica;
- Leitura-estudo das marcas discursivas, expressivas e linguísticas da crônica.

Metodologia

- Solicitar a leitura, em voz alta, de forma jogralizada, por seis alunos-voluntários, da crônica entregue na aula anterior: *Sexta-feira 13*, de Luís Fernando Veríssimo;
- Indagar e debater com os alunos suas compreensões de leitura da crônica a partir do que foi escrito, em casa, no roteiro de estudos em forma de tabela;
- Entregar aos alunos o roteiro de estudo;
- Ler em voz alta o roteiro, esclarecendo as dúvidas que porventura surjam;
- Reservar o restante da aula para a realização da atividade, auxiliando os alunos nas necessidades que eles manifestarem. Esclarecer que essa atividade será avaliativa;
- Enquanto os alunos realizam a atividade, fazer a chamada;

- Recolher o roteiro de estudo realizado em sala.

Recursos didáticos

- 30 cópias da crônica *Sexta-feira 13*, de Luís Fernando Veríssimo;
- 30 cópias do roteiro de estudo.

Avaliação

Será avaliada a atenção dos alunos durante a leitura do texto proposto, assim como a pertinência dos seus posicionamentos em sala de aula, durante a discussão e análise oral do texto. Observaremos também o envolvimento dos alunos na realização do roteiro de estudos, bem como a adequação dos questionamentos que porventura façam e a adequação das respostas às questões propostas. O roteiro de estudo proposto terá peso 5, de um total de 10 pontos.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro&João Editores, 2010.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **Sexta-feira 13**. Disponível em:
<http://www.nucleodacrianca.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2015/10/EF_5_ano_1_etapa_Portugues_Site_Sexta-feira-13.pdf> Acesso em 16 de setembro de 2016.

SEXTA-FEIRA 13

Luís Fernando Veríssimo

— Não sou supersticioso — dizia, mas nas sextas-feiras 13 fazia o seguinte: não saía de casa, entende?

— Vamos que me acontece alguma coisa. Aí eu fico supersticioso.

Para proteger seu racionalismo, não se expunha. Não saía de casa. Não saía nem da cama.

— Telefona para o trabalho. Diz que eu estou gripado.

A mãe ia telefonar.

— E mãe...

— O quê?

— Me traz o café na cama?

A mãe trazia.

Ontem ele pediu para a mãe telefonar. Em vez de gripe, para não desconfiarem, mandou dizer que tinha torcido o pé. No escritório as pessoas comentaram:

— Já notaram? Toda sexta-feira 13 acontece alguma coisa com ele.

— Que azar!

Tomou café, almoçou e jantou na cama. Só levantou duas ou três vezes para ir ao banheiro, com muito cuidado. Dormiu um pouco. Leu um pouco, nada muito arriscado. Só quando o velho relógio da sala, o que imitava o Big Ben, tocou meia-noite, ele se levantou, escovou os dentes, tomou banho e se arrumou para sair.

— Onde é que tu vai? — Perguntou a mãe.

— Pra vida, coroa, pra vida.

Encontrou com a turma no bar. Durante a conversa, um dos amigos comentou:

— Ganhamos uma hora de existência.

E o outro comentou:

— Ganhamos, não. Recuperamos.

Ele não entendia nada.

— Como? O quê? Que história é essa?

— Acabou o horário de verão. Todos os relógios atrasaram uma hora.

— Quer dizer que ainda é sexta-feira 13?

Um amigo olhou o relógio.

— Por mais ...vinte e dois minutos.

Ele saiu correndo do bar. Precisava voltar para casa. Precisava voltar para a ...

Desapareceu num bueiro.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **Sexta-feira 13**. Disponível em:

<http://www.nucleodacrianca.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2015/10/EF_5_ano_1_etapa_Portugues_Site_Sexta-feira-13.pdf> Acesso em 16 de setembro de 2016.

ANEXO 2 - Roteiro de Estudos

EBM Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiárias-Professoras: Débora Gonçalves e Larissa Malu

Turma:71

Aluno(a): _____

1. Como já estudamos anteriormente, as crônicas possuem como tema central alguma situação do cotidiano. No texto de Veríssimo, qual é esse tema?

2. Você considera a crônica de Veríssimo divertida? Justifique sua resposta, com base na narrativa.

3. Uma pessoa supersticiosa é aquela que acredita que certas datas, animais ou cores dão azar. Você possui, ou conhece alguém que possua, alguma superstição? Qual? O que você pensa sobre essa crença?

4. No trecho: “Só quando o velho relógio da sala, o que imitava o Big Ben, tocou meia-noite, ele se levantou, escovou os dentes, tomou banho e se arrumou para sair.” podemos perceber que o personagem mudou de ideia. Por que essa decisão?

5. De que forma o autor marca, em sua crônica, os diálogos dos personagens?

6. Quais expressões coloquiais são utilizadas no texto? Escreva-as abaixo e comente a relação dessas marcas de linguagem com o gênero crônica.

7. Como podemos observar nas referências da crônica lida, o texto foi retirado de um blog – ainda que não tenha sido neste sua publicação original. Em quais outros suportes você acha que podemos encontrar uma crônica? Ex.: Livros, calendários, revistas, jornais, etc...

ANEXO 3 – Fotos do Roteiro de Estudos sobre a crônica “Sexta-feira 13”, feita pelos alunos

EBM Beatriz de Souza Brito
Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiárias-Professoras: Débora Gonçalves e Larissa Malu
Turma: 71
Aluno(a):

5,0
5,0 Parabéns!

1. Como já estudamos anteriormente, as crônicas possuem como tema central alguma situação do cotidiano. No texto de Veríssimo, qual é esse tema?
Ter medo de fazer certas coisas na sexta-feira 13
2. Você considera a crônica de Veríssimo divertida? Justifique sua resposta, com base na narrativa.
Sim, pois ele tenta contar os fatos de forma a parecer divertida
3. Uma pessoa supersticiosa é aquela que acredita que certas datas, animais ou cores dão azar. Você possui, ou conhece alguém que possua, alguma superstição? Qual? O que você pensa sobre essa crença?
Nunca ^{eu} acredito que gato preto ~~de~~ da azar. Eu acho que não é verdade ^{isso} não tem um fundamento nisso.
4. No trecho: “Só quando o velho relógio da sala, o que imitava o Big Ben, tocou meia-noite, ele se levantou, escovou os dentes, tomou banho e se arrumou para sair.” podemos perceber que o personagem mudou de ideia. Por que essa decisão?
Por ele pensava que a sexta-feira 13 havia acabado.
5. De que forma o autor marca, em sua crônica, os diálogos dos personagens?
Com travessão
6. Quais expressões coloquiais são utilizadas no texto? Escreva-as abaixo e comente a relação dessas marcas de linguagem com o gênero crônica.
“Onde é que tu vai?” / “Para rir, coisa, pra rir”. Na crônica pode haver isso pois não é um texto muito formal.
7. Como podemos observar nas referências da crônica lida, o texto foi retirado de um blog – ainda que não tenha sido neste sua publicação original. Em quais outros suportes você acha que podemos encontrar uma crônica? Ex.: Livros, calendários, revistas, jornais, etc...
Suportes, jornais e revistas.

CBM Beatriz de Souza Brito

professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
stagiárias-Professoras: Débora Gonçalves e Larissa Malu
urma: 71

3,5 / 5,0

aluno(a):

1. Como já estudamos anteriormente, as crônicas possuem como tema central alguma situação do cotidiano. No texto de Veríssimo, qual é esse tema?

~~está falando de superstição~~ Superstição

2. Você considera a crônica de Veríssimo divertida? Justifique sua resposta, com base na narrativa.

nao, porque mas e legal mas qual o motivo?

3. Uma pessoa supersticiosa é aquela que acredita que certas datas, animais ou cores dão azar. Você possui, ou conhece alguém que possua, alguma superstição? Qual? O que você pensa sobre essa crença?

sim, planta de sineloz. Qual sua opinião sobre?

No trecho: "Só quando o velho relógio da sala, o que imitava o Big Ben, tocou meia-noite, ele se levantou, escovou os dentes, tomou banho e se arrumou para sair." podemos perceber que o personagem mudou de ideia. Por que essa decisão?

antem a outra dia
Porque

De que forma o autor marca, em sua crônica, os diálogos dos personagens?

cada fala e pela travessão

Quais expressões coloquiais são utilizadas no texto? Escreva-as abaixo e comente a relação dessas marcas de linguagem com o gênero crônica.

Para fala X Rever

Como podemos observar nas referências da crônica lida, o texto foi retirado de um blog – ainda que não tenha sido neste sua publicação original. Em quais outros suportes você acha que podem encontrar uma crônica? Ex.: Livros, calendários, revistas, jornais, etc...

para fala X Rever

EBM Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiárias-Professoras: Débora Gonçalves e Larissa Malu

Turma: 71

Aluno(a):

4/5/20

1. Como já estudamos anteriormente, as crônicas possuem como tema central alguma situação do cotidiano. No texto de Veríssimo, qual é esse tema?

medo da sexta-feira 13. O que o sexta-feira 13 representa?

2. Você considera a crônica de Veríssimo divertida? Justifique sua resposta, com base na narrativa.

Sim. Ele esperava não sair de casa e quando ele sai ele descobre que ainda é sexta-feira 13 e tenta voltar para casa mas cai num buraco.

3. Uma pessoa supersticiosa é aquela que acredita que certas datas, animais ou cores dão azar. Você possui, ou conhece alguém que possua, alguma superstição? Qual? O que você pensa sobre essa crença?

Minha mãe passa no lençol de branco e eu acho que se usar roupa preta não dá azar.

4. No trecho: "Só quando o velho relógio da sala, o que imitava o Big Ben, tocou meia-noite, ele se levantou, escovou os dentes, tomou banho e se arrumou para sair." podemos perceber que o personagem mudou de ideia. Por que essa decisão?

Porque ele achou que já não era mais sexta-feira 13.

5. De que forma o autor marca, em sua crônica, os diálogos dos personagens?

Transcrição

Quais expressões coloquiais são utilizadas no texto? Escreva-as abaixo e comente a relação dessas marcas de linguagem com o gênero crônica.

"Coroa"

Como podemos observar nas referências da crônica lida, o texto foi retirado de um blog – ainda que não tenha sido neste sua publicação original. Em quais outros suportes você acha que podemos encontrar uma crônica? Ex.: Livros, calendários, revistas, jornais, etc...

livros, calendários, notícias, revista, Têê, rádio

EBM Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiárias-Professoras: Débora Gonçalves e Larissa Malu

Turma: 71

Aluno(a): _____

Fala
21/5/10

1. Como já estudamos anteriormente, as crônicas possuem como tema central alguma situação do cotidiano. No texto de Veríssimo, qual é esse tema?
o medo da sexta-feira 13 O que a sexta-feira 13 representa?
2. Você considera a crônica de Veríssimo divertida? Justifique sua resposta, com base na narrativa.
não justifique
3. Uma pessoa supersticiosa é aquela que acredita que certas datas, animais ou cores dão azar. Você possui, ou conhece alguém que possua, alguma superstição? Qual? O que você pensa sobre essa crença?
não justifique
4. No trecho: "Só quando o velho relógio da sala, o que imitava o Big Ben, tocou meia-noite, ele se levantou, escovou os dentes, tomou banho e se arrumou para sair." podemos perceber que o personagem mudou de ideia. Por que essa decisão?
se o relógio tocou a meia-noite já é o dia anterior
por isso ele saiu seguinte
5. De que forma o autor marca, em sua crônica, os diálogos dos personagens?
irônico X Rerun
6. Quais expressões coloquiais são utilizadas no texto? Escreva-as abaixo e comente a relação dessas marcas de linguagem com o gênero crônica.
pela fala X Rerun
7. Como podemos observar nas referências da crônica lida, o texto foi retirado de um blog – ainda que não tenha sido neste sua publicação original. Em quais outros suportes você acha que podemos encontrar uma crônica? Ex.: Livros, calendários, revistas, jornais, etc...

EBM Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiárias-Professoras: Débora Gonçalves e Larissa Malu

Turma: 71

Aluno(a): _____

4,0
5,0

1. Como já estudamos anteriormente, as crônicas possuem como tema central alguma situação do cotidiano. No texto de Veríssimo, qual é esse tema?

Sexta-feira 13, é uma superstição e ironia.

2. Você considera a crônica de Veríssimo divertida? Justifique sua resposta, com base na narrativa.

Sim, superstição e legal.

3. Uma pessoa supersticiosa é aquela que acredita que certas datas, animais ou cores dão azar. Você possui, ou conhece alguém que possua, alguma superstição? Qual? O que você pensa sobre essa crença?

Não, por mim não superstição é apenas coincidência. Você acha que todas as superstições são coincidências?

4. No trecho: "Só quando o velho relógio da sala, o que imitava o Big Ben, tocou meia-noite, ele se levantou, escovou os dentes, tomou banho e se arrumou para sair." podemos perceber que o personagem mudou de ideia. Por que essa decisão?

Porque passou de meio noite, já é outro dia.

5. De que forma o autor marca, em sua crônica, os diálogos dos personagens?

Ele marca com o travessão.

6. Quais expressões coloquiais são utilizadas no texto? Escreva-as abaixo e comente a relação dessas marcas de linguagem com o gênero crônica.

"Para vida, coroa, pro vida", acho que normalmente a linguagem com no gênero crônicas com frases de boca de dia a dia.

7. Como podemos observar nas referências da crônica lida, o texto foi retirado de um blog – ainda que não tenha sido neste sua publicação original. Em quais outros suportes você acha que podemos encontrar uma crônica? Ex.: Livros, calendários, revistas, jornais, etc...

Gramáreas, Notícias, X, Rever

EBM Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiárias-Professoras: Débora Gonçalves e Larissa Malu

Turma: 71

Aluno(a): _____

4,5/5,0

1. Como já estudamos anteriormente, as crônicas possuem como tema central alguma situação do cotidiano. No texto de Veríssimo, qual é esse tema?
Ele não saía de casa, na sexta-feira 13, com medo de acontecer alguma coisa de má.
2. Você considera a crônica de Veríssimo divertida? Justifique sua resposta, com base na narrativa.
Humorística, porque no final ele volta para casa assustado e ~~de~~ desparou num buraco.
3. Uma pessoa supersticiosa é aquela que acredita que certas datas, animais ou cores dão azar. Você possui, ou conhece alguém que possua, alguma superstição? Qual? O que você pensa sobre essa crença?
Sim, a minha mãe acredita que se paltar o espelho fica com sete anos de azar. Eu mãe acredito nisso.
4. No trecho: "Só quando o velho relógio da sala, o que imitava o Big Ben, tocou meia-noite, ele se levantou, escovou os dentes, tomou banho e se arrumou para sair." podemos perceber que o personagem mudou de ideia. Por que essa decisão?
Porque ele pensou que a sexta-feira 13 já tinha acabado.
5. De que forma o autor marca, em sua crônica, os diálogos dos personagens?
Com o traço de aspas.
6. Quais expressões coloquiais são utilizadas no texto? Escreva-as abaixo e comente a relação dessas marcas de linguagem com o gênero crônica.
Com letras, revistas, jornais etc...
Atente para o enunciado da questão
7. Como podemos observar nas referências da crônica lida, o texto foi retirado de um blog – ainda que não tenha sido neste sua publicação original. Em quais outros suportes você acha que podemos encontrar uma crônica? Ex.: Livros, calendários, revistas, jornais, etc...
Internet

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
EBM Beatriz de Souza Brito
Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiária responsável pela aula: Larissa Malu
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 7º - Turma: 71

Plano de aula 6 e 7 – 2 h/a

(14/10 – Sexta-feira – 07h45 às 09h15)

Tema: Análise Linguística do Gênero Crônica

Objetivo Geral:

Reconhecer marcas discursivas, composicionais e linguísticas do gênero crônica pela análise dos recursos empregados pelos autores das crônicas *A sexta* e *Aspirador de Pó*, tal como dos outros textos deste gênero já trabalhados nas aulas anteriores.

Objetivos Específicos:

- Reconhecer as distintas maneiras de reproduzir a fala do outro em textos escritos pela análise das crônicas;
- Analisar as relações entre discurso direto, indireto e indireto livre, pela análise dos efeitos de sentido que cada um desses recursos provoca no leitor;
- Identificar recursos expressivos - oralidade, entonação e ritmo - a partir da escuta atenta do vídeo, atentando para a distinção entre as marcas expressivas do texto escrito e do audiovisual;
- Demonstrar atitudes de cooperação durante a exposição teórica pela postura de escuta atenta e ativa em relação à fala do outro e de solicitação da palavra para manifestação de posicionamento próprio;
- Sistematizar os conteúdos apreendidos através da aula expositivo-dialogada por meio de resposta ao roteiro de estudo, em forma de atividade interpretativa;
- Identificar os elementos da estrutura narrativa – enredo, personagens, tempo espaço, foco narrativo – pela análise de diferentes crônicas;
- Identificar os recursos de linguagem que provocam efeito de humor, empregados pelos autores das crônicas lidas.

Conhecimentos abordados:

- Marcas discursivas, expressivas e linguísticas do gênero crônica;
- Discurso direto, indireto e indireto livre;
- Marcadores dos diferentes discursos;
- Estrutura narrativa da crônica.

Metodologia

- Realizar a chamada;
- Exibir o vídeo “A sexa”, interpretação da crônica de Luís Fernando Veríssimo;
- Entregar a crônica e de limitar um tempo para que os estudantes a leiam silenciosamente;
- Solicitar que os alunos recuperem o roteiro de leitura já trabalhado em outras aulas e façam suas anotações de acordo com suas compreensões de leitura;
- Enquanto os alunos realizam a leitura e as anotações, escrever no quadro os tópicos estruturais do gênero, a serem preenchidos posteriormente, de acordo com a discussão, sendo: enredo, tempo, espaço, foco narrativo, personagens e recursos linguísticos;
- Discutir oralmente o texto e a dramatização do vídeo atentando para os recursos expressivos utilizados, contrapondo com as marcas expressivas no texto escrito, que ocorrem através da pontuação;
- Questionar os alunos acerca dos elementos que estarão escritos no quadro, elucidando o conteúdo que cada um deles tange. Escrever as respostas ao lado dos tópicos, no quadro;
- Em slides, sistematizar os elementos estruturais da crônica (enredo, tempo, espaço, foco narrativo, personagens e recursos linguísticos), trabalhando com outros textos para exemplificar esses aspectos;
- Partindo dos exemplos de crônicas apresentados nos slides, instigar os alunos a perceberem os diferentes tipos de discurso;
- Apresentar aos alunos o discurso direto, indireto e indireto livre no projetor multimídia;
- Indagar os alunos quanto às dúvidas sobre o que foi estudado;
- Entregar aos alunos uma síntese impressa do conteúdo trabalhado;
- Propor um novo roteiro de estudos, baseado na crônica *Aspirador em Pó*, de Fernando Sabino, considerando o conteúdo trabalhado, para os estudantes realizarem em casa, valendo nota, para que possamos verificar as compreensões que tiveram do conteúdo exposto.

Recursos didáticos

- 30 cópias impressas da crônica *A sexa*, de Luís Fernando Veríssimo;
- Vídeo da dramatização da crônica, em pen drive;
- Projetor multimídia, notebook;
- 30 cópias da síntese dos conteúdos trabalhados;
- 30 cópias do roteiro de estudo.

Avaliação

A avaliação se dará a partir da efetiva participação na leitura e no debate a respeito da crônica, considerando a pertinência da manifestação dos alunos. Também será observada a atenção e o envolvimento dos alunos durante as explicações, considerando as respostas aos questionamentos da professora estagiária, assim como o questionamentos dos alunos acerca do conteúdo em estudo. O roteiro de estudos a ser realizado em casa valerá nota (10), e a correção se dará a partir das adequações das respostas em relação ao conteúdo trabalho e à interpretação textual.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo, Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção biblioteca universal).

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro&João Editores, 2010.

Tipos de Discursos. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/redacao/tipos-de-discurso/>> Acessado em 15 de setembro de 2016.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **A sexa**. Disponível em: <<http://cronicasdeluisfernandoverissimo.blogspot.com.br/2006/07/crnica-sexa.html>> Acessado em 15 de setembro de 2016.

Vídeo-animação de A Sexa. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=W7RN51x2cb0>> Acessado em 15 de setembro de 2016.

SABINO, Fernando. **Aspirador de pó**. Disponível em: <<http://contobrasileiro.com.br/aspirador-de-po-cronica-de-fernando-sabino/>> Acessado em: 19 de setembro de 2016

ANEXO 1 – Tabela-Síntese sobre os discursos

EBM Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiárias-Professoras: Débora Gonçalves e Larissa Malu

Turma: 71

Os tipos de discursos: direto, indireto e indireto livre

Discurso	Direto	Indireto	Indireto Livre
	<p>“- Pai... - Hmmm? - Como é o feminino de sexo? - O quê? - O feminino de sexo.” “A Mãe, que viera correndo, interpelou novamente o amigo do filho. "Mas sumiu como?para onde? entrou na água? não sabe? mas que menino pateta!"”</p>	<p>“Ontem ele pediu para a mãe telefonar. Em vez de gripe, para não desconfiarem, mandou dizer que tinha torcido o pé.”</p>	<p>“Quase jogou longe o sorvete do menino com um tapa, mandou que ele ficasse sentado ali, se saísse um passo iria ver, ia apanhar muito, menino desgraçado!”</p>
<p>Como é construído?</p>	<p>Esse discurso reproduz fielmente as falas dos personagens. Nesse tipo de discurso, o narrador abre espaço ou apresenta a fala das personagens reproduzindo fielmente o que eles</p>	<p>Nesse tipo de discurso, é o narrador quem reproduz a fala dos personagens. Aqui, aquele que conta a história, ou seja, o narrador, utiliza suas próprias palavras para descrever o que foi</p>	<p>Bom, esse discurso é um pouquinho dos dois que vimos anteriormente! Aqui, o que o narrador conta <i>se mistura</i> com a fala dos personagens! No discurso indireto livre o personagem</p>

	dizem ou pensam! Geralmente, esse discurso é marcado com a utilização do travessão (-)!	dito pelo personagem!	interfere no que o narrador está contando, de acordo com a vontade do autor.
--	--	-----------------------	--

ANEXO 2 – Síntese sobre os Elementos Estruturais da Crônica

EBM Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiárias-Professoras: Débora Gonçalves e Larissa Malu

Turma: 71

Elementos Estruturais da Crônica

ENREDO	A história que é narrada na crônica.
PERSONAGENS	Os personagens que fazem parte da narrativa.
TEMPO	O espaço de tempo em que a história é narrada.
FOCO NARRATIVO	O ponto de vista do narrador a partir do qual a história é relatada.
ESPAÇO	O local da narrativa
RECURSOS DE EXPRESSÃO	Os recursos que o autor utiliza para construir a crônica: tipo de linguagem; uso de expressões; pontuação; tipos de discurso.

ANEXO 3– SLIDES

Slide 1:

Elementos estruturais da crônica

- Enredo: Qual a história narrada na crônica?
- Personagens: Há personagens no texto? Caso tenha, quem são?
- Tempo: Em que espaço de tempo a história é narrada?
- Foco narrativo: A história é narrada em primeira ou em terceira pessoa? O narrador também é personagem?
- Espaço: Em que local a narrativa se passa?
- Recursos de expressão: Que linguagem o autor utiliza? Que expressões são usadas? São engraçadas? De que forma ele faz uso da pontuação? Como são marcadas as falas dos personagens?

Slide 2:

RELEMBRANDO....

A VELHINHA CONTRABANDISTA

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, **ordenou à velhinha que fosse em frente**. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e **ela respondeu que era areia, uai!** O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

- Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

Trecho de *A velhinha contrabandista*, de Stanislaw Ponte Preta (Sérgio Porto)

Enredo? Personagens? Tempo? Espaço? Foco Narrativo? Recursos Linguísticos?

Slide 3:

DISCURSO DIRETO

- Pai...
- Hmm?
- Como é o feminino de sexo?
- O quê?
- O feminino de sexo.
- Não tem.
- Sexo não tem feminino?
- Não.
- Só tem sexo masculino?

Trecho de *Sexa*, de Luís Fernando Veríssimo

Slide 4:

DISCURSO DIRETO

Encontram-se na área de serviço. Cada um com seu pacote de lixo. É a primeira vez que se falam.

- Bom dia...
- Bom dia.
- A senhora é do 610.
- E o senhor do 612
- É.
- Eu ainda não lhe conhecia pessoalmente...
- Pois é...

Trecho retirado de *O Lixo*, de Luís Fernando Veríssimo

Slide 5:

DISCURSO DIRETO

O garotinho agradeceu, disse “Legal!”, de novo, e dali a pouco o pai o encontrou na frente da tevê, com a bola nova do lado, manejando os controles de um videogame.

Trecho de *A Bola*, de Luis Fernando Veríssimo

Slide 6:

Esse discurso reproduz fielmente as falas dos personagens. Nesse tipo de discurso, o narrador abre espaço ou apresenta a fala das personagens reproduzindo fielmente o que eles dizem ou pensam! Geralmente, esse discurso é marcado com a utilização do travessão (-)! O discurso direto pode, também, ser realizado através de aspas (“”).

Slide 7:

DISCURSO INDIRETO

Ontem ele pediu para a mãe telefonar. Em vez de gripe, para não desconfiarem, mandou dizer que tinha torcido o pé.

Trecho de *Sexta feira 13*, de Luís Fernando Veríssimo

Slide 8:

DISCURSO INDIRETO

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás.

Trecho retirado de *A velhinha contrabandista*, de Stanislaw Ponte Preta (Sérgio Porto)

Slide 9:

DISCURSO INDIRETO

Nesse tipo de discurso, é o narrador quem reproduz a fala dos personagens. Aqui, aquele que conta a história, ou seja, o narrador, utiliza suas próprias palavras para descrever o que foi dito pelo personagem! Nesse modo de discurso, vemos que o narrador descreve o que o personagem está falando. Normalmente, por ser o narrador contando o que outra pessoa diz, esse discurso acontece em terceira pessoa, ou seja, na forma pronominal “ele”.

Slide 10:

DISCURSO INDIRETO LIVRE

Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com moamba, dentro daquele maldito

saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou parar outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, uai!

Trecho retirado de *A velhinha contrabandista*, de Sérgio Porto

Slide 11:

Quase jogou longe o sorvete do menino com um tapa, mandou que ele ficasse sentado ali, se saísse um passo iria ver, ia apanhar muito, menino desgraçado!

Trecho de *Mãe*, de Rubem Braga

Slide 12:

Bom, esse discurso é um pouquinho dos dois que vimos anteriormente! Aqui, o que o narrador conta *se mistura* com a fala dos personagens. No discurso indireto livre o personagem interfere no que o narrador está contando, de acordo com a vontade do autor.

Slide 13:

POR FIM...

Vimos, então, que temos a possibilidade de construir diálogos dentro de um texto por três tipos de discurso: o direto, o indireto e indireto livre. Quais dos três modos vamos escolher, irá sempre depender do efeito que queremos criar no nosso texto, se queremos aproximar ou distanciar o leitor dos personagens...

Agora, vamos praticar?

ASPIRADOR DE PÓ

Fernando Sabino

Antes que eu lhe pergunte o que deseja, o gordinho começa a exhibir-me uma aparelhagem complicada, ainda na porta da rua. São tubos que se ajustam, fio para ligar na tomada, escovinhas de sucção e outros apetrechos.

– Entre – ordenei.

Ora, acontece que jamais prestei sentido na existência dos aspiradores de pó.

Por isso é que fui logo cometendo a imprudência de convidar o gordinho a exhibir-se de uma vez no interior da sala. Na porta da rua venta e faz muito pó, disse-lhe ainda, tentando um trocadilho infeliz. Entramos os dois, para a tradicional peleja entre comprador e vendedor.

Vi o gordinho desdobrar-se, suando, estica o fio, não dá até a tomada, arrasta a cadeira um pouco para lá, não é isso mesmo? Ah, sim, com licença, quer limpar esse tapete?

É um tapete que arrasto comigo há anos, por todos os lugares em que venho morando. Já abafou meus passos em dias de inquietação, já recebeu alguns pulos meus de alegria, e manchas de café, de tempo, de poeira dos sapatos. Pois olhe só – em dois tempos o gordinho pôs a engenhoca a funcionar, esfrega daqui e dali, praticamente mudou a cor do meu tapete.

– Agora é que o senhor vai ver – anunciou, feliz, revelando-me a existência, dentro do aparelho, de uma sacola onde o pó se acumulava. Exibiu-me seu conteúdo com um sorriso de puro êxtase, o tarado.

Aquilo me decepcionou: pois se tinha de despejar o pó no lixo, por que não recolhê-lo de uma vez com a vassoura? Evidente burrice da minha parte – o gordinho devia estar pensando: com certeza eu esperava que o pó se volatilizasse dentro do aspirador, num passe de mágica?

Deixei que ele me enumerasse as outras aplicações do miraculoso aparelho: servia para escovar um terno, por exemplo, quer ver? E voltou para mim o cano da arma, que num terrível chupão quase me leva a manga do paletó.

– Serve também para massagens. Com sua licença – e passou-me no rosto a ponta do tubo. Minha pele foi repuxada sob a improvisada ventosa, deslocando-se ruidosamente num violento beijo de cavalo.

– Basta! – protestei: – Estou convencido. Compro o aspirador.

– E digo mais – prosseguiu ele, sem me ouvir: – Serve para refrescar o ambiente. Duvida? E só virar ao contrário...

– Não duvido não. Já está comprado. – ... e funciona como um perfeito ventilador.

Fui buscar o dinheiro, paguei e despedi sumariamente o gordinho que, perplexo, continuava ainda a recitar sua lição:

– Aspira o pó dos lugares mais inacessíveis: aspira atrás das estantes, aspira cinzeiros, aspira...

– Obrigado, obrigado – e fechei a porta atrás dele.

Passei o resto da tarde me distraíndo com a nova aquisição. De todas as maneiras: aspirei cinzeiros, estofados, cortinas, ternos, aspirei atrás das estantes, fiz desaparecer, até o último grão, o pó existente na casa.

Então tentei retirar das entranhas do aspirador a tal sacola, como o gordinho me havia ensinado. Para meu júbilo, estava bojudada como um balão. Só não me lembrei foi de desligar o aparelho que, como ele me havia ensinado também, virado ao contrário funciona como um perfeito ventilador: de súbito, explode no ar uma bomba de pó acumulado. Tudo voltou ao que era dantes, fui à cozinha buscar uma vassoura. És pó e em pó reverterás – pensei comigo.

SABINO, Fernando. **Aspirador de pó**. Disponível em:
<<http://contobrasileiro.com.br/aspirador-de-po-cronica-de-fernando-sabino/>> Acessado em:
19 de setembro de 2016

ANEXO 5 – Roteiro de Estudos sobre a crônica *Aspirador de Pó*, de Fernando Sabino

EBM Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiárias-Professoras: Débora Gonçalves e Larissa Malu

Turma: 71

Aluno(a): _____

Roteiro de estudos sobre a crônica *Aspirador de Pó*, de Fernando Sabino

- 1- O gênero crônica, como sabemos, retrata fatos do cotidiano. Na crônica de Sabino, temos como temática a venda, de porta em porta, no caso, de um aspirador de pó. Você ou alguém de sua família já vivenciou uma situação parecida com a do personagem-narrador? Se não a vivenciou, você acredita que a prática de venda de objetos em domicílio ainda acontece? Justifique-se.

- 2- No texto “Aspirador de Pó”, encontramos diversas reproduções de fala dos personagens. Essas reproduções ocorrem de dois modos: pelo discurso direto e indireto livre. Abaixo, estão reescritas algumas destas falas. Identifique, ao lado, qual dos dois tipos de discursos foi utilizado em cada trecho.

“– E digo mais – prosseguiu ele, sem me ouvir: – Serve para refrescar o ambiente. Duvida? E só virar ao contrário...”

“Vi o gordinho desdobrar-se, suando, estica o fio, não dá até a tomada, arrasta a cadeira um pouco para lá, não é isso mesmo? Ah, sim, com licença, quer limpar esse tapete?”

“– Entre – ordenei.”

“Na porta da rua venta e faz muito pó, disse-lhe ainda, tentando um trocadilho infeliz.”

“Vi o gordinho desdobrar-se, suando, estica o fio, não dá até a tomada, arrasta a cadeira um pouco para lá, não é isso mesmo? Ah, sim, com licença, quer limpar esse tapete?”

“– Agora é que o senhor vai ver – anunciou, feliz, revelando-me a existência, dentro do aparelho, de uma sacola onde o pó se acumulava.”

“Deixei que ele me enumerasse as outras aplicações do miraculoso aparelho: servia para escovar um terno, por exemplo, quer ver?”

“– Serve também para massagens. Com sua licença – e passou-me no rosto a ponta do tubo.”

“– Basta! – protestei: – Estou convencido. Compro o aspirador.”

-
- 3- Transforme quatro sentenças da questão anterior em discurso indireto. Lembre-se de atentar ao tempo e à pessoa verbal de cada trecho na transformação. Depois, explique e justifique, com suas palavras, se o sentido permaneceu o mesmo.

- 4- Para convencer o personagem principal a comprar o aspirador de pó o vendedor cita vários modos de utilizar o objeto. Quais são eles? Reescreva com suas palavras abaixo.

- 5- Por que você acha que o personagem decidiu comprar o aspirador? Você acredita que ele tenha se interessado pelas funções do objeto, ou tenha realizado a compra apenas para se livrar do vendedor insistente? Justifique.

- 6- O autor oferece, ao longo do texto, pistas para descobrirmos em que cenário (lugar e tempo) se passa a história. Indique-as abaixo.

- 7- O trecho “És pó e em pó reverterás”, no fim da crônica de Sabino, faz referência ao provérbio bíblico: “Pois tu és pó, e ao pó retornarás.” Gênesis 3:19. Comente, com suas palavras, qual o sentido bíblico que o provérbio possui. Você acha que esse sentido é o mesmo, na crônica “Aspirador de pó”?

ANEXO 6 – Fotos da exposição e debate acerca do conteúdo linguístico “Tipos de Discurso”



Acervo pessoal



Acervo pessoal

ANEXO 7 – Fotos do roteiro de estudos sobre a crônica “Aspirador de pó”, de Fernando Sabino

EBM Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiárias-Professoras: Débora Gonçalves e Larissa Malu

Turma: 71

Aluno(a): _____

9,75 Paralelins!

4/8

4M

Recuperação: 10,0

Roteiro de estudos sobre a crônica *Aspirador de Pó*, de Fernando Sabino

- 1- O gênero crônica, como sabemos, retrata fatos do cotidiano. Na crônica de Sabino, temos como temática a venda, de porta em porta, no caso, de um aspirador de pó. Você ou alguém de sua família já vivenciou uma situação parecida com a do personagem-narrador? Se não a vivenciou, você acredita que a prática de venda de objetos em domicílio ainda acontece? Justifique-se.
- 2- No texto “Aspirador de Pó”, encontramos diversas reproduções de fala dos personagens. Essas reproduções ocorrem de dois modos: pelo discurso direto e indireto livre. Abaixo, estão reescritas algumas destas falas. Identifique, ao lado, qual dos dois tipos de discursos foi utilizado em cada trecho.

“– E digo mais – prosseguiu ele, sem me ouvir: – Serve para refrescar o ambiente. Duvida? E só virar ao contrário...” (linha 29)

Directo ✓

“Vi o gordinho desdobrar-se, suando, estica o fio, não dá até a tomada, arrasta a cadeira um pouco para lá, não é isso mesmo? Ah, sim, com licença, quer limpar esse tapete?” (linha 12 e 13)

Indirecto livre ✓

“– Entre – ordenei.” (linha 7)

Directo ✓

“Na porta da rua venta e faz muito pó, disse-lhe ainda, tentando um trocadilho infeliz.” (linha 10)

Indirecto livre ✓

“– Agora é que o senhor vai ver – anunciou, feliz, revelando-me a existência, dentro do aparelho, de uma sacola onde o pó se acumulava.” (linha 18 e 19)

Directo ✓

“Deixei que ele me enumerasse as outras aplicações do miraculoso aparelho: servia para escovar um terno, por exemplo, quer ver?” (linha 23 e 24)

Indirecto livre ✓

“– Serve também para massagens. Com sua licença – e passou-me no rosto a ponta do tubo.” (linha 26)

Directo ✓

“– Basta! – protestei: – Estou convencido. Compro o aspirador.” (linha 28)

Directo ✓

- 3- Transforme quatro sentenças da questão anterior em discurso indireto. Lembre-se de atentar ao tempo e à pessoa verbal de cada trecho na transformação. Depois, explique e justifique, com suas palavras, se o sentido permaneceu o mesmo.
- 4- Para convencer o personagem principal a comprar o aspirador de pó o vendedor cita vários modos de utilizar o objeto. Quais são eles? Reescreva com suas palavras.
- 5- Por que você acha que o personagem decidiu comprar o aspirador? Você acredita que ele tenha se interessado pelas funções do objeto, ou tenha realizado a compra apenas para se livrar do vendedor insistente? Justifique.
- 6- O autor oferece, ao longo do texto, pistas para descobrirmos em que cenário (lugar e tempo) se passa a história. Indique-as abaixo.
- 7- O trecho “És pó e em pó reverterás”, no fim da crônica de Sabino, faz referência ao provérbio bíblico: “Pois tu és pó, e ao pó retornarás.” Gênesis 3:19. Comente, com suas palavras, qual o sentido bíblico que o provérbio possui. Você acha que esse sentido é o mesmo, na crônica “Aspirador de pó”?

1) Não. Hereditário, porque já passaram em minha família. ✓ 1,5

3) Ele me disse que servia pra massagem também, e me pediu licença pra passar ^{a pontos} de tubo no meu rosto. ✓

• Eu disse para ele bastar, e que eu estava convencido de que compraria. ✗ 0,75

• Mandei ele entrar. ✓

O sentido continua o mesmo, o que mudou é a maneira como está transcrito. ✓

4) Limpo o tapete, escova o terço, serve pra massagem, pra refrescar o ambiente, aspira atrás dos estantes, aspira cingelos. ✓ 1,5

5) Porque o vendedor insistiu para ele comprar. Para se livrar do vendedor, porque no texto deu para perceber que ele foi grosso. ✓ 1,5

6) Alarde na casa do comprador ✓ 1,5

7) Porque quando Deus criou Adão, ele o fez do pó do solo, então se ele desobedecesse a ~~Adão~~ que Deus deu a ele de que não podia comer da árvore do conhecimento do que é bom e do que é mal, ele morreria, o mesmo valia para Eva. Como os dois desobedeceram, Deus disse: "pois tu és pó e ao pó voltarás" ou seja eles foram feitos do pó, e quando morrermos voltamos a virar pó. Eu acho que o sentido é outro

✓ 1,0

EBM Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiárias-Professoras: Débora Gonçalves e Larissa Malu

Turma: 71

Aluno(a): _____

9,0 Muito bem!

♥ ~~LM~~ LM

Roteiro de estudos sobre a crônica *Aspirador de Pó*, de Fernando Sabino

Recuperação: 10,0

- 1- O gênero crônica, como sabemos, retrata fatos do cotidiano. Na crônica de Sabino, temos como temática a venda, de porta em porta, no caso, de um aspirador de pó. Você ou alguém de sua família já vivenciou uma situação parecida com a do personagem-narrador? Se não a vivenciou, você acredita que a prática de venda de objetos em domicílio ainda acontece? Justifique-se.
- 2- No texto "Aspirador de Pó", encontramos diversas reproduções de fala dos personagens. Essas reproduções ocorrem de dois modos: pelo discurso direto e indireto livre. Abaixo, estão reescritas algumas destas falas. Identifique, ao lado, qual dos dois tipos de discursos foi utilizado em cada trecho.

"- E digo mais - prosseguiu ele, sem me ouvir: - Serve para refrescar o ambiente. Duvida? E só virar ao contrário..." (linha 29)

Direto

"Vi o gordinho desdobrar-se, suando, estica o fio, não dá até a tomada, arrasta a cadeira um pouco para lá, não é isso mesmo? Ah, sim, com licença, quer limpar esse tapete?" (linha 12 e 13)

Indireto Livre Livre

"- Entre - ordenei." (linha 7)

Direto

"Na porta da rua venta e faz muito pó, disse-lhe ainda, tentando um trocadilho infeliz." (linha 10)

Indireto Livre

"- Agora é que o senhor vai ver - anunciou, feliz, revelando-me a existência, dentro do aparelho, de uma sacola onde o pó se acumulava." (linha 18 e 19)

Direto

"Deixei que ele me enumerasse as outras aplicações do miraculoso aparelho: servia para escovar um terno, por exemplo, quer ver?" (linha 23 e 24)

Indireto Livre

"- Serve também para massagens. Com sua licença - e passou-me no rosto a ponta do tubo." (linha 26)

Direto

"- Basta! - protestei: - Estou convencido. Compro o aspirador." (linha 28)

Direto

- 3- Transforme quatro sentenças da questão anterior em discurso indireto. Lembre-se de atentar ao tempo e à pessoa verbal de cada trecho na transformação. Depois, explique e justifique, com suas palavras, se o sentido permaneceu o mesmo.
- 4- Para convencer o personagem principal a comprar o aspirador de pó o vendedor cita vários modos de utilizar o objeto. Quais são eles? Reescreva com suas palavras.
- 5- Por que você acha que o personagem decidiu comprar o aspirador? Você acredita que ele tenha se interessado pelas funções do objeto, ou tenha realizado a compra apenas para se livrar do vendedor insistente? Justifique.
- 6- O autor oferece, ao longo do texto, pistas para descobrirmos em que cenário (lugar e tempo) se passa a história. Indique-as abaixo.
- 7- O trecho "És pó e em pó reverterás", no fim da crônica de Sabino, faz referência ao provérbio bíblico: "Pois tu és pó, e ao pó retornarás." Gênesis 3:19. Comente, com suas palavras, qual o sentido bíblico que o provérbio possui. Você acha que esse sentido é o mesmo, na crônica "Aspirador de pó"?

1) Não, sim, já vi fazerem esta situação. ✓ 1,5

3) "~~Ele mandou o gordinho entrar~~" "eu mandei o gordinho entrar."
"Ele afirmou que servia também para massagens e passou-me
no rosto a ponta do tubo" ✓
"já estava ficando irritado então falei para parar de ¹⁰
falar que eu iria comprar o aspirador" ✓
"Falei que servia também para refrescar o ambiente, si-
ren de contrário..." *existencia somente no caso do contrário* ✓

4) Aspirar pó, exercer um termo, ~~e para~~ massagens e
para refrescar o ambiente. ✓ 1,5

5) Realizei a compra para se livrar do remédio insistente,
porque ele já estava ficando irritado e não queria su-
vir mais o gordinho falando de seu produto. ✓ 1,5

6) O histórico estava se passando na casa do comprador do
aspirador. ✓ 1,5

7) Na bíblia diz que você não vai conseguir ser algo
que não é, ~~acho que é diferente pois é~~ que no
texto tem o ~~mesmo~~ mesmo sentido (na minha
opinião) ✗

EBM Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiárias-Professoras: Débora Gonçalves e Larissa Malu

Turma: 71

Aluno(a): _____

4,75

~~4,75~~ 4

Recuperação: 5,5

Roteiro de estudos sobre a crônica *Aspirador de Pó*, de Fernando Sabino

- 1- O gênero crônica, como sabemos, retrata fatos do cotidiano. Na crônica de Sabino, temos como temática a venda, de porta em porta, no caso, de um aspirador de pó. Você ou alguém de sua família já vivenciou uma situação parecida com a do personagem-narrador? Se não a vivenciou, você acredita que a prática de venda de objetos em domicílio ainda acontece? Justifique-se.
- 2- No texto "Aspirador de Pó", encontramos diversas reproduções de fala dos personagens. Essas reproduções ocorrem de dois modos: pelo discurso direto e indireto livre. Abaixo, estão reescritas algumas destas falas. Identifique, ao lado, qual dos dois tipos de discursos foi utilizado em cada trecho.

"- E digo mais - prosseguiu ele, sem me ouvir: - Serve para refrescar o ambiente. Duvida? E só virar ao contrário..." (linha 29)

indireto livre X

"Vi o gordinho desdobrar-se, suando, estica o fio, não dá até a tomada, arrasta a cadeira um pouco para lá, não é isso mesmo? Ah, sim, com licença, quer limpar esse tapete?" (linha 12 e 13)

direto X

"- Entre - ordenei." (linha 7)

direto ✓

"Na porta da rua venta e faz muito pó, disse-lhe ainda, tentando um trocadilho infeliz." (linha 10)

indireto livre ✓

"- Agora é que o senhor vai ver - anunciou, feliz, revelando-me a existência, dentro do aparelho, de uma sacola onde o pó se acumulava." (linha 18 e 19)

direto ✓

"Deixei que ele me enumerasse as outras aplicações do miraculoso aparelho: servia para escovar um termo, por exemplo, quer ver?" (linha 23 e 24)

indireto livre ✓

"- Serve também para massagens. Com sua licença - e passou-me no rosto a ponta do tubo." (linha 26)

direto ✓

"- Basta! - protestei: - Estou convencido. Compro o aspirador." (linha 28)

direto ✓

- 3- Transforme quatro sentenças da questão anterior em discurso indireto. Lembre-se de atentar ao tempo e à pessoa verbal de cada trecho na transformação. Depois, explique e justifique, com suas palavras, se o sentido permaneceu o mesmo.
- 4- Para convencer o personagem principal a comprar o aspirador de pó o vendedor cita vários modos de utilizar o objeto. Quais são eles? Reescreva com suas palavras.
- 5- Por que você acha que o personagem decidiu comprar o aspirador? Você acredita que ele tenha se interessado pelas funções do objeto, ou tenha realizado a compra apenas para se livrar do vendedor insistente? Justifique.
- 6- O autor oferece, ao longo do texto, pistas para descobrirmos em que cenário (lugar e tempo) se passa a história. Indique-as abaixo.
- 7- O trecho "És pó e em pó reverterás", no fim da crônica de Sabino, faz referência ao provérbio bíblico: "Pois tu és pó, e ao pó retornarás." Gênesis 3:19. Comente, com suas palavras, qual o sentido bíblico que o provérbio possui. Você acha que esse sentido é o mesmo, na crônica "Aspirador de pó"?

1) Não, eu acho que sim porque to'ei em outros casos? ~~C~~ 0,75

3) ? X

4) ? Cuspidoes de po, aspirio das estantes, cingens, estofados, cortinas, etc. ~~C~~ 1,5

5) se livros de vendas justifique ~~C~~ 1,0

6) Numo livro "Dentro" X

7) Sim, comente X

EBM Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiárias-Professoras: Débora Gonçalves e Larissa Malu

Turma: 71

Aluno(a): _____

4,5
~~4,5~~
LM

Roteiro de estudos sobre a crônica *Aspirador de Pó*, de Fernando Sabino

Respiração: 5,0

- 1- O gênero crônica, como sabemos, retrata fatos do cotidiano. Na crônica de Sabino, temos como temática a venda, de porta em porta, no caso, de um aspirador de pó. Você ou alguém de sua família já vivenciou uma situação parecida com a do personagem-narrador? Se não a vivenciou, você acredita que a prática de venda de objetos em domicílio ainda acontece? Justifique-se.
- 2- No texto "Aspirador de Pó", encontramos diversas reproduções de fala dos personagens. Essas reproduções ocorrem de dois modos: pelo discurso direto e indireto livre. Abaixo, estão reescritas algumas destas falas. Identifique, ao lado, qual dos dois tipos de discursos foi utilizado em cada trecho.

“- E digo mais – prosseguiu ele, sem me ouvir: – Serve para refrescar o ambiente. Duvida? E só virar ao contrário...” (linha 29)

direto ✓
“Vi o gordinho desdobrar-se, suando, estica o fio, não dá até a tomada, arrasta a cadeira um pouco para lá, não é isso mesmo? Ah, sim, com licença, quer limpar esse tapete?” (linha 12 e 13)

indireto ✗
“- Entre – ordenei.” (linha 7)

indireto livre ✗
“Na porta da rua venta e faz muito pó, disse-lhe ainda, tentando um trocadilho infeliz.” (linha 10)

direto ✗
“- Agora é que o senhor vai ver – anunciou, feliz, revelando-me a existência, dentro do aparelho, de uma sacola onde o pó se acumulava.” (linha 18 e 19)

indireto ✗
“Deixei que ele me enumerasse as outras aplicações do miraculoso aparelho: servia para escovar um terno, por exemplo, quer ver?” (linha 23 e 24)

indireto livre ✓
“- Serve também para massagens. Com sua licença – e passou-me no rosto a ponta do tubo.” (linha 26)

direto ✓
“- Basta! – protestei: – Estou convencido. Compro o aspirador.” (linha 28)

indireto ✗

- 3- Transforme quatro sentenças da questão anterior em discurso indireto. Lembre-se de atentar ao tempo e à pessoa verbal de cada trecho na transformação. Depois, explique e justifique, com suas palavras, se o sentido permaneceu o mesmo.
- 4- Para convencer o personagem principal a comprar o aspirador de pó o vendedor cita vários modos de utilizar o objeto. Quais são eles? Reescreva com suas palavras.
- 5- Por que você acha que o personagem decidiu comprar o aspirador? Você acredita que ele tenha se interessado pelas funções do objeto, ou tenha realizado a compra apenas para se livrar do vendedor insistente? Justifique.
- 6- O autor oferece, ao longo do texto, pistas para descobrirmos em que cenário (lugar e tempo) se passa a história. Indique-as abaixo.
- 7- O trecho “És pó e em pó reverterás”, no fim da crônica de Sabino, faz referência ao provérbio bíblico: “Pois tu és pó, e ao pó retornarás.” Gênesis 3:19. Comente, com suas palavras, qual o sentido bíblico que o provérbio possui. Você acha que esse sentido é o mesmo, na crônica “Aspirador de pó”?

- 1) não, eu tenho só um oculto e um não ^{existe} mais 1,5 ✓
- 4) o personagem não está X
- 5) não, eu acho que ele comprou poro se livros do arredor, mas eu acho que se interessou um pouco ✓ 1,5
- 6) não o autor não tem ponto porque tudo se passa no caso de personagem principal ✓ 0,75
- Se ele não deu pista, como você conseguiu identificar o espaço.

EBM Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiárias-Professoras: Débora Gonçalves e Larissa Malu

Turma: 71

Aluno(a): _____

5,5

~~4,5~~
4,4

Recuperação: 8,0

Roteiro de estudos sobre a crônica *Aspirador de Pó*, de Fernando Sabino

- 1- O gênero crônica, como sabemos, retrata fatos do cotidiano. Na crônica de Sabino, temos como temática a venda, de porta em porta, no caso, de um aspirador de pó. Você ou alguém de sua família já vivenciou uma situação parecida com a do personagem-narrador? Se não a vivenciou, você acredita que a prática de venda de objetos em domicílio ainda acontece? Justifique-se.
- 2- No texto "Aspirador de Pó", encontramos diversas reproduções de fala dos personagens. Essas reproduções ocorrem de dois modos: pelo discurso direto e indireto livre. Abaixo, estão reescritas algumas destas falas. Identifique, ao lado, qual dos dois tipos de discursos foi utilizado em cada trecho.

"- E digo mais - prosseguiu ele, sem me ouvir: - Serve para refrescar o ambiente. Duvida? E só virar ao contrário..." (linha 29)

discurso indireto livre X

"Vi o gordinho desdobrar-se, suando, estica o fio, não dá até a tomada, arrasta a cadeira um pouco para lá, não é isso mesmo? Ah, sim, com licença, quer limpar esse tapete?" (linha 12 e 13)

discurso indireto livre ✓

"- Entre - ordenei." (linha 7)

discurso direto ✓

"Na porta da rua venta e faz muito pó, disse-lhe ainda, tentando um trocadilho infeliz." (linha 10)

discurso direto X

"- Agora é que o senhor vai ver - anunciou, feliz, revelando-me a existência, dentro do aparelho, de uma sacola onde o pó se acumulava." (linha 18 e 19)

discurso direto ✓

"Deixei que ele me enumerasse as outras aplicações do miraculoso aparelho: servia para escovar um terno, por exemplo, quer ver?" (linha 23 e 24)

discurso indireto livre ✓

"- Serve também para massagens. Com sua licença - e passou-me no rosto a ponta do tubo." (linha 26)

discurso indireto livre X

"- Basta! - protestei: - Estou convencido. Compro o aspirador." (linha 28)

discurso direto ✓

1,25

- 3- Transforme quatro sentenças da questão anterior em discurso indireto. Lembre-se de atentar ao tempo e à pessoa verbal de cada trecho na transformação. Depois, explique e justifique, com suas palavras, se o sentido permaneceu o mesmo.
- 4- Para convencer o personagem principal a comprar o aspirador de pó o vendedor cita vários modos de utilizar o objeto. Quais são eles? Reescreva com suas palavras.
- 5- Por que você acha que o personagem decidiu comprar o aspirador? Você acredita que ele tenha se interessado pelas funções do objeto, ou tenha realizado a compra apenas para se livrar do vendedor insistente? Justifique.
- 6- O autor oferece, ao longo do texto, pistas para descobrirmos em que cenário (lugar e tempo) se passa a história. Indique-as abaixo.
- 7- O trecho "És pó e em pó reverterás", no fim da crônica de Sabino, faz referência ao provérbio bíblico: "Pois tu és pó, e ao pó retornarás." Gênesis 3:19. Comente, com suas palavras, qual o sentido bíblico que o provérbio possui. Você acha que esse sentido é o mesmo, na crônica "Aspirador de pó"?

eu acho que não porque na crônica fala do pó do aspirador e na bíblia fala do homem.

1,0

1- eu já vi vendedores vendendo coisas
a maioria em promoção como sapatos, t-shirts...

✓
1,5

3- a) ~~então ele entrou.~~

b) ele vendeu ele entrou. ✓

0,25

b) então o vendedor disse ao comprador que no portão da rua
venda muito, e dizê-lo tentando um trancadillo infeliz. ✓

4- tubos que se ajustam, fios para ligar na tomada, escavinhos de sucção
e outros apetrechos ✓ 1,5

5- eu acho que o ele comprou porque o aspirador antigo estava velho
ou entregado. ✗

6- todos os lugares que vendeu. ✗

EBM Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiárias-Professoras: Débora Gonçalves e Larissa Malu

Turma: 71

Aluno(a): _____

2,5
" LM Xag

Roteiro de estudos sobre a crônica *Aspirador de Pó*, de Fernando Sabino

Recuperação: 5,0

- 1- O gênero crônica, como sabemos, retrata fatos do cotidiano. Na crônica de Sabino, temos como temática a venda, de porta em porta, no caso, de um aspirador de pó. Você ou alguém de sua família já vivenciou uma situação parecida com a do personagem-narrador? Se não a vivenciou, você acredita que a prática de venda de objetos em domicílio ainda acontece? Justifique-se.
- 2- No texto "Aspirador de Pó", encontramos diversas reproduções de fala dos personagens. Essas reproduções ocorrem de dois modos: pelo discurso direto e indireto livre. Abaixo, estão reescritas algumas destas falas. Identifique, ao lado, qual dos dois tipos de discursos foi utilizado em cada trecho.

A "– E digo mais – prosseguiu ele, sem me ouvir: – Serve para refrescar o ambiente. Duvida? E só virar ao contrário..." (linha 29)

B "Vi o gordinho desdobrar-se, suando, estica o fio, não dá até a tomada, arrasta a cadeira um pouco para lá, não é isso mesmo? Ah, sim, com licença, quer limpar esse tapete?" (linha 12 e 13)

C "– Entre – ordenei." (linha 7)

D "Na porta da rua venta e faz muito pó, disse-lhe ainda, tentando um trocadilho infeliz." (linha 10)

E "– Agora é que o senhor vai ver – anunciou, feliz, revelando-me a existência, dentro do aparelho, de uma sacola onde o pó se acumulava." (linha 18 e 19)

F "Deixei que ele me enumerasse as outras aplicações do miraculoso aparelho: servia para escovar um terno, por exemplo, quer ver?" (linha 23 e 24)

Dg "– Serve também para massagens. Com sua licença – e passou-me no rosto a ponta do tubo." (linha 26)

Dd "– Basta! – protestei: – Estou convencido. Compro o aspirador." (linha 28)

- 3- Transforme quatro sentenças da questão anterior em discurso indireto. Lembre-se de atentar ao tempo e à pessoa verbal de cada trecho na transformação. Depois, explique e justifique, com suas palavras, se o sentido permaneceu o mesmo.
- 4- Para convencer o personagem principal a comprar o aspirador de pó o vendedor cita vários modos de utilizar o objeto. Quais são eles? Reescreva com suas palavras.
- 5- Por que você acha que o personagem decidiu comprar o aspirador? Você acredita que ele tenha se interessado pelas funções do objeto, ou tenha realizado a compra apenas para se livrar do vendedor insistente? Justifique.
- 6- O autor oferece, ao longo do texto, pistas para descobrirmos em que cenário (lugar e tempo) se passa a história. Indique-as abaixo.
- 7- O trecho "És pó e em pó reverterás", no fim da crônica de Sabino, faz referência ao provérbio bíblico: "Pois tu és pó, e ao pó retornarás." Gênesis 3:19. Comente, com suas palavras, qual o sentido bíblico que o provérbio possui. Você acha que esse sentido é o mesmo, na crônica "Aspirador de pó"?

1R = Sim um homem ^{Undonde tapete}
na porta da Cozinha. ✓ 1,0

2R = indireto? X

3R = NÃO EM TEMPO PROFESSORA. X

4R = TURBOS FIO PARA LIGAR NA TOMADA
ESCOVINHAS DE SUÇÃO. X

5R = ELA COMPROU O ASPIRADOR PARA
PASSAR NO TAPETE. ✓ 0,5

6R = LUGAR CASA TEMPO NA CASA DO
MENINO. ✓ 1,0

7R = EU ACHO QUE SIM. X

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
EBM Beatriz de Souza Brito
Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiária responsável pela aula: Larissa Malu
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 7º - Turma: 71

Plano de aula 8 - 1 h/a (19/10 – Quarta-feira – 07h45 às 08h30)

Tema: Relação crônica e notícia

Objetivo Geral:

Compreender de que modo os gêneros crônica e notícia se inter-relacionam, a partir da análise de notícias e crônicas em diferentes jornais.

Objetivos Específicos:

- Identificar o tema, a forma de abordagem, o tipo de linguagem e aspectos composicionais utilizados na crônica *Sexta feira 13*, de Luís Fernando Veríssimo;
- Relembrar função social, a esfera de circulação, a forma de composição, os recursos linguísticos do gênero notícia, pela retomada do estudo desse gênero realizado com a professora regente;
- Relacionar a temática da notícia com o fazer crônica, pela análise desses dois textos em um mesmo jornal;
- Resgatar a relação da crônica com o cotidiano, pela retomada da síntese de leitura das crônicas realizadas em aulas anteriores;
- Desenvolver a oralidade – expressividade, entonação, capacidade de síntese – na apresentação da pesquisa realizada nos jornais.

Conhecimentos abordados:

- Aspectos discursivos, composicionais e temáticos dos gêneros notícia e crônica;
- Leitura-busca de informação;
- Expressividade, clareza, coerência na apresentação oral dos resultados da pesquisa.

Metodologia

- Recolher as atividades que os alunos receberam na aula anterior, feitas em casa. Reiterar que a atividade é avaliativa e dar a oportunidade de entrega no dia seguinte para aqueles que não a realizaram; porém, valendo dois pontos a menos.
- Entregar as atividades realizadas em sala na aula 5, com os pontos atribuídos. Corrigir oralmente o roteiro de estudo, anotando as respostas no quadro para os alunos copiarem;
- Solicitar que os alunos se organizem em duplas e entregar jornais previamente selecionados pelas professoras-estagiárias;

- Convidar os estudantes a pesquisarem notícias possíveis de se encadear uma crônica;
- No quadro, escrever questões para que eles respondam no caderno: Qual o tema da notícia? Qual enredo seria possível, a partir da notícia, produzir uma crônica?
- Reservar um espaço de tempo da aula para a leitura e escolha da notícia e para responderem às questões escritas no quadro;
- Solicitar que os alunos recortem a notícia encontrada e a arquivem em suas pastas;
- Por ordem de chamada, questionar o que cada aluno respondeu. Anotar as presenças simultaneamente.

Recursos didáticos

- Jornais;
- Quadro, canetão;
- Cópias do roteiro de estudo sobre a crônica *Sexta-feira 13*, de Luís Fernando Veríssimo, com os apontamentos das professoras-estagiárias.

Avaliação

Os alunos serão avaliados considerando: o envolvimento na atividade com o jornal, a participação, a postura de atenção e de respeito ao outro, tanto no debate nas duplas, quanto na socialização oral. Serão considerados, também, na apresentação oral das notícias, a entonação, a fluência e o ritmo. E, no roteiro de análise proposto, a adequação das respostas.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo, Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção biblioteca universal).

SOARES, Marcus Vinicius Nogueira. **A crônica brasileira do século XIX**: Uma breve história. São Paulo: É Realizações, 2014.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **Sexta-feira 13**. Disponível em: http://www.nucleodacrianca.com.br/wordpress/wp-content/uploads/2015/10/EF_5_ano_1_etapa_Portugues_Site_Sexta-feira-13.pdf> Acesso em 16 de setembro de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

EBM Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiária responsável pela aula: Débora Gonçalves
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 7º - Turma: 71

Plano de aula 9 - 1 h/a

(20/10 – Quinta-feira – 08h30 às 09h15)

Tema: Leitura-fruição de crônicas

Objetivo Geral:

Realizar a leitura de crônicas de diferentes autores a fim de vivenciar a experiência da fruição de um texto, atribuindo valor ao ato de ler e auxiliando no desenvolvimento do gosto pela leitura.

Objetivos Específicos:

- Reconhecer a função social, o espaço de circulação e os recursos expressivos e linguísticos do gênero crônica.
- Identificar semelhanças e diferenças entre crônicas de diferentes autores;
- Perceber a correspondência temática entre as diferentes crônicas.

Conhecimentos abordados:

- Leitura – fruição do gênero crônica.

Metodologia

- Disponibilizar crônicas impressas e em coletâneas para os alunos que tiverem interesse;
- Permitir que os estudantes façam leitura dos livros trazidos de casa, caso queiram;
- Realizar a chamada, silenciosamente.

Recursos didáticos

- 20 crônicas impressas, sendo: 5 cópias de *A última crônica*, de Fernando Sabino; 5 cópias de *Atitude suspeita*, de Luís Fernando Veríssimo; 5 cópias de *O diamante*, de Luís Fernando Veríssimo; 5 cópias de *Meu ideal seria escrever...*, de Rubem Braga.
- Coletâneas de crônicas.

Avaliação

A avaliação se dará a partir da concentração dos alunos em suas leituras, demonstrada pela sua postura no contato com os textos.

Referências

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro&João Editores, 2010.

_____. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1999. 3ed.

SABINO, Fernando. **A última crônica**. Disponível em http://www.releituras.com/i_samuel_fsabino.asp Acessado em 17 de setembro de 2016.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. Atitude suspeita. In: SABINO, Fernando et al. **Para gostar de ler: Histórias divertidas**. Volume 13. São Paulo: Ática, 1993, p. 69-70.

_____. O diamante. In: VERÍSSIMO, Luís Fernando. **O santinho**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BRAGA, Rubem. Meu ideal seria escrever... In: BRAGA, Rubem. **Melhores crônicas**. São Paulo: Global, 2013, p. 197-198.

A ÚLTIMA CRÔNICA

Fernando Sabino

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: “assim eu quereria o meu último poema”. Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho – um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular.

A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: “Parabéns pra você, parabéns pra você...”. Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura – ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido – vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

Assim eu quereria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.

SABINO, Fernando. **A última crônica**. Disponível em
<http://www.releituras.com/i_samuel_fsabino.asp> Acessado em 17 de setembro de 2016.

ANEXO 2 – Crônica *Atitude suspeita* de Luís Fernando Veríssimo

ATITUDE SUSPEITA

Luís Fernando Veríssimo

Sempre me intriga a notícia de que alguém foi preso “em atitude suspeita”. É uma frase cheia de significados. Existiriam atitudes inocentes e atitudes duvidosas diante da vida e das coisas e qualquer um de nós estaria sujeito a, distraidamente, assumir uma atitude que dá cadeia!

- Delegado, prendemos este cidadão em atitude suspeita.
- Ah, um daqueles, é? Como era a sua atitude?
- Suspeita.
- Compreendo. Bom trabalho, rapazes. E o que é que ele alega?
- Diz que não estava fazendo nada e protestou contra a prisão.
- Hmm. Suspeitíssimo. Se fosse inocente não teria medo de vir dá explicações.
- Mas eu não tenho o que explicar! Sou inocente!
- É o que todos dizem, meu caro. A sua situação é preta. Temos a ordem de limpar a cidade de pessoas com atitudes suspeitas.
- Mas eu só estava esperando o ônibus!
- Ele fingia que estava esperando um ônibus, delegado. Foi o que despertou a suspeita.
- Ah! Aposto que não havia nem uma parada de ônibus por perto. Como é que explicou isso?
- Havia uma parada sim, delegado. O que confirmou nossa suspeita. Ele obviamente escolheu uma parada de ônibus para fingir que esperava o ônibus sem levantar suspeita.
- E o cara-de-pau ainda se declara inocente! Quer dizer que passava ônibus, passava ônibus e ele ali fingindo que o próximo é que era o dele? A gente vê cada uma...
- Não senhor, delegado. No primeiro ônibus que apareceu ele ia subir, mas nós agarramos ele primeiro.
- Era o meu ônibus, o ônibus que eu pego todos os dias para ir para casa! Sou inocente!
- É a segunda vez que o senhor se declara inocente, o que é muito suspeito. Se é mesmo inocente, por que insistir tanto que é?
- E se eu me declarar culpado, o senhor vai me considerar inocente?
- Claro que não. Nenhum inocente se declara culpado, mas todo culpado se declara inocente. Se o senhor é tão inocente assim, por que estava tentando fugir?
- Fugir, como?
- Fugir no ônibus. Quando foi preso.
- Mas eu não tentava fugir. Era o meu ônibus, o que eu tomo sempre!
- Ora, meu amigo. O senhor pensa que alguém aqui é criança? O senhor estava fingindo que esperava um ônibus, em atitude suspeita, quando suspeitou destes dois agentes da lei ao seu lado. Tentou fugir e...
- Foi isso mesmo. Isso mesmo! Tentei fugir deles.
- Ah, uma confissão!
- Porque eles estavam em atitude suspeita, como o delegado acaba de dizer.
- O quê? Pense bem no que o senhor está dizendo. O senhor acusa estes dois agentes da lei de estarem em atitude suspeita?

- Acuso. Estavam fingindo que esperavam um ônibus e na verdade estavam me vigiando. Suspeitei da atitude deles e tentei fugir!

- Delegado...

- Calem-se! A conversa agora é outra. Como vocês querem que o público nos respeite se nós também andamos por aí em atitude suspeita? Temos que dar o exemplo. O cidadão pode ir embora. Está solto. Quanto a vocês...

- Delegado, com todo o respeito, achamos que esta atitude, mandado soltar um suspeito que confessou está em atitude suspeita, é um pouco...

- Um pouco? Um pouco?

- Suspeita.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. Atitude suspeita. In: SABINO, Fernando et al. **Para gostar de ler: Histórias divertidas**. Volume 13. São Paulo: Ática, 1993.

ANEXO 3 – Crônica *Meu ideal seria escrever...* de Rubem Braga

MEU IDEAL SERIA ESCREVER...

Rubem Braga

Meu ideal seria escrever uma história tão engraçada que aquela moça que está doente naquela casa cinzenta quando lesse minha história no jornal risse, risse tanto que chegasse a chorar e dissesse – “ai meu Deus, que história mais engraçada!”. E então a contasse para a cozinheira e telefonasse para duas ou três amigas para contar a história; e todos a quem ela contasse, rissem muito e ficassem alegremente espantados de vê-la tão alegre. Ah, que minha história fosse como um raio de sol, irresistivelmente louro, quente, vivo, em sua vida de moça reclusa, enlutada, doente. Que ela mesma ficasse admirada ouvindo o próprio riso, e depois repetisse para si própria “mas essa história é mesmo muito engraçada!”.

Que um casal que estivesse em casa mal-humorado, o marido bastante aborrecido com a mulher, a mulher bastante irritada com o marido, que esse casal também fosse atingido pela minha história. O marido a lia e começaria a rir, o que aumentaria a irritação da mulher. Mas depois que esta, apesar de sua má vontade, tomasse conhecimento da história, ela também risse muito, e ficassem os dois rindo sem poder olhar um para o outro sem rir mais; e que um, ouvindo aquele riso do outro, se lembrasse do alegre tempo de namoro, e reencontrassem os dois a alegria perdida de estarem juntos.

Que nas cadeias, nos hospitais, em todas as salas de espera a minha história chegasse – e tão fascinante de graça, tão irresistível, tão colorida e tão pura que todos limpassem seu coração com lágrimas de alegria; que o comissário do distrito, depois de ler minha história, mandasse soltar aqueles bêbados e também aquelas pobres mulheres colhidas na calçada e lhes dissesse – “por favor, se comportem, que diabo! eu não gosto de prender ninguém!”. E que assim todos tratassem melhor seus empregados, seus dependentes e seus semelhantes em alegre e espontânea homenagem à minha história.

E que ela aos poucos se espalhasse pelo mundo e fosse contada de mil maneiras, e fosse atribuída a um persa, na Nigéria, a um australiano, em Dublin, a um japonês, em Chicago – mas que em todas as línguas ela guardasse a sua frescura, a sua pureza, o seu encanto surpreendente; e que no fundo de uma aldeia da China, um chinês muito pobre, muito sábio e muito velho dissesse: “Nunca ouvi uma história assim tão engraçada e tão boa em toda a minha vida; valeu a pena ter vivido até hoje para ouvi-la; essa história não pode ter sido inventada por nenhum homem, foi com certeza algum anjo tagarela que a contou aos ouvidos de um santo que dormia, e que ele pensou que já estivesse morto; sim, deve ser uma história do céu que se filtrou por acaso até nosso conhecimento; é divina”.

E quando todos me perguntassem – “mas de onde é que você tirou essa história?” – eu responderia que ela não é minha, que eu a ouvi por acaso na rua, de um desconhecido que a contava a outro desconhecido, e que por sinal começara a contar assim: “Ontem ouvi um sujeito contar uma história...”.

E eu esconderia completamente a humilde verdade: que eu inventei toda a minha história em um só segundo, quando pensei na tristeza daquela moça que está doente, que sempre está doente e sempre está de luto sozinha naquela pequena casa cinzenta de meu bairro.

BRAGA, Rubem. *Meu ideal seria escrever...* In: BRAGA, Rubem. **Melhores crônicas**. São Paulo: Global, 2013, p. 197-198.

ANEXO 4 – Crônica *O diamante* de Luís Fernando Veríssimo

O DIAMANTE

Luís Fernando Veríssimo

Um dia, Maria chegou em casa da escola muito triste.

— O que foi? — perguntou a mãe de Maria.

Mas Maria nem quis conversa. Foi direto para o seu quarto, pegou o seu Snoopy e se atirou na cama, onde ficou deitada, emburrada.

A mãe de Maria foi ver se Maria estava com febre. Não estava. Perguntou se estava sentindo alguma coisa. Não estava. Perguntou se estava com fome. Não estava. Perguntou o que era, então.

— Nada — disse Maria.

A mãe resolveu não insistir. Deixou Maria deitada na cama, abraçada com o seu Snoopy, emburrada. Quando o pai de Maria chegou em casa do trabalho a mãe de Maria avisou:

— Melhor nem falar com ela...

Maria estava com cara de poucos amigos. Pior. Estava com cara de amigo nenhum. Na mesa do jantar, Maria de repente falou:

— Eu não valho nada.

O pai de Maria disse:

— Em primeiro lugar, não se diz “eu não valho nada”. É “eu não valho nada”. Em segundo lugar, não é verdade. Você valhe muito. Quer dizer, vale muito.

— Não valho.

— Mas o que é isso? — disse a mãe de Maria. — Você é a nossa querida. Todos gostam de você. A mamãe, o papai, a vovó, os tios, as tias. Para nós, você é uma preciosidade.

Mas Maria não se convenceu. Disse que era igual a mil outras pessoas. A milhões de outras pessoas.

— Só na minha aula tem sete Marias!

— Querida... — começou a dizer a mãe. Mas o pai interrompeu.

— Maria — disse o pai — você sabe por que um diamante vale tanto dinheiro?

— Porque é raro. Um pedaço de vidro também é bonito. Mas o vidro se encontra em toda parte. Um diamante é difícil de encontrar. Quanto mais rara é uma coisa, mais ela vale. Você sabe por que o ouro vale tanto?

— Por quê?

— Porque tem pouquíssimo ouro no mundo. Se o ouro fosse como areia, a gente ia caminhar no ouro, ia rolar no ouro, depois ia chegar em casa e lavar o ouro do corpo para não ficar suja. Agora, imagina se em todo o mundo só existisse uma pepita de ouro.

— Ia ser a coisa mais valiosa do mundo.

— Pois é. E em todo o mundo só existe uma Maria.

— Só na minha aula são sete.
— Mas são outras Marias.
— São iguais a mim. Dois olhos, um nariz...
— Mas esta pintinha aqui nenhuma delas tem.
— É...
— Você já se deu conta que em todo mundo só existe uma você?
— Mas pai...
— Só uma. Você é uma raridade. Podem existir outras parecidas. Mas você, você mesmo, só existe uma. Se algum dia aparecer outra você na sua frente, você pode dizer: é falsa.
— Então eu sou a coisa mais valiosa do mundo.
— Olha, você deve estar valendo aí uns três trilhões...
Naquela noite a mãe de Maria passou perto do quarto dela e ouviu Maria falando com o Snoopy:
— Sabe um diamante?

VERÍSSIMO, Luís Fernando. O diamante. In: VERÍSSIMO, Luís Fernando. **O santinho**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

EBM Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiária responsável pela aula: Débora Gonçalves
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 7º - Turma: 71

Plano de aula 10 e 11 – 2 h/a

(21/10 – Sexta-feira – 07h45 às 09h15)

Tema: Produção da 1ª versão da crônica

Objetivo Geral

Produzir uma crônica considerando sua função social e a forma de relativamente estável desse gênero, com base em todos os estudos realizados nas aulas anteriores, tendo em vista a publicação de uma coletânea de crônicas da turma.

Objetivos Específicos:

- Retomar os aspectos centrais da crônica por meio da discussão das respostas ao roteiro de estudos da crônica Aspirador de pó, de Fernando Sabino;
- Demonstrar atitudes de cooperação durante o debate sobre o roteiro de estudos, através da postura de escuta atenta e ativa em relação à fala do outro e de solicitação da palavra para manifestação de posicionamento próprio;
- Empregar adequadamente os recursos expressivos e as marcas discursivas e linguísticas na produção textual da crônica;
- Empregar, na produção escrita, os conhecimentos apropriados relativos aos aspectos temáticos e composicionais condizentes com o gênero crônica.

Conhecimentos abordados:

- Escrita da crônica;
- Recursos temáticos e composicionais do gênero crônica;
- Marcas discursivas e linguísticas próprias da crônica.

Metodologia

- Entregar aos alunos os roteiros de estudos, com considerações feitas, sobre a crônica *Aspirador de pó*, de Fernando Sabino;
- Refletir juntamente com os estudantes sobre a resposta de cada questão, em voz alta, dando atenção, principalmente, para as respostas que tiveram mais inadequações;
- Após rever as questões do roteiro de estudos com os alunos, perguntar se eles ainda têm alguma dúvida sobre o conteúdo;
- Informar que começaremos nesta aula a trabalhar com a produção da crônica para a publicação da coletânea de crônicas;

- Entregar aos alunos um roteiro com orientações para a produção escrita para se guiarem; e, indicar que eles podem se basear, para escreverem suas crônicas, na notícia que escolheram na aula retrasada (aula 8);
- Ler o roteiro de produção de escrita em voz alta, esclarecendo dúvidas que porventura surjam;
- Advertir que eles deverão entregar, nessa aula, a primeira versão de suas crônicas;
- Dedicar o tempo restante da aula para que eles realizem a produção escrita;
- Fazer a chamada;
- Recolher as produções dos alunos, ao fim da aula.

Recursos didáticos

- Roteiros de estudos sobre a crônica *Aspirador de pó*, de Fernando Sabino, analisados pelas professoras-estagiárias;
- Quadro, canetão;
- 30 cópias do roteiro de orientação para a produção de texto.

Avaliação

A avaliação será feita de acordo com o desenvolvimento dos alunos em aula. A participação em sala, a adequação das intervenções, o respeito aos colegas e às professoras. Será avaliada também a produção textual da 1ª versão da crônica considerando a adequação ao gênero e às regras da modalidade escrita formal da língua portuguesa, com base no que estudamos em sala.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo, Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção biblioteca universal).

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro&João Editores, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

SABINO, Fernando. **Aspirador de pó**. Disponível em:

<<http://contobrasileiro.com.br/aspirador-de-po-chronica-de-fernando-sabino/>> Acessado em: 19 de setembro de 2016

ANEXO 1 – Roteiro de produção escrita

EBM Beatriz de Souza Brito

Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres

Estagiária responsável pela aula:

Disciplina: Língua Portuguesa

Ano: 7º - Turma: 71

Estivemos estudando, ao longo das últimas semanas, o gênero crônica e suas características principais. Vimos que esse é um gênero muito parecido com a notícia, pois possui um caráter jornalístico, mas que, diferente desta, possui outra linguagem, outra abordagem temática. No entanto, a crônica, tal como a notícia, é realizada a partir de temas que acontecem no nosso dia a dia.

Agora, para a primeira produção da crônica, que fará parte da nossa coletânea, convidamos vocês a pensar sobre:

- 1) Um tema que seja referente a situações cotidianas;
- 2) Personagens que darão vida à história;
- 3) O local em que essa narrativa irá se passar;
- 4) Um título que chame atenção ao leitor;
- 5) O narrador do texto, podendo ser em primeira ou terceira pessoa;
- 6) Qual será seu intuito com essa crônica: causar humor, gerar ironia, fazer uma crítica...

Estabelecendo esses pontos, cabe a vocês decidirem de que modo irão desencadear seus textos!

Bom trabalho, galerinha! 😊

ANEXO 2 – Fotos das produções de crônica dos alunos

Seu texto está bem escrito. Sugerimos que você repense o final do mesmo, de modo a torna-lo mais surpreendente para o leitor. Procure torna-lo crítico, humorístico ou irônico, a fim de que se adeque melhor ao gênero crônica. Veja que seu texto tem como temática "a crise de emprego", no entanto, no fim do mesmo, a personagem principal consegue facilmente uma vaga. Não há aí uma contradição? Cuide, na reescrita, com a margem e com os apontamentos que fizemos em sua primeira versão.

Dispersum ramum

Professora: Débora e Larissa

A Lu

10/71 N:8

Blauampelis, 21 de outubro de 2016

A crise

Numa linda tarde de sol de quarta-feira, uma mulher vai em uma empresa para entregar o seu currículo para assumir algum trabalho.

- Olá, tudo bom?

- Sim, e com a senhora?

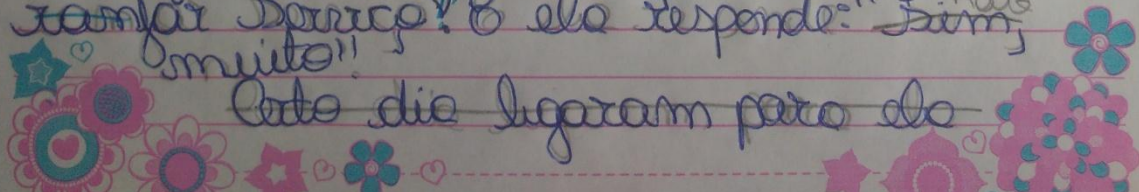
- Eu estou bem. A senhora sabe se aqui tem uma vaga para eu poder trabalhar aqui?

- Olha, senhora, eu não sei, mais se a senhora quiser, pode deixar o seu currículo aqui, sim.

Ela deixou o seu currículo e esperou ser chamada para a entrevista. Se passaram dois dias e ela estava caminhando por aí tentando procurar mais lugares para deixar currículo. Daí, um meio dia chamou-a na rua para fazer uma reportagem sobre a "crise de emprego", ele perguntou para ela: "a senhora acha que está fácil achar ^{trabalho} emprego?" E ela responde: "Sim, ^{mas} muito".

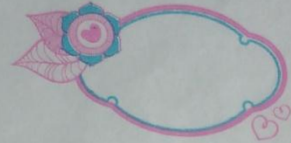
Logo dia ligaram para ela

Cuide com a margem!





S T O S S D
L M M J V S D



e chamaram ela para uma entrevista.
Ela foi, chegou lá e ela foi uma entre-
vista e ganhou a empresa.

Mas o gerente da loja gostou muito dela
então ele resolveu ligar para contratá-la. Se
passaram dois meses e ela gostou muito
do emprego porque o salário era bom, ela
ganhava até alimentação e trabalho de
segunda a sexta. Passou um ano e
ela ganhou um prêmio de melhor traba-
lhadora da empresa e então ela decidiu
trabalhar lá pelo menos mais uns 20 anos.

E foi aí que a vida dela começou a
ficar cada dia mais legal.

Seu texto está bem escrito. Gostamos bastante. No entanto, procure reformular seu fim, de modo a deixar a narrativa mais surpreendente para o leitor. Como o gênero crônica é sobre algo do cotidiano, o feitiço foge um pouco da proposta. Cuide, na reescrita, com a margem e com os apontamentos que fizemos em seu texto.

Disciplina:

Professora Estaciária: Debra e Luciana

Aluno

Turma: 71

Ipelir, 21.10.2016

É meminho ou memina?

Estava lá, novamente, ele ~~(aparece)~~ pensando na última que tinha apontado, até que sua mãe berrou:

- Carlos, cadê meu batom?

Ele, como sempre, ligeiro, foi pro banheiro tentando pensar onde ele tinha botado o batom, sua mãe começa a berrear novamente:

- Carlos, meu batom!

Com a boca toda manchada de vermelho, ele aparece, com aquele olhar de que não fez nada e fala:

- Está aqui seu batom.

Ele pega

Ajude com a margem

ho, e ele aparece, com uma mão na frente e outra atrás, com aquele olhar de que não se faz nada e fala: - Está aqui seu batom.

4 ~~Logo~~ ~~mão~~ ~~com~~ ~~um~~ ~~olhar~~ ~~apressado~~
Ela pegou seu batom, e abriu ^{o olho que} ele estava na metade, mais, ~~de~~ ~~seu~~ com sua paciência, manda que ele ~~vá~~ vá para o quarto.

5 Na parte da tarde ^{de tarde} sua irmã mais nova chega e chama todos para seu quarto; mostra o livro de fetiche que pegou na biblioteca do abego, e os dois começam a ler e acham um fetiche que trata ~~do~~ ~~traco~~ de corpo ⁵⁰

Sua crônica ficou muito divertida! Fizemos alguns apontamentos para você cuidar na hora da reescrita. Primeiramente, cuide com a utilização de letras minúsculas em começo de frase; você deve começar sempre com letra maiúscula (inclusive depois dos travessões que marcam os diálogos). Além disso, quando você utilizar travessões, estes também devem ter um espaço em relação à margem, como nos inícios de parágrafos. Ao longo de seu texto, observamos variadas inadequações no uso da pontuação. Fizemos as alterações necessárias e pedimos que você observe-as na reescrita. A maioria das vezes em que você deixou de colocar a pontuação necessária foi em casos de vocativo, que devem ser separados por vírgula, como em “- Tá, meu quiridu, segui aqui [...]”. Por último, achamos muito legal você utilizar expressões do “manezes” no seu texto. No entanto, cuide para utilizá-las sempre da mesma forma, por exemplo, se você decidir escrever a palavra “depois” como “dipois”, você deve manter esse uso ao longo do texto.

Cuidar com a margem!

Contação mane

Um dia eu estava no mercado Público e um turista veio em minha direção e perguntou onde fica a (a) Beira mar. Olhei pra ele e disse:

- Quiridu, olha aqui pra mim, você vai nessa direção, depois pega a direita e segue todo o dia
- Entendeu?
- Olha cara, não entendi nada
- Tá, meu quiridu, segue aqui depois pega a direita e segue reto todo dia
- Você fala muito rápido
- Tá bom, meu quiridu, vou tentar te deixar menos confuso
- Tá
- Você vai reto (a) nessa direção, depois pega a direita e segue reto todo dia, depois você vai ver um rio, tá certo ou não?
- Sei
- Então, não é erro, depois por passar pelo rio vai ter um posto de gasolina (a) certo?
- Provavelmente você estava com gasolina (a) no posto, depois por um rio que tem um





pizzaria, disseis dissei vai chega

- demora muita?

- Não uns quinze minutinhos

- que bem...

- se tiver travada daí compra um pizzão
que vai demorar ~~um pouco~~ um pouco

- quantos minutos?

- minutos?

- sim, quantos?

- 300 minutos

- que?

- sim, umas ~~5 horas~~ 5 horas

Você escreveu bem o seu texto, entretanto ele não se adequa ao gênero crônica. Procure reconstruir os fatos de sua história a fim de que seu texto se encaixe no gênero. É interessante você pensar no tempo que essa história se passa. Nas crônicas geralmente o espaço de tempo da narrativa é bem objetivo, bem curto. É apenas um fato que se desenrola ao longo do texto. Pense em algum ponto mais específico para você escrever, juntamente do intuito que quer causar no leitor (irônico, crítico ou humorístico). Você pode continuar com a mesma temática que você trabalha: a paixão entre um casal, porém, deverá reconstruir seu texto.

Professora: dearissa e Debera.

Aluno: [redacted] T.º 71 m.º [redacted]

Floresópolis, 21 de outubro de 2016

O Amor sem Barreiras.

numa bela manhã de domingo, Maria Vitória encontra um menino chamado Everton, eles conversam por horas, se interessam um pelo outro.

Com o passar do tempo, eles marcam de se encontrar novamente, para discutirem uma ideia, a paixão deles cresce cada vez mais...

Ele resolve pedi-la com noivado, com flores lindas, ao som de "Jorge e Mathias - Eu, você, o céu e a mãe inteira pra amar", ela aceita!

Um ano se passa, eles casam...

Resolvem ter filhos, ^{quatro} filhos, Maria Alice, Lucas, Lucas e Rafael.

Maria Alice e Rafael se apaixonam, apesar de serem irmãos, Maria Vitória e Everton não aceitam esse casamento então eles resolvem manter escondido dos pais.

Até que um dia, Maria Alice engravidou, a menina nasce com deficiência, paralisia cerebral.

Eles contaram aos seus pais, eles resolvem aceitar o casamento entre Maria Alice e Rafael.

Tudo normaliza, e eles "vivem felizes para sempre."

O seu texto não se adequa muito bem ao gênero que estamos estudando, a crônica. De fato, a temática desse texto é sempre sobre algo do cotidiano. Você escreveu uma história contando uma briga entre colegas, e isso é, realmente, algo do nosso dia a dia. No entanto, a forma como você descreveu os fatos tornou o texto um relato, e não uma crônica. Para refazer o seu texto, seria interessante pensar: de qual escola são esses estudantes? O que é a SEPEX? É comum essa escola promover saídas com os estudantes? Quem são os personagens? Por que acontece essa briga? Ao reescrever seu texto, procure caracterizar melhor tanto os personagens quanto os espaços em que a narrativa se passa. Talvez seja interessante acrescentar diálogos ao texto. Lembre que o gênero crônica normalmente possui um caráter humorístico, irônico ou crítico. No texto que você escreveu não observamos nenhum dos três intuitos. Repense qual estilo você quer que sua crônica tenha na hora da reescrita, reelaborando e reinventando fatos para a construção da mesma.

Titulo

SEPEX

SepeX é um lugar onde estudantes fazem
ocorrer bem divertidas, mas quando
a turma 71, 81, 91 e 61 se juntaram não deu muito
certo, porque o Fabiano acabou brigando com o
Josias e o Uiter, como era seu amigo, foi o ajudar
e acabou puxando mais briga, no final o
Fabiano e o Uiter foram embora para a
briga não ficar mais ruim.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
EBM Beatriz de Souza Brito
Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiária responsável pela aula: Larissa Malu
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 7º - Turma: 71

Plano de aula 12 – 1 h/a

(26/10 – Quarta-feira – 07h45 às 08h30)

Tema: Análise textual: aspectos composicionais da crônica

Objetivo Geral:

Refletir sobre os aspectos composicionais do gênero crônica com base na análise da 1ª versão das crônicas produzida na aula anterior.

Objetivos Específicos:

- Reconhecer problemas de ordem composicional e temática na análise coletiva e individual da 1ª versão da crônica, com base nas indicações das professoras estagiárias;
- Analisar conjuntamente as produções dos alunos que apresentaram maiores ou menores adequações ao gênero;
- Expressar-se com clareza, atentando ao respeito com o outro, nos debates acerca da análise dos aspectos composicionais da crônica dos textos;
- Atribuir sentido à fala do outro pela escuta atenta e ativa das considerações feitas em sala em relação aos textos em análise.

Conhecimentos abordados:

- Leitura de textos selecionados para a análise das crônicas;
- Oralidade: clareza, objetividade e coerência na exposição de argumentos na discussão;
- O cotidiano como tema da crônica;
- Elementos da estrutura narrativa: enredo, tema, espaço, foco narrativo, personagens e recursos de expressão (linguagem, pontuação, tipos de discurso);
- Tipos de discurso: direto, indireto e indireto livre.

Metodologia

- Fazer a chamada;
- Explicar aos alunos que lemos seus textos e que iremos, nessa aula, discutir sobre as adequações dos textos ao gênero;
- Ler, em voz alta (professora estagiária), dois textos produzidos pelos alunos que consideramos mais adequados ao gênero crônica, sem revelar quem é o aluno autor, afim de não causar constrangimentos. Apresentar os textos em slides;

- Discutir com os alunos por que motivo tais textos podem ser classificados como crônicas bem elaboradas;
- Ler, em voz alta (professora estagiária), dois textos produzidos pelos alunos que consideramos menos adequados ao gênero crônica, igualmente sem revelar quem é o aluno autor. Apresentar os textos em slides;
- Debater com os estudantes a razão de esses textos estarem inadequados e provocá-los a sugerir de que modo tais textos poderiam ser melhorados.

Recursos didáticos

- Produções textuais dos alunos, previamente escolhidas;
- Projetor multimídia, notebook;
- Quadro, canetão.

Avaliação

A avaliação será feita de acordo com a participação em sala, considerando a adequação das intervenções, o respeito aos colegas e professores.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo, Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção biblioteca universal).

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro&João Editores, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

ANEXO 1 – Slides sobre análise textual

Slide 1:

A menina

Passo na frente daquela vitrine todo santo dia quando volto da escola. Sempre tem os mesmo sapatos, só que hoje tinha um diferente, era muito lindo, dourado com uma fita cor-de-rosa na frente. Entrei na loja e perguntei para a moça:

- Moça, quanto é aquele sapato da vitrine?
- Aquele dourado? É bem caro!
- Tá, mas quanto é?
- Eu já disse, é bem caro!
- Tá, moça, eu não quero saber se é caro ou não, eu quero saber o preço. – Eu disse

impaciente.

- É caro – Ela disse
- O PREÇO, eu quero saber o PREÇO! – Gritei.
- É caro! E não precisa gritar, você está numa loja, não na sua casa!

Quando ela disse isso eu perdi a paciência, fui embora. Cheguei em casa mal humorada, minha mãe ficou até assustada e perguntou:

- O que aconteceu, filha?
- O que me aconteceu você quer dizer, né? Foi aquela moça da loja aqui perto que não tava querendo me dar o preço do sapato.
- Que sapato? – Minha mãe perguntou.
- Um de ouro que tem na vitrine. – Eu disse.
- Iih, já vi que é caro!
- Mas custava me dizer o preço?
- Mas, filha, deve ser caro mesmo!
- Ai, você também, mãe?

Slide 2:

Uma velhinha atravessa a rua?

Um irmão acorda de manhã cedo com o maior entusiasmo dizendo para o seu outro irmão:

- Hoje eu quero fazer algo bom!
- Como assim?
- Eu quero fazer algo diferente.
- Não entendi muito bem...
- Vamos lá fora dar uma volta que eu te mostro.

Os dois saíram pra dar uma volta, e viram uma velhinha tentando atravessar a rua:

- Olha lá, aquela velhinha tá tentando atravessar a rua! Vamos ajuda-la!
- Hummm, é isso de bom que você quer fazer...
- Sim, tipo isso!
- Ok, vamos lá!

Pra chegar até a velhinha, os dois precisaram atravessar a rua. Mas, nenhum carro parava:

- Meu Deus! Nenhum carro para!
- É, irmão, acho que não vai dar pra fazer isso que você quer.

De repente não veio mais carro. Quando eles botaram o pé na faixa, lá veio mais:
– Ai, meu Deus! Já estou ficando irritado!
Depois de tanto tempo de espera, eles conseguiram:
– Ufa! Conseguimos...
– Sim! Vamos lá!
Encontraram a velhinha e lhe disseram:
– Com licença, senhora, deixe-nos ajuda-la a atravessar a rua!
– Olá, meus jovens, obrigada, mas não quero atravessar a rua, só estou olhando o movimento.

Slide 3:

Crônica 3

SEPEX é um lugar onde estudantes fazem excursões bem divertidas, mas quando a turma 71, 81, 91 e 61 se juntaram não deu muito certo, porque o Fabiano acabou brigando com o Josias e o Vitor, como era seu amigo, foi o ajudar e acabou puxando mais briga. No final o Fabiano e o Vitor foram embora para a briga não ficar mais séria.

Slide 4:

O amor sem barreiras

Numa bela manhã de domingo, Maria Vitória encontra um menino chamado Everton, eles conversam por horas, se interessam um pelo outro.

Ao passar do tempo, eles marcam de se encontrar novamente, para trocarem uma ideia, a paixão deles cresce cada vez mais...

Ele resolve pedi-la em namoro, com flores lindas, ao som de “Jorge e Matheus – Eu, você, o céu e a noite inteira pra amar”, ela aceita!

Uns anos se passam, eles casam...

Resolvem ter filhos, quatro filhos, Maria Alice, Lucas, Lara e Rafael.

Maria Alice e Rafael se apaixonam, apesar de serem irmãos, Maria Vitória e Everton não aceitam esse namoro, então eles resolvem namorar escondido dos pais.

Até que um dia, Maria Alice engravida, a menina nasce com deficiência, paralisia cerebral.

Eles contam aos seus pais, eles resolvem aceitar o namoro entre Maria Alice e Rafael. Tudo normaliza, e eles “vivem feliz para sempre”.

Slide 5:

Os dois amigos

Um dia, indo para escola, os dois se encontraram na entrada e o João disse para o Carlos “Vamos a hora que bater o sinal ao cinema?”. O Carlos disse “Sim, mas depois iremos a sua casa ver o jogo do Figueira e Avaí, vai ser muito massa! Com certeza o Avaí ganhará”.

Logo depois na casa do João ele foi ligar a TV e disse “Acabou a luz, agora não vai dar de ver nada”. “Nossa, que mal, então vamos ligar a lanterna e brincar de jogo de tabuleiro, depois que voltar a luz podemos jogar vídeo game”.

Depois foi escurecendo, Carlos foi pra casa tomar banho, comer e dormir, e o João também.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
EBM Beatriz de Souza Brito
Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiária responsável pela aula: Débora Gonçalves
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 7º - Turma: 71

Plano de aula 13 – 1 h/a

(27/10 – Quinta-feira – 08h30 às 09h15)

Tema: Análise linguística

Objetivo Geral:

Refletir sobre os aspectos linguísticos do gênero crônica com base na análise da 1ª versão das crônicas produzidas na aula anterior.

Objetivos Específicos:

- Analisar conjuntamente trechos das produções dos alunos que apresentaram inadequações de ordem textual e linguística;
- Reconhecer problemas de ordem textual e linguística na análise coletiva e individual da 1ª versão da crônica, com base nas indicações das professoras estagiárias;
- Expressar-se com clareza, atentando ao respeito com o outro, nos debates acerca da análise dos aspectos composicionais da crônica dos textos;
- Atribuir sentido à fala do outro pela escuta atenta e ativa das considerações feitas em sala em relação aos textos em análise.

Conhecimentos abordados:

- Leitura de textos selecionados para a análise das crônicas;
- Oralidade: clareza, objetividade e coerência na exposição de argumentos na discussão;
- Elementos da estrutura narrativa: enredo, tema, espaço, foco narrativo, personagens e recursos de expressão (linguagem, pontuação, tipos de discurso);
- Tipos de discurso: direto, indireto e indireto livre.

Metodologia

- Fazer a chamada;
- Apresentar a pauta do dia aos alunos: análise linguística dos textos produzidos;
- Escrever fragmentos, no quadro, das crônicas feitas pelos estudantes;
- Debater sobre os elementos linguísticos presentes nos textos produzidos pelos alunos, considerando as dificuldades identificadas pelas professoras-estagiárias;
- Indagar se os alunos possuem alguma dúvida referente ao assunto e/ou à produção escrita, de um modo geral;

- Indicar que, na próxima aula, começaremos a reescrita da crônica.

Recursos didáticos

- Trechos das produções textuais dos alunos, previamente escolhidos;
- Quadro, canetão.

Avaliação

A avaliação será feita de acordo com a participação em sala, considerando a adequação das intervenções, o respeito aos colegas e professores.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: Estética da criação verbal. Introdução e tradução do russo, Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção biblioteca universal).

GERALDI, João Wanderley. A aula como acontecimento. São Carlos: Pedro&João Editores, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

VAL, Maria da Graça. Como avaliar a textualidade. In: _____. Redação e textualidade. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 17-28.

ANEXO 1 – Slides sobre análise linguística

Slide 1:

Desastroso Futebol

Durante as Olimpíadas Rio 2016 muitas coisas aconteceram, e muitas você não sabia!
Em um hotel na Vila Olímpica, durante um jogo de handebol, Guga Kuerten encontrou-se com um amigo em seu quarto.

- Que tédio. – dizia ele – Não aguento mais ver esse jogo!

- Até eu, que adoro esse tipo de esporte, não agüento mais – disse Guga, esparramado no sofá. Mas, de repente, ele teve uma ideia.

- O dia está tão lindo hoje, vamos jogar tênis?

O amigo até gostou da ideia, mas, quando percebeu que não teria chance contra um dos melhores jogadores do mundo, ele disse:

- Que tal jogarmos futebol?

- Ok! – disse Guga muito animado – Bora lá?

Chegando no pátio em que havia um gramado de futebol eles começaram a jogar com o propósito de acertar o gol, mas perceberam que não teria como jogar, pois jogavam extremamente mal. Quando estavam quase desistindo, Guga teve mais uma ideia.

- Que tal ligarmos para um amigo meu que irá nos ajudar a parar de passar vergonha?

- E quem seria ele? - perguntou o amigo.

- Ele seria o Gabriel Jesus!

Então Guga ligou pra ele pedindo ajuda, e Gabriel aceitou. Coitado do Gabriel! Pensava que seria fácil!

Cinco minutos depois Gabriel chegara ao gramado. Ele explicava, explicava, explicava, mas parecia que eles nunca conseguiam entender. As pessoas que passavam na rua olhavam para eles e começaram a rir do “desastre”que estava acontecendo.

Gabriel começou a pensar que logo chegaria a imprensa e aquela vergonha poderia acabar com ele durante uns bons dois anos.

Então ele viu que teria que se livrar deles.

- Ixi! Eu acho que vai chover! - disse Gabriel.

- Verdade, que pena! - disse Guga.

- Ahhh! - disse o amigo

- Que pena, mesmo. - disse Gabriel - quem sabe na próxima ve...

- Que tal irmos chamar a imprensa! - disse Guga.

E a partir dali a carreira de Gabriel foi ralo abaixo, ou melhor, grama abaixo.

Slide 2:

A boneca

No aniversário de 8 anos de sua filha, sua mãe deu uma boneca de brinquedo, sua filha adorou o presente e cuidou da boneca como se fosse de verdade.

- Filha, o que você está fazendo?
- Nada, mãe, só estou pegando minha boneca.
- Mas você não está meio grandinha para brincar com essa boneca?

A mãe ficou assustada porque a filha tinha 16 anos e ganhou essa boneca quando tinha 8 anos, e ainda estava em perfeito estado.

- Filha, vamos comer fora.
- Sim, deixa eu pegar a minha boneca.
- Você está grande pra essas coisas de bonecas.
- Tá, mãe, que chata, agora não posso levar a minha boneca.

A mãe olhou para filha com uma cara de raiva. Mandou a filha botar a boneca em cima do sofá e entrar no carro. A filha obedeceu e entrou.

- Mãe, onde a gente vai?
- Numa pizzaria.
- Posso pedir pizza de calabresa?
- Pode.

A filha com aquela cara emburrada sorriu ao saber que ia comer sua pizza preferida. Depois de voltar pra casa a mãe percebeu que sua filha nem deu atenção para a boneca e com isso pensou que deveria passar mais tempo com a filha.

- Filha, vamos sair
- Sério?
- Mas tem uma condição: você tem que doar essa boneca. - Ela pensou bem antes de dar a boneca para sua mãe.
- Tá, mãe, vou doar a boneca.

Sua mãe ficou orgulhosa pela decisão de doar a boneca e com isso elas passaram mais tempo juntas. Sua boneca foi para um orfanato e todos os seus brinquedos também.

Slide 5:

Um gordinho ficar legal

Tinha um cara que era um pouquinho gordinho, mais a mulher dele era muito braba porque ele tinha que emagrecer para ficar mais sério, porque todo os gordinhos são mais engraçados. Um dia o gordinho foi na academia mais os outros começaram a rir dele e ele correu para casa e assaltou a geladeira. Mais de noitezinha a mulher dele chegou em casa e viu ele no sofá cheio de comida em cima dele. A mulher dele falou o que aconteceu eu fui mais tavam brincando que eu sou um pouquinho gordinho.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
EBM Beatriz de Souza Brito
Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiário responsável pela aula: Larissa Malu
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 7º - Turma: 71

Plano de aula 14 - 1 h/a

(03/11 – Quinta-feira –08h30 às 09h15)

Tema: Leitura-fruição de crônicas.

Objetivo Geral:

Realizar a leitura de crônicas de diferentes autores a fim de vivenciar a experiência da fruição de um texto, atribuindo valor ao ato de ler e auxiliando no desenvolvimento do gosto pela leitura.

Objetivos Específicos:

- Reconhecer a função social, o espaço de circulação e os recursos expressivos e linguísticos do gênero crônica;
- Identificar semelhanças e diferenças entre crônicas de diferentes autores;
- Perceber a correspondência temática entre as diferentes crônicas.

Conhecimentos abordados:

- Leitura – fruição do gênero crônica;
- Importância da leitura;
- Interpretação de texto.

Metodologia

- Disponibilizar crônicas impressas e em coletâneas para os alunos que tiverem interesse;
- Permitir que os estudantes façam leitura dos livros trazidos de casa, caso queiram;
- Anotar a chamada, silenciosamente;
- Avisar aos alunos que tragam a pasta na aula seguinte, pois iremos conferir o roteiro de leitura e a organização dos materiais.

Recursos didáticos

- 20 crônicas impressas, sendo: 5 cópias de *Eita Perguntinha*, de Domingos Pellegrini; 5 cópias de *Ladrão que rouba ladrão*, de Domingo Pellegrini; 5 cópias de *A foto*, de Luís Fernando Veríssimo; e 5 cópias de *O homem trocado*, de Luís Fernando Veríssimo;
- Coletâneas de crônicas.

Avaliação

A avaliação se dará a partir da concentração dos alunos em suas leituras, demonstrada pela sua postura no contato com os textos.

Referências

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro&João Editores, 2010.

_____. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1999. 3ed.

PELLEGRINI, Domingos. **Eita Perguntinha!**. Disponível em:
<<http://portugueixa.blogspot.com.br/2009/07/eita-perguntinha-pai-o-que-e-etica-o.html>> .
Acesso em: 20 de set. de 2016

PELLEGRINI, Domingos. **Ladrão que rouba ladrão e outras crônicas** – Coleção para gostar de ler, n° 33, 1ª ed. Ática, 2002.

Veríssimo, Luis Fernando. **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ANEXO 1 – Crônica *Eita Perguntinha!*, de Domingos Pellegrini

EITA PERGUNTINHA!

Domingos Pellegrini

- Pai, o que é ética?
- O pai descansa o jornal, olha para o cunhado:
- Você quer responder?
- Eu?! O pai dele é você!
- Mas você é professor, pensei que...
- Negativo, responda você, pariu Mateus que embale.
- Eu não sou Mateus, tio — corrige o menino. — Sou...
- Sei quem você é, é modo de falar, e o problema é que...
- O problema — o pai sorri — é que seu tio não sabe o que é ética...
- O tio então se apruma na poltrona, junta as mãos, pigarreia e diz que, bem...
- ...ética é um conjunto de qualidades intrínsecas ao comportamento humano, visto sob a ótica coletiva, ou seja, o que é bom para você tem também de ser bom para todos, ou não será ético, certo?
- O menino fica pensando, o pai e o tio voltam aos jornais, mas logo ele volta ao assunto:
- A mãe sempre diz que fica doente de me ver comer tanto doce. Então doce não é ético?
- Dê aí uma explicação bem intrínseca, diz o pai, e o cunhado diz sim, claro:
- Ética é você escolher o bem em vez do mal, não fazer aquilo que seja mau para os outros. Por exemplo...
- ...roubar — emenda o pai — e mentir, ludibriar, difamar, certo?
- Certo, concorda o menino com a cabeça, para em seguida perguntar:
- E o que é ludibriar e difamar?
- Ludibriar é enganar.
- Que nem quando você diz pra mãe que vai me levar no parque e me leva pro shopping?
- O cunhado levanta o jornal para esconder o riso, e é a vez do pai pigarrear:
- Bem, não... quer dizer, sim, ou melhor, não, você não está enganando se a intenção é boa, é... afinal, nós somos maioria, você e eu preferimos o shopping, só sua mãe prefere que a gente vá ao parque, e na democracia a maioria ganha, então...
- Não, pai, eu sempre prefiro o parque, você é que sempre quer ir pro shopping.
- É que no shopping tem muito mais opções de diversão, filho, e...
- ...e tem chope também — fala a mãe surgindo na porta. — Então está explicado por que tantas idas ao parque sem reclamar...
- Peraí, mulher — o pai larga o jornal. — Você ouviu só parte da história e, aliás, por que não perde essa mania de chegar de mansinho pra ouvir conversa dos outros?
- Ora, eu estou na minha casa, não estou?

— Mas é q... — o pai engasga, joga o jornal, levanta. —É que não é ético! E vou sair antes de ter que ouvir sermão! — e sai batendo a porta.

— Ah, não é ético? — resmunga a mãe, enquanto o menino vê o jornal do tio se sacudindo, até que se volta para ela:

— Mãe, falando sério, o que é ética?

PELLEGRINI, Domingos. **Eita Perguntinha!**. Disponível em:

<<http://portugueixa.blogspot.com.br/2009/07/eita-perguntinha-pai-o-que-e-etica-o.html>> .

Acesso em: 20 de set. de 2016

ANEXO 2 – Crônica *Ladrão que rouba ladrão*, de Domingos Pellegrini

LADRÃO QUE ROUBA LADRÃO

Domingos Pellegrini

O ladrão estava abrindo a porta do carro, chegou o flanelinha:

– Quer que cuide, doutor?

– Tu é burro, hein, cara, não vê que tô saindo?

Entrou no carro, ficou esperando o flanelinha se mandar, ele se chegou:

– Dá um miúdo, tio...

– Te dou é um cascudo, se manda!

Abriu os vidros, o carro estava no sol. O flanelinha correu para um carro que vinha devagar caçando vaga, apontou onde ele estava, ele botou a cabeça para fora:

– Não vou sair, não, ô, infeliz!

Ligou o rádio, o carro era uma sauna. Assustou-se com a cabeça do guri na janela:

– Mas o senhor falou que ia sair.

– Mas não falei que ia sair agora, né, quer me dar paz?!

– Por mim – o guri cantarolou se afastando –, pode cozinhar aí!

– Ele se debruçou enfiando a mão debaixo do painel, achou logo os fios, puxou para fora, fez a ligação. Quando se endireitou pegando o volante, deu de novo com o moleque ali:

– Me dá um dinheiro, tio, senão aviso o guarda! – apontou um PM dirigindo o trânsito lá no cruzamento.

Era um guri miúdo e vivo, devia ser muito ligeiro, então ele enfiou a mão no bolso, tirou umas moedas.

– Dinheiro, tio, dinheiro, moeda não!

Ele deu uma nota, o guri puxou outra.

– Ladrão!

– Só eu, tio?!

Ele deu partida, o motor pegou na primeira, ele agradeceu a Deus (sim, a Deus). Arrancou logo, passou pelo guarda, aí foi resmungando que ladrãozinho, que ladrãozinho:

– É por isso que o Brasil não vai pra frente!

PELLEGRINI, Domingos. **Ladrão que rouba ladrão e outras crônicas** – Coleção para gostar de ler, n° 33, 1ª ed. Ática, 2002.

ANEXO 3 – Crônica *A foto*, de Luís Fernando Veríssimo

A FOTO

Luís Fernando Veríssimo

Foi numa festa de família, dessas de fim de ano. Já que o bisavô estava morre não morre, decidiram tirar uma fotografia de toda a família reunida, talvez pela última vez. A bisa e o bisa sentados, filhos, filhas, noras, genros e netos em volta, bisnetos na frente, esparramados pelo chão.

Castelo, o dono da câmara, comandou a pose, depois tirou o olho do visor e ofereceu a câmara a quem ia tirar a fotografia. Mas quem ia tirar a fotografia?

– Tira você mesmo, ué.

– Ah, é? E eu não saio na foto?

O Castelo era o genro mais velho. O primeiro genro. O que sustentava os velhos. Tinha que estar na fotografia.

– Tiro eu – disse o marido da Bitinha.

– Você fica aqui – comandou a Bitinha.

Havia uma certa resistência ao marido da Bitinha na família. A Bitinha, orgulhosa, insistia para que o marido reagisse.

“Não deixa eles te humilharem, Mário César”, dizia sempre.

O Mário César ficou firme onde estava, ao lado da mulher.

– Acho que quem deve tirar é o Dudu.

O Dudu era o filho mais novo de Andradina, uma das noras, casada com o Luiz Olavo. Havia a suspeita, nunca claramente anunciada, de que não fosse filho do Luiz Olavo. O Dudu se prontificou a tirar a fotografia, mas a Andradina segurou o filho.

– Só faltava essa, o Dudu não sair.

Tinha que ser toda a família reunida em volta do bisa. Foi quando o próprio bisa se ergueu, caminhou decididamente até o Castelo e arrancou a câmara da sua mão.

– Dá aqui.

– Mas seu Domicio...

– Vai pra lá e fica quieto.

– Papai, o senhor tem que sair na foto. Senão não tem sentido!

– Eu fico implícito – disse o velho, já com o olho no visor.

E antes que houvesse mais protestos, acionou a câmara, tirou a foto e foi dormir.

Veríssimo, Luis Fernando. **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 37-38.

ANEXO 4 – Crônica *O homem trocado*, de Luís Fernando Veríssimo

O HOMEM TROCADO

Luís Fernando Veríssimo

O homem acorda da anestesia e olha em volta. Ainda está na sala de recuperação. Há uma enfermeira do seu lado. Ele pergunta se foi tudo bem.

- Tudo perfeito – diz a enfermeira, sorrindo.
- Eu estava com medo desta operação...
- Por quê? Não havia risco nenhum.
- Comigo, sempre há risco. Minha vida tem sido uma série de enganos...

E conta que os enganos começaram com seu nascimento. Houve uma troca de bebês no berçário e ele foi criado até os dez anos por um casal de orientais, que nunca entenderam o fato de terem um filho claro com olhos redondos. Descoberto o erro, ele fora viver com seus verdadeiros pais. Ou com sua verdadeira mãe, pois o pai abandonara a mulher depois que esta não soubera explicar o nascimento de um bebê chinês.

- E o meu nome? Outro engano.
- Seu nome não é Lírio?
- Era para ser Lauro. Se enganaram no cartório e...

Os enganos se sucediam. Na escola, vivia recebendo castigo pelo que não fazia. Fizera o vestibular com sucesso, mas não conseguira entrar na universidade. O computador se enganara, seu nome não apareceu na lista.

- Há anos que a minha conta do telefone vem com cifras incríveis. No mês passado tive que pagar mais de R\$ 3 mil.

- O senhor não faz chamadas interurbanas?
- Eu não tenho telefone!

Conhecera sua mulher por engano. Ela o confundira com outro. Não foram felizes.

- Por quê?
- Ela me enganava.

Fora preso por engano. Várias vezes. Recebia intimações para pagar dívidas que não fazia. Até tivera uma breve, louca alegria, quando ouvira o médico dizer:

- O senhor está desenganado.

Mas também fora um engano do médico. Não era tão grave assim. Uma simples apendicite.

- Se você diz que a operação foi bem...
- A enfermeira parou de sorrir.
- Apendicite? – perguntou, hesitante.
 - É. A operação era para tirar o apêndice.
 - Não era para trocar de sexo?

Veríssimo, Luis Fernando. **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 37-38.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
EBM Beatriz de Souza Brito
Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiária responsável pela aula: Larissa Malu
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 7º - Turma: 71

Plano de aula 15 e 16 – 2 h/a

(21/10 – Sexta-feira – 07h45 às 09h15)

Tema: Reescrita da crônica

Objetivo Geral

Reescrever a crônica considerando os apontamentos e as observações indicadas pelas professoras-estagiárias, tendo em vista a produção final para a publicação na coletânea de crônicas.

Objetivos Específicos:

- Empregar adequadamente os recursos expressivos e as marcas discursivas e linguísticas na reescrita da crônica;
- Empregar, na reescrita da 1ª versão do texto, aspectos temáticos e composicionais próprios o gênero crônica;
- Atentar aos apontamentos realizados pelas professoras-estagiárias na 1ª versão das crônicas.

Conhecimentos abordados:

- Reescrita da crônica;
- Recursos temáticos e composicionais do gênero crônica;
- Elementos da estrutura narrativa: enredo, tema, espaço, foco narrativo, personagens e recursos de expressão (linguagem, pontuação, tipos de discurso);
- Tipos de discurso: direto, indireto e indireto livre.

Metodologia

- Expor à turma que nessa aula será realizada a reescrita de suas crônicas, sendo essa a versão final para a publicação na coletânea de crônicas;
- Devolver aos alunos suas produções textuais com apontamentos realizados pelas professoras-estagiárias;
- Entregar aos estudantes folhas pautadas para que eles reescrevam suas crônicas;
- Atentar para que não se esqueçam do título da crônica;
- Auxiliar aos alunos que apresentaram mais dificuldades na escrita;
- Ceder o restante da aula para a realização da reescrita da crônica;
- Conferir as pastas dos alunos enquanto eles produzem a reescrita, analisando a organização da mesma e os registros realizados no roteiro de leitura;

- Recolher a versão final das crônicas.

Recursos didáticos

- 1ª versão das crônicas dos alunos;
- 30 folhas pautadas;
- Quadro, canetão.

Avaliação

A avaliação será feita de acordo com o desenvolvimento dos alunos em aula. A participação em sala, a adequação das intervenções, o respeito aos colegas e professores. Será avaliada também a adequação da reescrita da crônica, considerando as observações feitas nas aulas de análise lingüística e apontamentos nas produções entregues. As crônicas produzidas terão peso 10. No roteiro de leitura deverão conter no mínimo sete crônicas sistematizadas, sendo: *O Lixo*, de Luís Fernando Veríssimo; *A bola*, de Luís Fernando Veríssimo; *A velhinha contrabandista*, de Stanislaw Ponte Preta; *Conversinha Mineira*, de Fernando Sabino; *Mãe*, de Rubem Braga; *A sexta*, de Luís Fernando Veríssimo.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo, Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção biblioteca universal).

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro&João Editores, 2010.

_____. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1991].

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

ANEXO 1 – Fotos das crônicas reescritas

A crise

Numa linda tarde de sol de quarta-feira uma mulher chamada Juliama vai em uma empresa para deixar o seu currículo para assumir algum trabalho.

- Olá, tudo bom?

- Sim, e com a senhora?

- Eu estou bem, por favor, não me chame de senhora, o meu nome é Juliama.

- Ok, desculpe, Juliama, você deseja alguma coisa?

- Sim, tem uma vaga para eu poder trabalhar aqui?

- Olha, Juliama, eu não sei, mas se ~~()~~ você quiser, deixar o seu currículo aqui, você pode, sim.

Então Juliama deixou o seu currículo e esperou ser chamada para a entrevista. De passou dois dias e ela estava comimhando por aí, tentando procurar mais lugares para deixar o seu currículo.

Dai, um mês que trabalha na reportagem chamou-a na rua para fazer uma reportagem sobre a "Crise de empregos", ele perguntou para ela:

- A senhora acha que está fácil arranjar empregos?

E ela responde:

- ~~()~~ Sim, muito!

O gerente da última empresa gostou muito de

Juliano, então ele resolveu ligar para contratá-la.
E passaram dois meses e ela gostou muito do emprego, porque o salário era muito bom, ela ganhava vale alimentação e trabalhava de segunda a sexta.
(1) ~~Passou um ano e ela ganhou um prêmio de melhor trabalhadora da empresa e então ela se decidiu trabalhar lá pelo menos mais uns 20 anos.~~

E foi aí que a vida dela começou a ficar cada dia mais legal.

o jogo mal lembrado

era uma vez ^{quatro} amigos que estavam jogando um jogo chamado dark royale. Um desses amigos falou ¹ & ² não queris jogar este jogo então sem máda. - ³ disse ⁴ amigo.

^{mas} mais ^{depois} ro em não queria jogar, os outros ^{três} 3 queriam. Eles estavam em um lugar remota muito escuro.

- ^{mas} Namor para minha cara, disse um amigo mas eles não queriam ir para cara.

- ^{mas} Aqui está ¹ muito legal, disse ^{outro} um amigo ² mas de repente eles viram um sulco entre os ³ árvores.

Um deles falou que não era nada, ^{mas} mais outros mentiu inventar que tinha algo. E tinha inimigo.

- ^{mas} mas os outros ^{três} 3 amigos não ligaram muito.

Quando acabaram de jogar o jogo viram um cara vertido de palha ¹ ² ³ ⁴ ⁵ ⁶ ⁷ ⁸ ⁹ ¹⁰ ¹¹ ¹² ¹³ ¹⁴ ¹⁵ ¹⁶ ¹⁷ ¹⁸ ¹⁹ ²⁰ ²¹ ²² ²³ ²⁴ ²⁵ ²⁶ ²⁷ ²⁸ ²⁹ ³⁰ ³¹ ³² ³³ ³⁴ ³⁵ ³⁶ ³⁷ ³⁸ ³⁹ ⁴⁰ ⁴¹ ⁴² ⁴³ ⁴⁴ ⁴⁵ ⁴⁶ ⁴⁷ ⁴⁸ ⁴⁹ ⁵⁰ ⁵¹ ⁵² ⁵³ ⁵⁴ ⁵⁵ ⁵⁶ ⁵⁷ ⁵⁸ ⁵⁹ ⁶⁰ ⁶¹ ⁶² ⁶³ ⁶⁴ ⁶⁵ ⁶⁶ ⁶⁷ ⁶⁸ ⁶⁹ ⁷⁰ ⁷¹ ⁷² ⁷³ ⁷⁴ ⁷⁵ ⁷⁶ ⁷⁷ ⁷⁸ ⁷⁹ ⁸⁰ ⁸¹ ⁸² ⁸³ ⁸⁴ ⁸⁵ ⁸⁶ ⁸⁷ ⁸⁸ ⁸⁹ ⁹⁰ ⁹¹ ⁹² ⁹³ ⁹⁴ ⁹⁵ ⁹⁶ ⁹⁷ ⁹⁸ ⁹⁹ ¹⁰⁰ ¹⁰¹ ¹⁰² ¹⁰³ ¹⁰⁴ ¹⁰⁵ ¹⁰⁶ ¹⁰⁷ ¹⁰⁸ ¹⁰⁹ ¹¹⁰ ¹¹¹ ¹¹² ¹¹³ ¹¹⁴ ¹¹⁵ ¹¹⁶ ¹¹⁷ ¹¹⁸ ¹¹⁹ ¹²⁰ ¹²¹ ¹²² ¹²³ ¹²⁴ ¹²⁵ ¹²⁶ ¹²⁷ ¹²⁸ ¹²⁹ ¹³⁰ ¹³¹ ¹³² ¹³³ ¹³⁴ ¹³⁵ ¹³⁶ ¹³⁷ ¹³⁸ ¹³⁹ ¹⁴⁰ ¹⁴¹ ¹⁴² ¹⁴³ ¹⁴⁴ ¹⁴⁵ ¹⁴⁶ ¹⁴⁷ ¹⁴⁸ ¹⁴⁹ ¹⁵⁰ ¹⁵¹ ¹⁵² ¹⁵³ ¹⁵⁴ ¹⁵⁵ ¹⁵⁶ ¹⁵⁷ ¹⁵⁸ ¹⁵⁹ ¹⁶⁰ ¹⁶¹ ¹⁶² ¹⁶³ ¹⁶⁴ ¹⁶⁵ ¹⁶⁶ ¹⁶⁷ ¹⁶⁸ ¹⁶⁹ ¹⁷⁰ ¹⁷¹ ¹⁷² ¹⁷³ ¹⁷⁴ ¹⁷⁵ ¹⁷⁶ ¹⁷⁷ ¹⁷⁸ ¹⁷⁹ ¹⁸⁰ ¹⁸¹ ¹⁸² ¹⁸³ ¹⁸⁴ ¹⁸⁵ ¹⁸⁶ ¹⁸⁷ ¹⁸⁸ ¹⁸⁹ ¹⁹⁰ ¹⁹¹ ¹⁹² ¹⁹³ ¹⁹⁴ ¹⁹⁵ ¹⁹⁶ ¹⁹⁷ ¹⁹⁸ ¹⁹⁹ ²⁰⁰ ²⁰¹ ²⁰² ²⁰³ ²⁰⁴ ²⁰⁵ ²⁰⁶ ²⁰⁷ ²⁰⁸ ²⁰⁹ ²¹⁰ ²¹¹ ²¹² ²¹³ ²¹⁴ ²¹⁵ ²¹⁶ ²¹⁷ ²¹⁸ ²¹⁹ ²²⁰ ²²¹ ²²² ²²³ ²²⁴ ²²⁵ ²²⁶ ²²⁷ ²²⁸ ²²⁹ ²³⁰ ²³¹ ²³² ²³³ ²³⁴ ²³⁵ ²³⁶ ²³⁷ ²³⁸ ²³⁹ ²⁴⁰ ²⁴¹ ²⁴² ²⁴³ ²⁴⁴ ²⁴⁵ ²⁴⁶ ²⁴⁷ ²⁴⁸ ²⁴⁹ ²⁵⁰ ²⁵¹ ²⁵² ²⁵³ ²⁵⁴ ²⁵⁵ ²⁵⁶ ²⁵⁷ ²⁵⁸ ²⁵⁹ ²⁶⁰ ²⁶¹ ²⁶² ²⁶³ ²⁶⁴ ²⁶⁵ ²⁶⁶ ²⁶⁷ ²⁶⁸ ²⁶⁹ ²⁷⁰ ²⁷¹ ²⁷² ²⁷³ ²⁷⁴ ²⁷⁵ ²⁷⁶ ²⁷⁷ ²⁷⁸ ²⁷⁹ ²⁸⁰ ²⁸¹ ²⁸² ²⁸³ ²⁸⁴ ²⁸⁵ ²⁸⁶ ²⁸⁷ ²⁸⁸ ²⁸⁹ ²⁹⁰ ²⁹¹ ²⁹² ²⁹³ ²⁹⁴ ²⁹⁵ ²⁹⁶ ²⁹⁷ ²⁹⁸ ²⁹⁹ ³⁰⁰ ³⁰¹ ³⁰² ³⁰³ ³⁰⁴ ³⁰⁵ ³⁰⁶ ³⁰⁷ ³⁰⁸ ³⁰⁹ ³¹⁰ ³¹¹ ³¹² ³¹³ ³¹⁴ ³¹⁵ ³¹⁶ ³¹⁷ ³¹⁸ ³¹⁹ ³²⁰ ³²¹ ³²² ³²³ ³²⁴ ³²⁵ ³²⁶ ³²⁷ ³²⁸ ³²⁹ ³³⁰ ³³¹ ³³² ³³³ ³³⁴ ³³⁵ ³³⁶ ³³⁷ ³³⁸ ³³⁹ ³⁴⁰ ³⁴¹ ³⁴² ³⁴³ ³⁴⁴ ³⁴⁵ ³⁴⁶ ³⁴⁷ ³⁴⁸ ³⁴⁹ ³⁵⁰ ³⁵¹ ³⁵² ³⁵³ ³⁵⁴ ³⁵⁵ ³⁵⁶ ³⁵⁷ ³⁵⁸ ³⁵⁹ ³⁶⁰ ³⁶¹ ³⁶² ³⁶³ ³⁶⁴ ³⁶⁵ ³⁶⁶ ³⁶⁷ ³⁶⁸ ³⁶⁹ ³⁷⁰ ³⁷¹ ³⁷² ³⁷³ ³⁷⁴ ³⁷⁵ ³⁷⁶ ³⁷⁷ ³⁷⁸ ³⁷⁹ ³⁸⁰ ³⁸¹ ³⁸² ³⁸³ ³⁸⁴ ³⁸⁵ ³⁸⁶ ³⁸⁷ ³⁸⁸ ³⁸⁹ ³⁹⁰ ³⁹¹ ³⁹² ³⁹³ ³⁹⁴ ³⁹⁵ ³⁹⁶ ³⁹⁷ ³⁹⁸ ³⁹⁹ ⁴⁰⁰ ⁴⁰¹ ⁴⁰² ⁴⁰³ ⁴⁰⁴ ⁴⁰⁵ ⁴⁰⁶ ⁴⁰⁷ ⁴⁰⁸ ⁴⁰⁹ ⁴¹⁰ ⁴¹¹ ⁴¹² ⁴¹³ ⁴¹⁴ ⁴¹⁵ ⁴¹⁶ ⁴¹⁷ ⁴¹⁸ ⁴¹⁹ ⁴²⁰ ⁴²¹ ⁴²² ⁴²³ ⁴²⁴ ⁴²⁵ ⁴²⁶ ⁴²⁷ ⁴²⁸ ⁴²⁹ ⁴³⁰ ⁴³¹ ⁴³² ⁴³³ ⁴³⁴ ⁴³⁵ ⁴³⁶ ⁴³⁷ ⁴³⁸ ⁴³⁹ ⁴⁴⁰ ⁴⁴¹ ⁴⁴² ⁴⁴³ ⁴⁴⁴ ⁴⁴⁵ ⁴⁴⁶ ⁴⁴⁷ ⁴⁴⁸ ⁴⁴⁹ ⁴⁵⁰ ⁴⁵¹ ⁴⁵² ⁴⁵³ ⁴⁵⁴ ⁴⁵⁵ ⁴⁵⁶ ⁴⁵⁷ ⁴⁵⁸ ⁴⁵⁹ ⁴⁶⁰ ⁴⁶¹ ⁴⁶² ⁴⁶³ ⁴⁶⁴ ⁴⁶⁵ ⁴⁶⁶ ⁴⁶⁷ ⁴⁶⁸ ⁴⁶⁹ ⁴⁷⁰ ⁴⁷¹ ⁴⁷² ⁴⁷³ ⁴⁷⁴ ⁴⁷⁵ ⁴⁷⁶ ⁴⁷⁷ ⁴⁷⁸ ⁴⁷⁹ ⁴⁸⁰ ⁴⁸¹ ⁴⁸² ⁴⁸³ ⁴⁸⁴ ⁴⁸⁵ ⁴⁸⁶ ⁴⁸⁷ ⁴⁸⁸ ⁴⁸⁹ ⁴⁹⁰ ⁴⁹¹ ⁴⁹² ⁴⁹³ ⁴⁹⁴ ⁴⁹⁵ ⁴⁹⁶ ⁴⁹⁷ ⁴⁹⁸ ⁴⁹⁹ ⁵⁰⁰ ⁵⁰¹ ⁵⁰² ⁵⁰³ ⁵⁰⁴ ⁵⁰⁵ ⁵⁰⁶ ⁵⁰⁷ ⁵⁰⁸ ⁵⁰⁹ ⁵¹⁰ ⁵¹¹ ⁵¹² ⁵¹³ ⁵¹⁴ ⁵¹⁵ ⁵¹⁶ ⁵¹⁷ ⁵¹⁸ ⁵¹⁹ ⁵²⁰ ⁵²¹ ⁵²² ⁵²³ ⁵²⁴ ⁵²⁵ ⁵²⁶ ⁵²⁷ ⁵²⁸ ⁵²⁹ ⁵³⁰ ⁵³¹ ⁵³² ⁵³³ ⁵³⁴ ⁵³⁵ ⁵³⁶ ⁵³⁷ ⁵³⁸ ⁵³⁹ ⁵⁴⁰ ⁵⁴¹ ⁵⁴² ⁵⁴³ ⁵⁴⁴ ⁵⁴⁵ ⁵⁴⁶ ⁵⁴⁷ ⁵⁴⁸ ⁵⁴⁹ ⁵⁵⁰ ⁵⁵¹ ⁵⁵² ⁵⁵³ ⁵⁵⁴ ⁵⁵⁵ ⁵⁵⁶ ⁵⁵⁷ ⁵⁵⁸ ⁵⁵⁹ ⁵⁶⁰ ⁵⁶¹ ⁵⁶² ⁵⁶³ ⁵⁶⁴ ⁵⁶⁵ ⁵⁶⁶ ⁵⁶⁷ ⁵⁶⁸ ⁵⁶⁹ ⁵⁷⁰ ⁵⁷¹ ⁵⁷² ⁵⁷³ ⁵⁷⁴ ⁵⁷⁵ ⁵⁷⁶ ⁵⁷⁷ ⁵⁷⁸ ⁵⁷⁹ ⁵⁸⁰ ⁵⁸¹ ⁵⁸² ⁵⁸³ ⁵⁸⁴ ⁵⁸⁵ ⁵⁸⁶ ⁵⁸⁷ ⁵⁸⁸ ⁵⁸⁹ ⁵⁹⁰ ⁵⁹¹ ⁵⁹² ⁵⁹³ ⁵⁹⁴ ⁵⁹⁵ ⁵⁹⁶ ⁵⁹⁷ ⁵⁹⁸ ⁵⁹⁹ ⁶⁰⁰ ⁶⁰¹ ⁶⁰² ⁶⁰³ ⁶⁰⁴ ⁶⁰⁵ ⁶⁰⁶ ⁶⁰⁷ ⁶⁰⁸ ⁶⁰⁹ ⁶¹⁰ ⁶¹¹ ⁶¹² ⁶¹³ ⁶¹⁴ ⁶¹⁵ ⁶¹⁶ ⁶¹⁷ ⁶¹⁸ ⁶¹⁹ ⁶²⁰ ⁶²¹ ⁶²² ⁶²³ ⁶²⁴ ⁶²⁵ ⁶²⁶ ⁶²⁷ ⁶²⁸ ⁶²⁹ ⁶³⁰ ⁶³¹ ⁶³² ⁶³³ ⁶³⁴ ⁶³⁵ ⁶³⁶ ⁶³⁷ ⁶³⁸ ⁶³⁹ ⁶⁴⁰ ⁶⁴¹ ⁶⁴² ⁶⁴³ ⁶⁴⁴ ⁶⁴⁵ ⁶⁴⁶ ⁶⁴⁷ ⁶⁴⁸ ⁶⁴⁹ ⁶⁵⁰ ⁶⁵¹ ⁶⁵² ⁶⁵³ ⁶⁵⁴ ⁶⁵⁵ ⁶⁵⁶ ⁶⁵⁷ ⁶⁵⁸ ⁶⁵⁹ ⁶⁶⁰ ⁶⁶¹ ⁶⁶² ⁶⁶³ ⁶⁶⁴ ⁶⁶⁵ ⁶⁶⁶ ⁶⁶⁷ ⁶⁶⁸ ⁶⁶⁹ ⁶⁷⁰ ⁶⁷¹ ⁶⁷² ⁶⁷³ ⁶⁷⁴ ⁶⁷⁵ ⁶⁷⁶ ⁶⁷⁷ ⁶⁷⁸ ⁶⁷⁹ ⁶⁸⁰ ⁶⁸¹ ⁶⁸² ⁶⁸³ ⁶⁸⁴ ⁶⁸⁵ ⁶⁸⁶ ⁶⁸⁷ ⁶⁸⁸ ⁶⁸⁹ ⁶⁹⁰ ⁶⁹¹ ⁶⁹² ⁶⁹³ ⁶⁹⁴ ⁶⁹⁵ ⁶⁹⁶ ⁶⁹⁷ ⁶⁹⁸ ⁶⁹⁹ ⁷⁰⁰ ⁷⁰¹ ⁷⁰² ⁷⁰³ ⁷⁰⁴ ⁷⁰⁵ ⁷⁰⁶ ⁷⁰⁷ ⁷⁰⁸ ⁷⁰⁹ ⁷¹⁰ ⁷¹¹ ⁷¹² ⁷¹³ ⁷¹⁴ ⁷¹⁵ ⁷¹⁶ ⁷¹⁷ ⁷¹⁸ ⁷¹⁹ ⁷²⁰ ⁷²¹ ⁷²² ⁷²³ ⁷²⁴ ⁷²⁵ ⁷²⁶ ⁷²⁷ ⁷²⁸ ⁷²⁹ ⁷³⁰ ⁷³¹ ⁷³² ⁷³³ ⁷³⁴ ⁷³⁵ ⁷³⁶ ⁷³⁷ ⁷³⁸ ⁷³⁹ ⁷⁴⁰ ⁷⁴¹ ⁷⁴² ⁷⁴³ ⁷⁴⁴ ⁷⁴⁵ ⁷⁴⁶ ⁷⁴⁷ ⁷⁴⁸ ⁷⁴⁹ ⁷⁵⁰ ⁷⁵¹ ⁷⁵² ⁷⁵³ ⁷⁵⁴ ⁷⁵⁵ ⁷⁵⁶ ⁷⁵⁷ ⁷⁵⁸ ⁷⁵⁹ ⁷⁶⁰ ⁷⁶¹ ⁷⁶² ⁷⁶³ ⁷⁶⁴ ⁷⁶⁵ ⁷⁶⁶ ⁷⁶⁷ ⁷⁶⁸ ⁷⁶⁹ ⁷⁷⁰ ⁷⁷¹ ⁷⁷² ⁷⁷³ ⁷⁷⁴ ⁷⁷⁵ ⁷⁷⁶ ⁷⁷⁷ ⁷⁷⁸ ⁷⁷⁹ ⁷⁸⁰ ⁷⁸¹ ⁷⁸² ⁷⁸³ ⁷⁸⁴ ⁷⁸⁵ ⁷⁸⁶ ⁷⁸⁷ ⁷⁸⁸ ⁷⁸⁹ ⁷⁹⁰ ⁷⁹¹ ⁷⁹² ⁷⁹³ ⁷⁹⁴ ⁷⁹⁵ ⁷⁹⁶ ⁷⁹⁷ ⁷⁹⁸ ⁷⁹⁹ ⁸⁰⁰ ⁸⁰¹ ⁸⁰² ⁸⁰³ ⁸⁰⁴ ⁸⁰⁵ ⁸⁰⁶ ⁸⁰⁷ ⁸⁰⁸ ⁸⁰⁹ ⁸¹⁰ ⁸¹¹ ⁸¹² ⁸¹³ ⁸¹⁴ ⁸¹⁵ ⁸¹⁶ ⁸¹⁷ ⁸¹⁸ ⁸¹⁹ ⁸²⁰ ⁸²¹ ⁸²² ⁸²³ ⁸²⁴ ⁸²⁵ ⁸²⁶ ⁸²⁷ ⁸²⁸ ⁸²⁹ ⁸³⁰ ⁸³¹ ⁸³² ⁸³³ ⁸³⁴ ⁸³⁵ ⁸³⁶ ⁸³⁷ ⁸³⁸ ⁸³⁹ ⁸⁴⁰ ⁸⁴¹ ⁸⁴² ⁸⁴³ ⁸⁴⁴ ⁸⁴⁵ ⁸⁴⁶ ⁸⁴⁷ ⁸⁴⁸ ⁸⁴⁹ ⁸⁵⁰ ⁸⁵¹ ⁸⁵² ⁸⁵³ ⁸⁵⁴ ⁸⁵⁵ ⁸⁵⁶ ⁸⁵⁷ ⁸⁵⁸ ⁸⁵⁹ ⁸⁶⁰ ⁸⁶¹ ⁸⁶² ⁸⁶³ ⁸⁶⁴ ⁸⁶⁵ ⁸⁶⁶ ⁸⁶⁷ ⁸⁶⁸ ⁸⁶⁹ ⁸⁷⁰ ⁸⁷¹ ⁸⁷² ⁸⁷³ ⁸⁷⁴ ⁸⁷⁵ ⁸⁷⁶ ⁸⁷⁷ ⁸⁷⁸ ⁸⁷⁹ ⁸⁸⁰ ⁸⁸¹ ⁸⁸² ⁸⁸³ ⁸⁸⁴ ⁸⁸⁵ ⁸⁸⁶ ⁸⁸⁷ ⁸⁸⁸ ⁸⁸⁹ ⁸⁹⁰ ⁸⁹¹ ⁸⁹² ⁸⁹³ ⁸⁹⁴ ⁸⁹⁵ ⁸⁹⁶ ⁸⁹⁷ ⁸⁹⁸ ⁸⁹⁹ ⁹⁰⁰ ⁹⁰¹ ⁹⁰² ⁹⁰³ ⁹⁰⁴ ⁹⁰⁵ ⁹⁰⁶ ⁹⁰⁷ ⁹⁰⁸ ⁹⁰⁹ ⁹¹⁰ ⁹¹¹ ⁹¹² ⁹¹³ ⁹¹⁴ ⁹¹⁵ ⁹¹⁶ ⁹¹⁷ ⁹¹⁸ ⁹¹⁹ ⁹²⁰ ⁹²¹ ⁹²² ⁹²³ ⁹²⁴ ⁹²⁵ ⁹²⁶ ⁹²⁷ ⁹²⁸ ⁹²⁹ ⁹³⁰ ⁹³¹ ⁹³² ⁹³³ ⁹³⁴ ⁹³⁵ ⁹³⁶ ⁹³⁷ ⁹³⁸ ⁹³⁹ ⁹⁴⁰ ⁹⁴¹ ⁹⁴² ⁹⁴³ ⁹⁴⁴ ⁹⁴⁵ ⁹⁴⁶ ⁹⁴⁷ ⁹⁴⁸ ⁹⁴⁹ ⁹⁵⁰ ⁹⁵¹ ⁹⁵² ⁹⁵³ ⁹⁵⁴ ⁹⁵⁵ ⁹⁵⁶ ⁹⁵⁷ ⁹⁵⁸ ⁹⁵⁹ ⁹⁶⁰ ⁹⁶¹ ⁹⁶² ⁹⁶³ ⁹⁶⁴ ⁹⁶⁵ ⁹⁶⁶ ⁹⁶⁷ ⁹⁶⁸ ⁹⁶⁹ ⁹⁷⁰ ⁹⁷¹ ⁹⁷² ⁹⁷³ ⁹⁷⁴ ⁹⁷⁵ ⁹⁷⁶ ⁹⁷⁷ ⁹⁷⁸ ⁹⁷⁹ ⁹⁸⁰ ⁹⁸¹ ⁹⁸² ⁹⁸³ ⁹⁸⁴ ⁹⁸⁵ ⁹⁸⁶ ⁹⁸⁷ ⁹⁸⁸ ⁹⁸⁹ ⁹⁹⁰ ⁹⁹¹ ⁹⁹² ⁹⁹³ ⁹⁹⁴ ⁹⁹⁵ ⁹⁹⁶ ⁹⁹⁷ ⁹⁹⁸ ⁹⁹⁹ ¹⁰⁰⁰

O LUPIDO DO AMOR

Havia

ERA UMA VEZ UM GAROTINHO QUE AMAVA UMA MENINA
E ELE ERA APAIXONADO DE MAIS, ^{MAS} MAS ESSA MENINA NÃO DAVA BOLA
PARA ELE. O GAROTO INSISTIA, MAS NÃO ^{OBTINHA} OBTIVE SUCESSO
EM NENHUMA DAS TENTATIVAS. NUM DIA, ANDANDO NA RUA
E PENSANDO NA VIDA, ENCONTROU UM LUPIDO DO AMOR.
E DEU AO LUPIDO QUE O AJUDASSE A CONQUISTAR
A GAROTA. O LUPIDO SEM MAIS ^{DE LONGAS} LONGAS PEGOU SEU
ARCO E FLECHA E FOI CONVERSAR:

- MENINA, PODEMOS CONVERSAR?
- ~~SI~~ SIM, CLARO QUE PODEMOS.
- ENTÃO, VOCÊ SABE QUE TEM UM GAROTO QUE A AMA...
- SEI, MAS ^{MAS} NÃO GOSTO DELE.
- ^{MAS} MAIS JÁ GOSTOU?
- JÁ!
- ENTÃO ^{POR QUE} PORQUE VOCÊS NÃO FILAM JUNTOS?
- PORQUE ELE JÁ ME MAGOOU MUITO.
- HUM, ^{MAS} MAS EU SOU O LUPIDO E VOU FAZER VOCÊ SE APAIXONAR
POR ELE!
- VOCÊ NÃO IRA CONSEGUIR!

O LUPIDO DEU UMA FLECHADA CERTeira NO CORAÇÃO
E FEZ A MENINA SE APAIXONAR PELO GAROTO. MAS O LUPIDO
~~ESQUELEU DE DAR A FLECHA~~ ESQUELEU DE DAR A FLECHADA NO GAROTO.
menino

Seg Ter Qua Qui Sex Sáb Dom

E O GAROTO ESQUELEU ELA, MAS A GURIA ACABOU FILANDO O
RESTO DA VIDA APAIXONADA POR ELE.

+ Sim

Então eles ficaram juntos por um
tempo, então eles encontram um ^{mam} ^{cajorau} ^{infectado} ^{do} ^{vírus} ^{zumbi}
onde ^{as} ^{pessoas} ^{estão} ^{morrendo}.
Então Takami e as outras pessoas ficaram,
mas um dia ^{ele} ^{descobriu} ^{uma} ^{coisa} ^{de} ^{que} ^{eles} ^{deviam} ^{que} ^{fugir}.
Então eles ^{vão} ^{fugir},
mas Takami é ^{atrapalhada} ^{por} ^{um} ^{zumbi} ^e ^o ^{zumbi} ^{grande}.
Então, ele ^{escuta} ^{uma} ^{voz} ^o ^{chamar}:

Takami, Takami

Então ele percebe ^{que} ^{foi} ^{tudo} ^{um} ^{sonho}
e ^{ele} ^{se} ^{acorda}.

- Foi tudo um sonho.

A PI PA

Um dia um menino estava andando pela rua e viu uma pipa enorme numa loja. Ele entrou lá e perguntou:

- Me^sso, quantos tá a pipa?

O moço falou:

- 20 reais

O menino foi correndo para sua casa

- Mãe, preciso de 20 Reais - disse ele

La mãe disse: ^{Uai} trabalho!

Então o menino foi falar com o pai:

- Pai, me dá 20 reais

- Pra que? - disse o pai

- Pra comprar uma pipa enorme

- Também, paga

O menino foi correndo para loja

- A pipa tá só pra infante - disse o vendedor

- Fiz tudo isso para nada, meu Deus - disse o menino chorando.

* Novo parágrafo.

É menino ou menina?

Estava lá, novamente, de pensando no último que tinha acontecido, até que sua mãe disse:

- CARLOS, cadê meu batom?

Ele, como sempre, ligiu, foi ^{para o} banheiro tentando pensar onde tinha deixado o batom.*

— Sua mãe começa a dizer novamente:

- Carlos, meu batom!

Com a boca toda manchada de vermelho ele apareceu, com aquele olhar de quem não fez nada e fala:

- Mãe, está aqui seu batom

Ela pegou o batom, abriu e viu que estava pela metade, mas com sua paciência, mandou que ele fosse para o quarto. Lá ele ficou por horas pensando no que tinha feito e porque gostava tanto de se maquiar.

Na parte da tarde a irmã mais nova de Carlos chegou e o chamou para seu quarto. Ele saiu devagarinho para que sua mãe não escutasse seus passos,

Sua mãe da cozinha não escutou barulho algum, mais ficou desconfiada de que aqueles dois estavam aprontando alguma coisa, então

— Sua mãe da cozinha não escutou barulho algum mais ficou desconfiada de que aqueles dois estavam aprontando alguma coisa, então ^{lentamente} subiu a escada devagarinho e abriu a porta do quarto de mais e viu que eles estavam

* Palavra repetida mais acima. Trocamos por mínimos.

se maguiando e falou

- Carlos!

De se virar pra ela e disse:

- Mãe, eu quero ~~ser~~ a menina!

Orientosa Mãe

Um dia eu estava no Mercado Público para comprar algo para eu comer no estilo minezinhos. O mercado estava cheio de repente um turista perguntou para uma mera vizinha:

- Oi, onde fica a Beira Mar?

E a minezinha ao lado respondeu:

- Oi, meu querido, vai nessa direção, depois vira a direita e vira para trás todo vira

- Ah, não, não entendi, não...

- Vou te deixar menos confuso

- Tá

- Vai nessa direção, tu vai ver uma rua não é essa rua?

- Não!!

- Então, não é isso. Depois tu vai dar de cara com um posto de gasolina. ~~É ali~~ Provavelmente você estará bem próximo, não no posto

- Ahhh...

- Depois tu vai ver uma pizzaria, compra uma pizza também

- Por quê?

- Por que tu vai pegar brânco, meu querido

- Quantos minutos no brânco?

- Minutos?

- Sim

-300 minutos
- que?...

1 amor sem barreiras

numa bela manhã de domingo, Márcia e João se encontram...

- Oi! - Ela disse
- Oi... - Respondeu João.
- Como você vai?
- Bem, e você?
- Bem também...
- Ahm...

Eles passam horas e horas conversando, acabam se interessando um pelo outro. Eles marcam de sair.

- Você é muito bonita!
- Obrigada, você também é!
- Poderíamos sair juntos para conversar melhor, amanhã talvez?

- Poderíamos sim! Amanhã é ótimo para mim...
- Ahay, amanhã, então!
- Amanhã, até!

Eles se encontram num shopping, um meio de tarde. O clima ficou tenso... A paixão deles cresce a cada dia mais, mas ninguém tinha feito o pedido de namoro oficial.

No dia 11 de maio ele resolve pedi-la, um namoro. Ele passa horas planejando como vai fazer a cerimônia.

Fica tudo pronto. O plano seria ela ir à praia (área), ele já tinha comprado as alianças, já tinha pagado os fogos, e pagou também o avião, que passaria com um cartão escrito "Eu te amo!". No começo o plano se certo, ele conseguia

conveniência de ir à praia, familiares da mãe estavam lá; se planeio tudo da certo!

Ele, então, pede sua mão em casamento... a mãe, muito assustada, não aceita o pedido. Porém os familiares são muito dele. João constrangedo vai para casa chorando, enquanto todos riem dele.

CLASH ROYALE

(~~quando~~) Eu estava jogando Clash de
mãe, quando minha mãe me chamou
e o amigo falou "ganhei ^o prêmio" o
"mapa de gelo", depois eu fui me mexer
quarta e aqui ~~(o)~~ um braço de
mãe e o ganho é ~~o~~
o mestre por meus amigos
da escola e mestre por meus
amigos Eles disseram "uau, está
é muito bom" e ~~acabou~~.

O que a mãe dele falou quando o chamou?

Onde e como você ganhou os cartões? Seja mais específico
pois parece que foi um presente da mãe.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
EBM Beatriz de Souza Brito
Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiária responsável pela aula: Larissa Malu
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 7º - Turma: 71

Plano de aula 17 – 1 h/a

(09/11 – Quarta-feira – 07h45 às 08h30)

Tema: Socialização das crônicas produzidas pelos alunos

Objetivo Geral

Socializar entre os colegas as crônicas produzidas, expressando-se com clareza, entonação, fluência e ritmo.

Objetivos Específicos:

- Atribuir sentido à fala do outro por meio da escuta atenta e ativa nas leituras das crônicas dos alunos;
- Expressar-se com clareza, entonação ritmo e fluência na apresentação oral das crônicas produzidas.

Conhecimentos abordados:

- Leitura oral das crônicas produzidas;
- Atribuição de sentido à fala do outro;
- Expressividade, entonação, fluência, ritmo na apresentação oral das crônicas lidas.

Metodologia

- Fazer a chamada;
- Solicitar que os alunos sentem na forma de um grande círculo;
- Entregar as crônicas dos alunos, com atribuição de nota;
- Convidar os estudantes a lerem suas crônicas em voz alta, para os colegas, de acordo com a ordem do círculo;
- Ceder o espaço da aula para a realização da socialização;
- Apresentar nossos pareceres sobre as produções escritas dos alunos.

Recursos didáticos

- Versão final das crônicas dos alunos.

Avaliação

Será avaliada a postura, a participação e o respeito aos colegas e professores durante a socialização das crônicas. Em relação à apresentação oral das crônicas, será considerada a expressividade, entonação, ritmo e fluência.

Referências

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro&João Editores, 2010.

_____. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1991].

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
EBM Beatriz de Souza Brito
Professora regente da turma: Rita de Cássia Peres
Estagiária responsável pela aula: Débora Gonçalves
Disciplina: Língua Portuguesa
Ano: 7º - Turma: 71

Plano de aula 18 – 1 h/a

(10/11 – Quinta-feira – 08h30 às 09h15)

Tema: Encerramento do Projeto “O cotidiano em cena: ressignificando vivências”

Objetivo Geral

Compartilhar as experiências de ensino e aprendizagem vivenciadas ao longo do desenvolvimento do projeto de docência, assumindo a palavra para dizer o que significou a cada um dos envolvidos.

Objetivos Específicos:

- Elaborar um pequeno texto de avaliação do projeto e da docência das estagiárias a fim de se colocarem como sujeitos ativos e responsáveis;
- Empregar sentido à fala do outro por meio da escuta atenta e ativa nas interações que serão estabelecidas;

Conhecimentos abordados:

- Atribuição de sentido à fala do outro;
- Escrita de depoimento pessoal.

Metodologia

- Fazer a chamada;
- Solicitar que os alunos escrevam um pequeno depoimento sobre a experiência vivenciada no Projeto “O cotidiano em cena: ressignificando vivências”, assim como acerca da nossa docência;
- Recolher os depoimentos;
- Iniciar os agradecimentos finais à turma;
- Comentar com os alunos que a coletânea de crônicas está sendo editada e que será entregue a eles antes do fim do ano letivo;
- Desfrutar dos comes e bebes que levaremos para o encerramento da aula;
- Ceder o espaço para que haja uma interação entre alunos e professores, a fim de socializarmos nossas experiências de maneira informal;
- Entregar uma lembrança para cada um dos alunos.

Recursos didáticos

- Comes e bebes;

- Lembranças para os alunos.

Avaliação

Será avaliada a postura, a participação e o respeito aos colegas e professores durante o momento de interação, tanto o que se refere mais especificamente à avaliação do projeto de docência, como o da confraternização.

Referências

BAKHTIN, Mikhail (Voloshinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

2.3 ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

2.3.1 Relato das aulas

Aula 01 – Quarta-feira (05/10)– Estagiária responsável: Débora Gonçalves

Ao entrarmos na sala de aula junto da professora-regente e da professora-orientadora Maria Izabel, aguardamos os alunos se acomodarem em suas carteiras para então nos apresentarmos e apresentar nosso projeto de docência. Enquanto isso, escrevemos no quadro a data e a pauta do dia, como normalmente a professora de Língua Portuguesa da turma costumava fazer. Num primeiro momento, nossa orientadora realizou uma fala apresentando o estágio e comentou sobre a importância do envolvimento de todos os alunos nas atividades que seriam realizadas ao longo do bimestre conosco. Elucidou aos estudantes que essa etapa seria muito importante nas nossas vidas enquanto estagiárias, pois este seria o momento em que decidiríamos o rumo de nossa carreira profissional.

Após essa fala, Débora⁴ encaminhou a apresentação do projeto “O cotidiano em cena: ressignificando vivências”. Para isso, entregamos aos alunos uma síntese impressa do que planejávamos trabalhar em sala. A estagiária responsável leu em voz alta o pequeno texto, enquanto os alunos acompanhavam. Ao final da leitura, alguns alunos questionaram a respeito da aula de leitura que eles realizavam com a professora-regente, nas quintas-feiras, indagando se elas iriam continuar ou não. Débora respondeu que os momentos de leitura não iriam acontecer necessariamente nas quintas, mas que iríamos propor diversos espaços para eles lerem em sala, principalmente crônicas, tendo em vista nosso projeto de docência.

Feita a apresentação, iniciamos o segundo momento da aula: a realização do jogo de palavras “O que é o que é”. Organizamos os cartazes, colando-os no quadro. Os alunos ficaram muito entusiasmados nesse momento. Solicitamos, então, que alguém se voluntariasse para retirar a primeira charada do envelope contido no cartaz e a lesse em voz alta para turma. Como a turma estava muito animada, decidimos que quem respondesse mais rápido a questão, lia a próxima charada para a turma. Dentre as charadas que propusemos, a única que os estudantes tiveram maior dificuldade de responder foi a questão acerca do cronograma – muito provavelmente por eles terem pouco contato com esse gênero. Por assim

⁴ Como há momentos em sala de aula que ora uma de nós o conduz, ora outra, optamos por descrever nossas aulas em primeira e em terceira pessoa; em primeira quando ambas estavam envolvidas na atividade relatada; em terceira quando apenas uma de nós.

dizer, o jogo ocorreu de forma bastante fluida e dinâmica. Todos alunos se envolveram muito na atividade proposta, querendo participar ativamente do jogo.

À medida que os alunos respondiam às questões, fomos colando no segundo cartaz as respostas junto das imagens referentes a estas, formando um mosaico. Evidenciamos, desse modo, a palavra crônica e a relação etimológica com as outras palavras. Finalizada a dinâmica do jogo, Débora encaminhou uma discussão mais teórica acerca do gênero crônica, explanando a justificativa de termos proposto o jogo de palavras. Desse modo, a professora-estagiária comentou sobre a relação da crônica com o tempo (a origem etimológica e sua relação com o deus do tempo, *chronos*), a relação com a notícia, sua origem em jornais, e sobre sua temática central, que é o cotidiano. Os alunos, em grande parte, prestavam atenção no conteúdo que estava sendo exposto. A estagiária Larissa, nesse momento, realizou a chamada em silêncio, com o auxílio da professora-regente.

Aproximando-se do fim da aula e encerrada a discussão, a professora Débora comentou que iríamos entregar pastinhas para os alunos e que estas serviriam como espaço para arquivarem os materiais que eles receberiam ao longo do bimestre, e, também, como instrumento de avaliação. Assim, entregamos uma pastinha para cada aluno e sugerimos que cada um fizesse uma decoração na mesma. A aula finalizou e nos despedimos dos estudantes.

Aula 02 – Quinta-feira (06/10) – Estagiária responsável: Débora Gonçalves

Entramos em sala e a estagiária responsável escreveu no quadro a pauta do dia: aula de leitura. Com os alunos já organizados, entregamos, para cada um, uma cópia de crônicas diversas. Débora orientou os alunos para que, quando terminassem a leitura da crônica recebida, trocassem o texto com o colega ao lado, a fim de que fizessem a leitura de outra crônica. Reservamos cerca de vinte minutos para esse momento. Grande parte dos alunos permaneceu concentrada na atividade.

Após esse momento, entregamos um roteiro de leitura em forma de tabela para os alunos. Débora explicou a atividade proposta, elucidando que eles deveriam preencher o roteiro de acordo com suas compreensões de leitura. Os estudantes deveriam escrever as características de, pelo menos, uma das crônicas lidas em sala.

No tempo restante de aula, os alunos realizaram a atividade, enquanto passávamos nas carteiras tirando dúvidas e conferindo o exercício. Os estudantes, de um modo geral, permaneceram bastante envolvidos na leitura, e conseguiram responder ao roteiro proposto.

Realizamos, ainda, a chamada em silêncio, com o auxílio da professora-regente. Finalizada a aula, dissemos que eles deveriam trazer na aula seguinte o material utilizado neste dia.

Aulas 03 e 04 – Sexta-feira (07/10) – Estagiária responsável: Débora Gonçalves

Ao chegarmos na sala de aula, escrevemos no quadro a pauta do dia e, em seguida, uma tabela com cinco colunas. Em cada coluna, escrevemos o título das crônicas trabalhadas na aula anterior. Feito isso, iniciamos a aula questionando aos alunos sobre qual crônica eles haviam lido e preenchido o roteiro de leitura. Anotamos na tabela feita no quadro os nomes dos alunos nas colunas respectivas ao texto lido. Tendo separado os alunos de acordo com a crônica lida, formamos grupos de no máximo três alunos. Por assim dizer, a sala ficou dividida em dez grupos, sendo dois destes para cada crônica.

Antes dos alunos se agruparem, Débora explicou que eles deveriam reler a crônica pela qual ficaram responsáveis, e discutir em grupo os aspectos contidos no roteiro de leitura. A partir disso, eles deveriam organizar uma apresentação da crônica para o restante da sala, que deveria ser feita de forma jogralizada ou dramatizada. Os alunos se organizaram rapidamente e logo começaram a trabalhar. Ao longo da aula, as professoras-estagiárias circularam em volta das carteiras elucidando as dúvidas e acompanhando a atividade.

Antes de começarmos as apresentações, fizemos uma tabela no quadro com os mesmos pontos do roteiro de leitura, para que fosse preenchida de acordo com as apresentações. Convidamos os alunos a iniciarem a socialização em frente à turma. A atividade foi organizada de forma que os dois grupos de cada crônica primeiramente apresentavam o texto, e, quando sentados, respondiam as informações relativas ao roteiro de estudos. Enquanto isso, Larissa escrevia as respostas no quadro. A partir da apresentação da terceira crônica, no entanto, percebemos que essa metodologia estava tomando muito tempo de nossa aula, e impossibilitaria a finalização de todas as apresentações. Então, orientamos os alunos a fazerem apenas a leitura/dramatização, sem comentar sobre os aspectos referentes ao roteiro.

À medida que as crônicas eram apresentadas, os alunos acabavam se desconcentrando e não prestando mais atenção na socialização dos colegas. Possivelmente, tal desatenção se deva pelo fato da repetição das crônicas, que eram apresentadas duas vezes por grupos diferentes. Além disso, alguns grupos conseguiram realizar a apresentação de forma mais expressiva e criativa, o que chamava maior atenção do que outros. Tivemos, nesse sentido, que chamar atenção dos estudantes algumas vezes ao longo da aula. Ao fim, todos os alunos

apresentaram a crônica, mesmo aqueles que, no primeiro momento, se recusaram. Como a atividade acabou tomando mais tempo do que prevíamos, pedimos a professora de artes que nos cedesse alguns minutos de sua aula para finalizarmos a socialização. Antes de sairmos de sala, entregamos aos alunos cópias da crônica “Sexta-feira 13”, de Luís Fernando Veríssimo, e solicitamos que eles lessem o texto e preenchessem o roteiro de leitura em casa, de acordo com as suas compreensões.

Aula 05 – Quinta-feira (13/10) – Estagiária responsável: Larissa Malu

Entramos em sala e Larissa escreveu a pauta do dia no quadro. Como na aula anterior não foi possível finalizar a reflexão acerca de todas as crônicas apresentadas, a estagiária Larissa mediu uma discussão acerca dos textos e dos aspectos que foram trabalhados em grupo sobre o roteiro de leitura. Nesse momento, Larissa questionou os alunos, de acordo com as apresentações, sobre os aspectos centrais dos textos.

Finalizada essa discussão, Larissa solicitou que os alunos colocassem sobre a mesa a crônica “Sexta-feira 13”, a qual fora entregue na aula anterior. A estagiária convidou um aluno a ler em voz alta o texto. Após a leitura da crônica, os alunos responderam oralmente os pontos do roteiro em forma de tabela.

Entregamos, então, um roteiro de estudos sobre a crônica “Sexta-feira 13”, para ser respondido em sala. Antes de os alunos iniciarem a atividade, a estagiária responsável leu em voz alta todas as questões, elucidando as dúvidas que surgiram. Reservamos o restante da aula para que os alunos fizessem a atividade. No entanto como tivemos de recuperar o conteúdo da aula anterior no início desta, os alunos tiveram um espaço de tempo menor do que o previsto para realizar o roteiro, não conseguindo concluí-lo. Percebendo isso, permitimos que os alunos terminassem a atividade em casa e entregassem no dia seguinte. Enquanto os estudantes realizavam o roteiro de estudos, fizemos a chamada em silêncio.

Aulas 06 e 07 – Sexta-feira (14/10) - Estagiária responsável: Larissa Malu

Entramos em sala mais cedo, antes dos alunos, para organizar o projetor multimídia, o computador, as caixas de som e a cortina improvisada (como a escola estava em reforma, ainda não havia película nas janelas). Quando bateu o sinal para o início da aula, a pauta já estava escrita no quadro. Após os alunos se organizarem, Larissa iniciou a aula recolhendo a atividade sobre a crônica “Sexta-feira 13”, e comunicou que assistiríamos ao vídeo “A sexta”. No entanto, no momento em que fomos exibir o vídeo, percebemos que a caixa de som estava com mau contato e não conseguimos continuar com a proposta. A professora Maria Izabel foi

à secretaria em busca de outro equipamento de som, enquanto isso, Larissa fez a leitura da crônica com os alunos em voz alta, invertendo a ordem das atividades.

Após realizarem a leitura, a professora estagiária discutiu a crônica atentando para os elementos centrais. Nesse momento, já havíamos outra caixa de som em sala, e os alunos puderam assistir ao vídeo, do qual gostaram bastante. Como a crônica é repleta de diálogos, chamamos atenção para a importância da oralidade em uma dramatização.

Em seguida, Larissa iniciou a apresentação de slides, mostrando aos alunos os elementos de uma narrativa. Após discutirem esses aspectos, iniciou-se a exposição/discussão sobre discurso direto, indireto e indireto livre. Nesse momento a estagiária procurou indagar os conhecimentos prévios dos alunos em relação ao modo de se estruturar os diálogos dentro de um texto. Ao longo da exposição, os estudantes permanecem muito envolvidos e participativos. Finalizada a apresentação dos slides, entregamos uma síntese do conteúdo que foi exposto e a lemos em voz alta.

Por fim, entregamos a crônica “Aspirador de pó”, de Fernando Sabino, e, também, um novo roteiro de estudos acerca desse texto para que respondessem em casa. Lemos ambos em voz alta elucidando as questões que surgiram.

Aula 08 – Quarta-feira (19/10) – Estagiária responsável: Larissa Malu

Iniciamos a aula questionando quem havia trazido o roteiro de estudos sobre a crônica “Aspirador de pó”. Todavia, a maioria dos estudantes não trouxera a atividade; desse modo, a professora Rita entrevistou na aula expondo aos alunos a importância de que fizessem as atividades promovidas por nós. Como essa atividade valia nota de zero à dez, demos a oportunidade de que os estudantes a entregassem na aula seguinte, valendo dois pontos a menos. Este momento de intervenção acabou tomando certo tempo da aula, que estava previsto.

Seguindo o planejamento, encaminhamos a atividade a ser realizada com os jornais. A estagiária responsável pela aula explicou para os alunos que eles deveriam ler, em duplas, alguma notícia no jornal, e, a partir da leitura, pensar de que modo poderiam construir uma crônica com a mesma temática.

No quadro, escrevemos duas perguntas para os alunos responderem no caderno: 1) Qual o tema da notícia? 2) Qual enredo seria possível, a partir da notícia, produzir uma crônica? Os alunos, então, utilizaram-se da síntese dos elementos narrativos de uma crônica, entregue na aula anterior (enredo, personagens, tempo, espaço...), para pensar como poderiam estruturar a atividade.

Reservamos o restante da aula para a realização da proposta, elucidando as dúvidas que surgiam. Ao término da aula, poucos alunos haviam terminado o exercício, devido o espaço de tempo curto que tiveram. Como não estava previsto no planejamento a fala inicial, os alunos tiveram menos tempo do que esperávamos para a realização da atividade. Além disso, muitos se mostraram indispostos a fazê-la, devido o desinteresse. Antes de sairmos, fizemos a chamada em silêncio e pedimos que os alunos anotassem o jornal com o qual trabalharam, para darem continuidade a atividade na aula posterior.

Aula 09 – Quinta-feira (20/10) – Estagiária responsável: Débora Gonçalves

Entramos em sala e a estagiária Débora escreveu no quadro a pauta do dia, que seria a continuação do trabalho com os jornais. Antes de iniciar essa atividade, questionou quem havia trazido o roteiro de estudo sobre a crônica “Aspirador de Pó”. Mesmo tendo sido a segunda oportunidade para a realização do mesmo, alguns alunos não o trouxeram. Nesse momento, pedimos para que, aqueles que não haviam realizado a atividade, acompanhassem a estagiária Larissa em outra sala.

Na pequena sala com os seis alunos, Larissa mediou a atividade, instigando os alunos a responderem as questões propostas no roteiro. Os alunos resistiram bastante para realizarem a mesma, e acabaram respondendo apenas duas ou três questões, já que houve pouco tempo.

Já, com a turma, Débora conduziu a aula para que os estudantes continuassem os trabalhos com os jornais, com a mesma dupla. Eles deveriam reutilizar o jornal da aula anterior, porém alguns estudantes não haviam anotado o nome e a data do material, tendo que iniciar a atividade novamente. A estagiária reservou um espaço de tempo para eles finalizarem o exercício, porém alguns alunos não estavam comprometidos com o que foi proposto. Assim, logo iniciou a socialização do que eles conseguiram produzir. Cada dupla foi em frente à turma e apresentou o que foi anotado.

Dentre todas as duplas, apenas alguns grupos não realizaram a atividade, em vista de que estes permaneceram boa parte da aula conversando e rindo com os colegas. Entretanto, o restante da turma correspondeu bem ao que foi proposto.

Os alunos que estavam na sala com a estagiária Larissa regressaram, e logo a aula finalizou.

Cabe ressaltar, ainda, que, após o recreio, acompanhamos os alunos até a Universidade Federal de Santa Catarina, para que eles visitassem a Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (SEPEX). Fomos caminhando junto com outras turmas e professores, e, ao chegar lá, delimitamos um horário para a volta. Os alunos ficaram livres para participarem

das atividades. De um modo geral, os alunos estavam bastante animados para o passeio na UFSC. Essa atividade propiciou a todos um momento de integração diferente daquele que se costuma ter dentro de sala, facultando aos alunos a possibilidade de vivências fora do habitual. Ao fim, todos estavam muito contentes e falantes sobre o que haviam visto nos stands.

Aulas 10 e 11 – Sexta-feira (21/10) – Estagiária responsável: Débora Gonçalves

Iniciamos a aula entregando aos alunos os roteiros de estudos sobre a crônica “Sexta-feira 13”, com considerações feitas. A estagiária Débora releu as questões, comentando o que esperávamos como resposta.

Após, informamos que iríamos iniciar a produção escrita da crônica, que comporia a coletânea de textos. Para isso, entregamos um roteiro impresso com elementos que a narrativa deles deveria possuir, a fim de se adequar ao gênero. Lemos o mesmo em voz alta, explanando as questões que surgiram.

Nesse momento, deixamos os alunos bastante livres para realizarem a produção. Praticamente toda turma se envolveu na escrita. Ao decorrer da aula, circulamos entre as carteiras atendendo aqueles que necessitavam de alguma mediação. Como quase todos estavam envolvidos, não tivemos de fazer muitas intervenções.

Além disso, não houve aluno faltante nesta aula e apenas dois estudantes não escreveram a 1ª versão da crônica, claramente devido ao desinteresse de ambos. Ficou-nos evidente também o compromisso dos estudantes com esta atividade que era avaliativa de zero à dez. Diferente das outras atividades propostas, nesta os alunos se mostraram muito interessados em realiza-la (fosse de fato pela nota, ou pela consciência de que a crônica seria integrante do livro deles). Na medida em que a aula foi chegando ao fim, recolhemos todos os textos produzidos.

Aula 12 – Quarta-feira (26/10) – Estagiária responsável: Larissa Malu

Para iniciar a aula, organizamos os equipamentos eletrônicos (projeto multimídia e computador), e Larissa escreveu no quadro a pauta da aula. Em seguida, a estagiária expôs aos alunos que o objetivo dessa aula era discutir os aspectos composicionais da crônica.

Desse modo, Larissa iniciou a apresentação em slides, primeiramente, lendo em voz alta textos (sem revelar o nome do autor) que mais se aproximaram do gênero crônica, a fim de que pudessem observar visualmente uma estrutura textual bem adequada. Indagamos, assim, por quais motivos acharam ou não o texto lido uma crônica. Por conseguinte, Larissa

fez o mesmo com as crônicas escolhidas que estavam menos adequadas ao gênero. Os textos foram lidos em voz alta, ora pela estagiária responsável, ora pela Débora. Depois, os alunos foram igualmente indagados sobre a adequação ao gênero e provocados a uma discussão sobre como o autor do texto poderia reestruturar a sua crônica.

Ao longo da aula, os alunos participaram ativamente dos debates, respondendo às questões provocadas pela Larissa, e discutindo sobre a reestruturação dos textos que estavam menos adequados ao gênero. De um modo geral, os estudantes conseguiam perceber quais textos poderiam ser considerados uma crônica, e quais não poderiam. A chamada foi feita silenciosamente pela Débora, no decorrer da aula.

Aula 13 – Quinta-feira (27/10) – Estagiária responsável: Débora Gonçalves

Ao entrarmos em sala, organizamos os aparelhos (projeto multimídia e computador), e Débora escreveu no quadro a pauta do dia: análise linguística. Após o comunicado sobre como ia decorrer a aula, a estagiária iniciou a leitura de trechos das produções, em slides.

Assim, Débora iniciou a discussão a partir dos textos dos alunos (sem indicar o nome do autor) que estavam projetados. Para a discussão, a estagiária indagou aos alunos como o autor deveria reescrever o excerto ou a palavra, para estar adequado à modalidade escrita formal da Língua Portuguesa. Os alunos, nesse momento, participaram, tornando a discussão linguística muito produtiva. Débora frisou, também, sobre os tipos de discurso, tendo em vista que já havíamos estudado o assunto em aula passada. Ainda assim, muitos estudantes não conseguiram indicar os diálogos em suas narrativas., o que pode ser melhor elucidado a partir da exposição de seus próprios textos. Ao decorrer da aula, Larissa fez a chamada silenciosamente.

Aulas 14 e 15 – Sexta-feira (28/10) – Estagiária responsável: Débora Gonçalves

Chegamos em sala, e Débora escreveu no quadro a pauta do dia: reescrita da crônica. Em seguida, entregamos aos alunos suas produções com comentários e sugestões para reescrita. Orientamo-los a relerem seus textos e lerem a pequena nota feita por nós.

Durante a aula, os estudantes permaneceram concentrados, enquanto nós explicávamos as dúvidas que surgiam. Alguns alunos tiveram que refazer desde o início seus textos, seja por inadequação ao gênero, ou por plágio. Aqueles que não haviam escrito até então, também tiveram que produzir seus textos do zero.

Ao fim da aula, alguns alunos ainda não haviam concluído a reescrita, fosse pela necessidade e dificuldade de reestruturar todo texto, fosse pelo desinteresse em concluir a

produção naquela aula. Dado isso, permitimos que entregassem na aula posterior. Débora fez a chamada em silêncio, no decorrer da aula.

Aula 16 - Quarta-feira (09/11) – Estagiária responsável: Débora Gonçalves

Iniciamos a aula escrevendo a pauta no quadro. A estagiária responsável elucidou aos alunos que nessa aula eles teriam a oportunidade de refazer a atividade sobre a crônica “Aspirador de pó”, em vista de que a maioria dos estudantes havia tirado nota abaixo da média. Comentamos que, aqueles que houvessem tirado nota acima da media, também poderiam refazer a atividade. Previamente, esta aula não estava em nosso cronograma, pois acreditávamos que os alunos fossem dar conta dos exercícios propostos. No entanto, como a grande maioria apresentou muita dificuldade da realização do roteiro de estudos, oportunizamos-los à refacção do mesmo, tendo em vista a recuperação não apenas da nota, mas também do conteúdo que porventura não estava bem elucidado.

Entregamos as atividades com nossas considerações, e Débora leu em voz alta as questões que os alunos tiveram maior dificuldade, elucidando as mesmas. Reservamos o restante da aula para que eles realizassem a refacção. Preocupados com a nota que haviam recebido, os estudantes se dedicaram a refazer a atividade, o que gerou um resultado positivo na nova avaliação. Podemos dizer, nesse sentido, a inclusão dessa atividade no cronograma foi de grande proveito.

Conforme os estudantes finalizavam a atividade, recebiam crônicas impressas para serem lidas. A chamada foi feita silenciosamente pela estagiária responsável. Antes que encerrassem a aula, solicitamos que os alunos trouxessem livros no encontro seguinte, pois seria aula de leitura.

Aula 17 – Quinta-feira (10/11) – Estagiária responsável: Larissa Malu

Ao iniciar a aula, Larissa escreveu no quadro a pauta do dia: aula de leitura. Então, entregamos aos alunos que não trouxeram livros de casa coletâneas de crônicas diversas e algumas crônicas impressas.

Os alunos permaneceram, no começo da aula, concentrados na leitura; entretanto, alguns logo se dispersaram com conversas paralelas, atrapalhando o restante da turma – comportamento que já era habitual nas aulas da professora-regente. Ainda assim, procuramos

chamar atenção dos estudantes para que voltassem à leitura. Ao fim da aula, todos haviam realizado a atividade proposta.

Aulas 18 e 19 – Quarta-feira (16/11) - Estagiária responsável: Larissa Malu

Entramos em sala mais cedo para organizar as carteiras num grande círculo, a fim de realizar a socialização das produções dos alunos. Escrevemos no quadro a pauta do dia referente à finalização do período docente e à socialização das crônicas. Instalamos os equipamentos eletrônicos (projeter multimídia e computador).

Os alunos entraram em sala, ao soar do sinal, e ficaram curiosos com a metodologia da aula julgando a organização das carteiras em sala. Aguardamos todos se acomodarem em seus lugares para iniciar a aula. Larissa, então, comentou que iríamos socializar as crônicas, e que esse momento era muito importante para todos. Elucidou, também, que, para realizar a atividade, havíamos trocado a segunda aula com o professor de ciências, possuindo aula faixa.

Em slides e em ordem alfabética, dispomos os textos dos alunos. Iniciamos a socialização convidando a primeira aluna a ler seu texto que estava projetado. Alguns estudantes relutaram para ler seus textos; portanto, tivemos que insistir para tal, e/ou solicitar que algum colega lesse o texto, se o autor permitisse. A medida que os textos eram lidos, os alunos começaram a se dispersar e a não ouvir a leitura da crônica do colega; fosse pelo texto pouco chamativo, fosse pelo desinteresse deles próprios. Nesses momentos, tivemos que chamar atenção para a importância de escutar o outro.

Finalizadas as leituras em voz alta, solicitamos que os alunos escrevessem algum comentário sobre nosso período em sala. Reservamos cerca de dez minutos para eles realizarem a atividade. Em seus textos, a grande maioria escreveu que foi muito gratificante estar conosco nesse período de estágio, e que desejavam muito sucesso para nós. Após todos terem entregue, fizemos um momento de agradecimento aos alunos e à professora Rita pela oportunidade de trabalho.

Os alunos se encontravam bastante agitados, em vista de que estavam ansiosos pelo lanche. Sem mais delongas, entregamos a pipoca e o suco aos estudantes, e utilizamos o restante da aula para a interação. Despedimo-nos dos alunos e agradecemos novamente pelos momentos vivenciados em sala.

2.3.2 Reflexão sobre a prática pedagógica

O processo de reflexão da prática pedagógica é muito importante para que nós, caminhantes na estrada da docência, verifiquemos e avaliemos o que até aqui foi traçado. É nesse momento que expomos toda nossa dificuldade e mudanças de percursos durante o período docente. Não exaurimos, entretanto, nossas alegrias e conquistas a partir do que vivenciamos.

O período de docência na turma do sétimo ano da escola Beatriz de Souza Brito teve sua gênese ainda nos períodos de observação os quais precederam todo planejamento por nós elaborado. Nesse sentido, todo nosso projeto foi construído com base no perfil da turma 71. Na elaboração do planejamento, estabelecemos como tripé de nossa ação docente a união entre leitura, produção textual e análise linguística, considerando a língua, que as perpassa, objeto que se concretiza na interação. Nesse sentido, procuramos trabalhar, ao longo da docência, com a língua de modo situado e numa perspectiva social.

Em relação à prática de leitura fruição, a turma já tinha o hábito de exercê-la com a professora regente. Nesse sentido, já esperávamos uma recepção positiva dos alunos frente aos momentos de leitura. O diferencial do nosso projeto, no entanto, foi privilegiar a crônica como objeto norteador dessa prática de uso da língua. Para que esse ato de ler se efetivasse e os alunos se envolvessem, escolhemos minuciosamente cada crônica que a eles foi entregue, levando em consideração o perfil dos estudantes. À vista disso, percebemos que os alunos usufruíram os momentos de leitura, de forma a alcançar os objetivos por nós traçados.

Partindo desse espaço de leitura em sala de aula, acreditávamos que os alunos se apropriariam das particularidades do gênero para que assim realizassem a produção escrita. Nesse sentido, realizamos diversas atividades ao longo do bimestre, de leitura e reflexão sobre os textos, aprofundando as peculiaridades da crônica. Quando, enfim, os alunos realizaram suas produções, eles já possuíam um conhecimento relativamente extenso acerca do gênero com o qual eles deveriam trabalhar.

Ainda sobre as produções, destacamos que, ao longo do processo, nós reiteramos aos estudantes que as produções realizadas por eles comporiam a coletânea de crônicas, objetivo último de nosso projeto. Esse movimento realizado foi de grande importância para nós, estagiárias, tendo em vista nossa concepção de língua. Propiciar um espaço em que os alunos possuam um interlocutor para além do professor permitiu a eles uma melhor visualização do estudo da língua como objeto de interação social.

Destacamos, ainda, que os alunos tiveram a oportunidade de repensar seus textos, sendo que alguns estavam inadequados ao gênero. Após a reescrita, suas produções tiveram um significativo avanço em relação ao gênero. No entanto, no que toca à gramaticalidade, percebemos que, quando os alunos receberam suas produções com considerações gramaticais anotadas, apenas as alteraram, sem refletir sobre o que a mudança implicaria ou ofereceria ao texto. De qualquer modo, acreditamos que é de grande importância aos profissionais da língua portuguesa que compreendam que esse movimento, de refacção, é essencial para o aprendizado de escrita dos estudantes.

Já, no que tange à análise linguística, os conteúdos selecionados para o trabalho se deram a partir do que julgamos necessário ser discutido, tendo por base as dificuldades apresentadas nos textos dos estudantes. Dessa forma, trabalhamos os aspectos linguísticos alicerçados nos usos reais da escrita. Com isso, cumprimos com o objetivo de não utilizar o texto em sala como um pretexto para a análise gramatical; esta surgiu conforme o que julgamos crucial para o projeto de dizer dos alunos. Entretanto, como já destacado anteriormente, não há como afirmar e eles de fato apreenderam o conteúdo trabalhado ou se apenas fizeram o uso de nossas considerações em seus textos.

Concluída a reflexão sobre o tripé no qual se estruturou nossa prática pedagógica: leitura, produção textual e análise linguística, e o modo como estas práticas de uso da língua foram trabalhadas no período de docência no ensino fundamental, tecemos outras questões acerca dessa nossa vivência como professoras. Como pode ser observado ao contrastar os planos de aulas e os relatos das mesmas aqui expostas, tivemos de fazer algumas alterações no nosso cronograma de aulas. Isto se deu ora porque os alunos delongaram-se mais do que o esperado em certos exercícios feitos em sala, ora devido às atividades que ocorreram na escola, concomitante ao estágio - adesão a uma greve geral e a realização da Prova Floripa. O dia do funcionário público (28/10) também teve de ser inserido ao planejamento, tendo em vista que foi decretado como dia letivo, embora, inicialmente, estivéssemos contando-o como feriado. Outro fator que motivou a mudança do cronograma foi a dificuldade dos alunos em realizar algumas das atividades que propusemos, o que provocou a necessidade de prevermos um momento para a refacção destas. Acreditamos, no entanto, que tais reelaborações permeiam a profissão docente, tendo o estágio nos oferecido, portanto, uma experiência acerca desse movimento.

Aprender a escola como construção social implica, assim, compreendê-la no seu fazer cotidiano, onde os sujeitos não são apenas agentes passivos diante da estrutura. Ao contrário, trata-se de uma relação em contínua

construção, de conflitos e negociações em função de circunstâncias determinadas. (DAYRELL, 1996, p. 1-2)

Por assim dizer, compreendemos que as modificações realizadas ao longo do nosso estágio vieram apenas a contribuir para que nosso período de docência fosse melhor efetivado. O trabalho realizado em sala partiu, portanto, não apenas do que nós instituímos como pertinente, mas, também, das necessidades apontadas pelos estudantes, sendo estes sujeitos ativos no processo dialógico por nos mediado.

Destacamos ainda que nosso estágio, transcorrido nas aulas de Língua Portuguesa, visou propiciar aos alunos momentos dentro de sala de aula em que eles praticassem os usos da língua. Tendo em vista que (como já reiterado aqui diversas vezes) compreendemos este objeto enquanto fruto das relações sociais, julgamos de extrema importância possibilitar aos estudantes momentos em que estes pudessem se posicionar criticamente a partir do uso da linguagem.

Assumir a palavra é condição de cidadania. O domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, é condição de maior participação social. Pela linguagem, os indivíduos se comunicam, acessam a informação, defendem e partilham visões de mundo, produzem cultura.” (PPP, 2015, p.13)

Por acreditarmos que a língua é um mecanismo de poder, incitamos os alunos a participarem das variadas socializações de trabalhos e de produções por eles realizados, mesmo quando relutavam a realizar a prática. Procuramos, nesse sentido, elucidar aos alunos a importância de aproveitar esses momentos oferecidos em sala para se apropriarem melhor das questões que tangem a utilização da linguagem oral, sejam elas entonação, prosódia, dicção, postura, fluência, ritmo, entre outros.

Finalmente, acreditamos que o período de docência foi deveras produtivo, tanto para nós, quanto para os alunos. Compreendemos o espaço escolar como um ambiente de trocas e de construção de conhecimentos, tendo nós, estagiárias, adquirido sabedorias diversas em relação ao fazer docente.

3 A DOCÊNCIA NO PROJETO EXTRACLASSE

3.1 O PROJETO DE DOCÊNCIA

3.1.1 Apresentação da proposta⁵

Nosso projeto de docência extraclasse foi planejado e desenvolvido por todos os estagiários da turma 08428, da disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I, formada por um total de seis professores-estagiários. Ressaltamos, também, que o projeto foi elaborado com base no Projeto Político-Pedagógico da escola Beatriz, nosso campo de estágio.

O PPP, como já discorrido em seções anteriores deste trabalho, demonstra qual o tipo de formação para a cidadania que a escola quer promover para um tipo de sociedade específica: uma formação emancipatória que lide com sujeitos constituídos na relação com o outro por meio da Língua. Com isso, o PPP da escola tem por base uma concepção de língua ancorada na filosofia bakhtiniana sobre a linguagem⁶; o que converge com o nosso trabalho, sustentado teórica e epistemologicamente também em Bakhtin.

A EBMSB busca investir na formação de cidadãos proficientes em leitura e escrita, entendendo que essa formação não tem somente como responsáveis os professores de Língua Portuguesa, mas os professores de todas as áreas, uma vez que a língua é o instrumento mediador em qualquer disciplina e/ou área de conhecimento. Partindo deste ponto de vista, podemos destacar que o objetivo adotado pela escola é educar os alunos para a competência/qualificação na leitura e na escrita do maior número de gêneros possíveis,

⁵ Seção transcrita do Projeto de Docência dos alunos Daniel da Silva Miranda e Tathiane Peter, com certas alterações para que melhor se adequasse a este Projeto de Docência Extraclasse.

⁶ No PPP da escola, o teórico é citado: “Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua. A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Esses três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do “discurso” (BAKHTIN, 1997, p. 279)

através da experimentação prática e da reflexão teórica antes e depois da atividade. Para tanto, a escola toma como encaminhamento metodológico o uso de sequências didáticas, prevendo o nível de abstração e complexidade de cada gênero, a fim de adequá-lo às turmas de acordo com os contextos de uso da língua.

Compreendemos a importância de se assumir um compromisso tão intenso com a formação para a leitura e a produção de textos, considerando a demanda crescente por qualificação e competência linguística em um mercado de trabalho cada vez mais grafocêntrico (e cada vez mais digital). Salientamos, novamente, que esta concepção de ensino, no entanto, antevendo as necessidades dos alunos fora da escola, tende a tratar da qualificação técnica e formal no uso dos gêneros, pensando num sujeito que, diante de situações profissionais de uso estrito da língua (a saber, escrita de relatórios, e-mails, reportagens etc.), conheça a estrutura esperada pelos leitores e saiba, portanto, *estruturalmente* preparar um texto no formato que lhe seja requisitado, sem levar em conta as nuances do contexto de uso da língua. Infelizmente, é relativamente comum que as sequências didáticas sucumbam à busca por uma certa *competência* dos alunos em lidar (formalmente) com o maior número possível de gêneros, e que este deslize metodológico por vezes dê a entender erroneamente que a escola adota um modelo de letramento autônomo, em que a língua parece dotada de poderes intrínsecos de desenvolvimento cognitivo. Compreendemos, no entanto, a dificuldade da empreitada e que sejam raras e de difícil realização as medidas tomadas para evitar o paradoxo de trocar o ensino de gramática pelo ensino estratificado dos gêneros, mas possíveis – o jornal escolar é uma delas.

Destacamos que nosso projeto, visando abarcar não somente o nível formal do gênero e cair no engessamento de nossa teoria, se volta a um trabalho com o modelo ideológico de letramento, tomando a escrita como processo, focalizando não só a dimensão cognitiva da competência-quantidade, mas também a dimensão social, ligada aos contextos específicos de enunciação. Mobilizamos, para isso, os conceitos de práticas e eventos de letramento, assumindo suas implicações políticas, econômicas e culturais.

A partir da observação das condições de trabalho da escola em que realizamos nosso estágio, portanto, pudemos compreender a base que sustenta os princípios metodológicos e projetar nossas atividades a partir de nossas concepções de língua, sujeito, sociedade e educação, desenvolvidas ao longo da graduação, conquanto estejam em concórdia com a base epistemológica da instituição. Há um pequeno problema de ordem conceitual, neste sentido: não concordamos com o termo “gênero textual”, utilizado ao longo da apresentação teórica do PPP, pois se refere, para nós, a um trabalho no nível meramente textual e formal dos

gêneros, e acreditamos que seu emprego possa levar a uma insularização do gênero em seus aspectos verbais (em suma, um engessamento do gênero). Compreendemos que a escola, ao contrário do que possa sugerir nossa observação, não realiza, a rigor, uma distinção entre gêneros do discurso e gêneros textuais, mas os utiliza como sinônimos. Por uma questão de cuidado com o referencial teórico que utilizamos, no entanto, urge que salientemos a diferença entre os termos: nosso projeto e todas as suas aulas se firmam no conceito de *gêneros do discurso*, e não de gêneros textuais, buscando abarcar tanto as dimensões sociais, quanto verbais dos gêneros do discurso, mobilizadas na teoria de M. Bakhtin, que acreditamos não serem contempladas no segundo termo.

Nosso projeto foi, portanto, ao encontro da dimensão política e ética da escola, até mesmo trazendo como temática de produção/leitura, certos gêneros que tradicionalmente lidam com aspectos sociais e circulam na esfera jornalística (daí, portanto, nosso grande interesse em mover o jornal escolar). Com isso, entendemos a importância de se trabalhar uma formação ética e política dos sujeitos, facultando instrumentos de compreensão e crítica das realidades imediatas e distantes, seus entornos e meandros, a fim de que assumam, por fim, uma postura de criticidade civil, de exercício de seu “ato responsivo”, entendendo a importância da linguagem na formação de toda atividade humana. Acreditamos, enfim, que o projeto de docência extraclasse pôde, através de uma experiência real de uso da linguagem, contribuir para a formação de sujeitos autônomos, emancipados e sempre atentos à produção e à reflexão contínuas – a aula de língua portuguesa deve revelar que as atividades sociais são instâncias discursivas em (re)construção permanente.

3.1.1.1 Escolha do tema e justificativa

Como já mencionado na primeira parte da introdução, o tema escolhido para a elaboração do projeto de docência extraclasse da disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I – a saber, o jornal escolar *Notícias do Beatriz* – nos foi sugerido, por um lado, pela própria professora da disciplina de estágio docência (considerando o caráter “oficial” com que foi imbuído o jornal e o interesse assinalado pela escola) e, por outro, pelas demandas do colégio em que atuamos, em decorrência do sucesso ocasionado pelos projetos extraclasse realizados nos anos anteriores.

Julgamos identificar, portanto, dois fatores que majoritariamente nos impeliram a dar continuidade à produção do *Notícias do Beatriz*:

- i. a relação já estabelecida entre o projeto e a disciplina de estágio docência I;
- ii. a relação de expectativa desenvolvida entre a escola e a disciplina de estágio docência I.

A respeito do primeiro ponto, salientamos que, ao adotar este projeto, atendemos às demandas da disciplina e da coordenação pedagógica da escola em que realizamos nossa experiência de estágio docência, pois compõe, atualmente, parte do Projeto Político Pedagógico da instituição – inquestionável parceria entre a direção da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Britto e a UFSC desde 2011, o *Notícias do Beatriz* conta, até então, com um histórico de oito edições (executamos a nona) –. Quanto ao segundo ponto destacado, diremos que, por se tratar de um projeto tradicionalmente gerido pelos estudantes da disciplina de estágio em Letras-Português, a escola espera que os estagiários deem continuidade à sua produção. De modo algum nos opusemos às sugestões de realização do projeto; pelo contrário, elogiamos a proposta: o jornal é uma plataforma rica para a produção de atividades no contexto da aula de português, uma vez que faculta ao estudante explorar um número sem par de gêneros discursivos e administrá-los a leitores reais, tangendo assuntos verdadeiramente relevantes para a comunidade, constituindo um real contexto de comunicação.

Ao nosso bom senso coube, tendo já aceitado o projeto, selecionar os gêneros que comporiam a edição e o cronograma de atividades previstas para sua elaboração, considerando o especial caráter de *oficina* deste período de estágio. São esses: notícia, propaganda, classificados, entrevista, reportagem, poesia, artigo de opinião, charge/tirinha, resenha, correio de indiretas/elegante e crônica.

A notícia, que é um gênero intrinsecamente jornalístico, não poderia estar ausente em nosso trabalho. De cunho extremamente informativo, esse gênero foi estudado com os alunos de modo a propiciar-lhes a experiência de relatar e noticiar fatos e acontecimentos do dia a dia deles, do que está em seus entornos. Deste modo, separamos um espaço na nossa edição do Jornal para que os alunos publicassem as notícias que julgassem interessantes de se compartilhar com a escola, a partir de seus próprios olhares.

Já a escolha por trabalhar os gêneros propaganda e classificados se deu por serem estes gêneros que circulam comumente na esfera jornalística. Distinguindo-se pelo fato de a propaganda ser mais incisiva, enquanto os classificados são mais descritivos, ambos requerem uma criatividade e um poder de persuasão da parte do autor. Nessa medida, acreditávamos relevante propiciar aos alunos o contato com a produção desses gêneros, a fim

de incitar tanto a criatividade dos mesmos, quanto o poder de provocação ao leitor. No entanto, ainda que estivéssemos instigados a produzir textos dentro desses gêneros, os alunos não se manifestaram a produzi-los.

Também indispensáveis num jornal, as charges e tirinhas feitas pelos alunos estarão presentes nesta edição do jornal Notícias do Beatriz. O trabalho com os gêneros Charge e Tirinhas, em concomitância, ocorreu neste projeto por conta das semelhanças entre eles — ambos articulam arte e língua escrita —, e propositalmente para proporcionar aos alunos a desambiguação entre estes gêneros. No que diz respeito à concepção e metodologia docente, as tirinhas e charges seriam vistas principalmente a partir de sua repercussão na esfera social, para então ser demonstrada a linguagem inserida no gênero, questões de compreensão e autoria, tipologias, apropriação do vocabulário e figuras de linguagem. Para a produção textual, foi incentivado que os alunos pensassem em questões pertinentes à interferência na esfera social da Escola Beatriz de Souza Brito, tomando esta mesma esfera como o público alvo. A partir desta restrição, foi esperado que os alunos fossem capazes de melhor adequar a linguagem, o modo de dizer, as figuras de linguagem e o humor envolvido na elaboração dos desenhos e diálogos.

O jornal, enquanto veículo de perpetuação cultural e intelectual, não se pode abster do gênero resenha, texto de imprescindível caráter informativo: ao mesmo tempo em que cumpre sua função originária de sintetizar o conteúdo de um dado texto e apresentar a opinião crítica do resenhista sobre o mesmo, também revela a posição ideológica do jornal que, ao permitir a publicação de um X autor acerca de um Y texto, não se pode salvar das perguntas “por que este posicionamento e não outro?” e “por que este produto e não outro?”. Salientamos que a resenha, portanto, atua em uma frente externa (na qual o autor-sujeito toma partido em relação a um texto, considerando a ideologia do veículo em que se insere) e em uma frente interna (na qual o autor cumpre a função do gênero: sintetizar e comentar o texto lido).

Neste sentido, reiteramos que outro gênero do discurso o qual é indispensável num veículo de comunicação, como o jornal, é a entrevista, cuja importância social se caracteriza em colher informações de terceiros a partir de um questionário dirigido por um sujeito no lugar de entrevistador. Sendo assim, sua função primeira se dá em coletar o maior número de informações que podem tanto retratar a pessoa entrevistada, quanto o microcosmos no qual está inserida.

Outrossim, não muito presente nos jornais oficiais, mas que tradicionalmente ocorre no jornal da Escola Beatriz é o correio de indiretas, o qual podemos categorizar como uma

modalidade discursiva contemporânea do “correio elegante”, que habitualmente circula nas festas juninas do país. Assim, sua forma moderna nos jornais até então publicados se caracteriza como método de aproximação de duas pessoas por meio da descrição, de juras, como também do anonimato, ou seja, o correio de indiretas é atualmente uma modalidade discursiva contemporânea de declarar paixão ou interesse a um terceiro sem, necessariamente, revelar a autoria.

Outro gênero interessante que foi trabalhado no jornal é o *poema*. Essa escolha ocorreu porque pensou-se ser fundamental trabalhar em um jornal as representações metafóricas de linguagem, atentando-se para as especulações, suposições através da leitura de textos de maneira a relacionar o gênero poético aos discursos quotidianos expressos nas leituras de jornal, em especial o jornal da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito – EBMBSB.

É importante elencar elementos de linguagem junto ao texto de jornal, por isso a prioridade na escolha do assunto *poema*, a fim de possibilitar a discussão de questões que caracterizam a poesia enquanto estilo de fala de maneira a procurar enriquecer as expressões de cada falante, seu jeito de se apropriar da língua e suas experiências na condição harmônica das figuras de linguagem proporcionadas através dos agenciamentos metafóricos e melódicos visíveis no texto poético.

Cabe ressaltar, ainda, que os gêneros reportagem, crônica e artigo de opinião também integram a nona edição do Jornal Notícias do Beatriz, pois são os gêneros que foram produzidos nas aulas de Língua Portuguesa, das turmas 61, 71 e 91, respectivamente, como resultado dos Projetos de Docência de cada dupla.

3.1.2 Fundamentação teórica⁷

3.1.2.1 Concepção de educação, escola e sociedade

Ao pensar a educação escolar com base nas palavras de Geraldí (2004), faz-se necessário, a fim de alcançarmos êxito no que tange ao processo de ensino-aprendizagem, que o projeto docente se constitua de maneira a representar um novo acontecimento, não repetitivo e inovador, em se tratando da exposição didática dos conteúdos a serem apropriados pelos alunos. No entanto, é fundamental atentar-se para que esse “novo”, entendido pelo autor na condição de realização/acontecimento, não seja confundido ou

⁷ Seção transcrita do Projeto de Docência do Estágio I dos alunos Daniel da Silva Miranda e Tathiane Peter.

tratado como “a última novidade” ou algo meramente “inventado” a fim de satisfazer a sede de novos saberes do aluno.

Por isso o novo não está no que se diz mas no ressurgimento do já dito que se renova, que é outro e que vive porque se repete. Por isso aqui não se tratará de algo novo, mas da articulação de questões já conhecidas, fazendo emergir consequências das tomadas de posição a respeito destas mesmas questões, consequências nem sempre explicitadas e, às vezes, até invisíveis para nós quando da formulação de respostas nos estudos das questões sobre que nos debruçamos. (GERALDI, 2004. p. 81).

A realidade da aula, conforme defende Geraldi, é expressa pelo professor através do constante esforço por excelência no exercício diário de fazer aflorar nos educandos o interesse por tomadas de posição em relação a diferentes situações, sejam elas triviais ou complexas, que se apresentam no cotidiano dos indivíduos. Para que isso seja possível, o aluno deve também passar a ser agente do seu próprio processo de ensino-aprendizagem; esse protagonismo do aluno em relação à aprendizagem não nasce do nada: surge da inserção do aluno no modo de funcionamento das relações humanas sociais em que este reside. O jornal escolar, como atividade de ensino proposta para um contexto extraclasse (nem por isso menos didático), possibilita aos alunos que assumam este mesmo protagonismo referido por Geraldi, através da seleção de um assunto que lhes interesse para a escrita de um texto resultante de estudos e ideias particulares, dentro de um real contexto de enunciação (que demanda, portanto, uma tomada de posição em relação coisas àquilo de que fala).

Destarte, Geraldi entende que a realidade de ensino-aprendizagem é um processo absolutamente dinâmico e abrangente que envolve não apenas o estudante em uma relação direta com seu professor, mas muito mais que isso: *ensinar e aprender envolve relação humano-afetiva que ultrapassa os bancos escolares e estende-se numa relação orgânica com o mundo da vida de cada sujeito na sociedade*. Em suma, é pensada uma relação de intercâmbio e experiências entre indivíduo, escola e sociedade na condição que a sociedade é cada pessoa que convive em grupo e relaciona-se de forma interpessoal e com os demais membros dos espaços que frequenta.

É certamente por isso que Geraldi costuma referir-se à aula como “acontecimento”, e não encontramos nenhum impedimento na constatação de que o projeto do jornal escolar também constitui um evento de aprendizagem dinâmica, interpessoal e, portanto, uma “aula como acontecimento”. Geraldi refuta a visão de que a aula é ininterrupta – repetição ou mesmo ritualização –, de modo que os diferentes saberes já estariam a priori condensados através dos protocolos didáticos. A aula como “acontecimento” não se configura num

movimento de mera retransmissão do que já estaria etiquetado de forma padrão para o aluno decorar, e assim também age o jornal escolar: cada edição demanda um novo processo de ensino-aprendizagem, pois depende de novos autores inseridos em novos contextos.

É em oposição a esse modelo estático de ensino que Geraldi está preocupado em responder de modo bastante incisivo e desenvolto, propondo uma maior astúcia em termos metodológicos no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem. Por que astuto? Talvez a resposta a essa pergunta seja o próprio movimento didático com o qual Geraldi trabalha e que, em suma, sugere aos envolvidos na aprendizagem maior autonomia e menor acomodação na proposição educacional, pois, não é mais atribuição exclusiva do professor apenas propagar novos saberes; é, sobretudo, também responsabilidade do aluno problematizar os diferentes saberes sugeridos, potencializados pelo professor. O aluno ocupa, neste escopo, papel de intervir de maneira construtiva no que lhe é ensinado e dito.

Nesta concepção de educação, escola e sociedade, o processo de ensino-aprendizagem, nas palavras de Geraldi (2010), deixa de ser uma estocagem de informações unilaterais (entre professor e aluno) e passa a ser uma troca de saberes, de maneira que nem o professor nem o aluno são proprietários do saber absoluto – é através do intercâmbio de diferentes experiências de “vida e mundo” que os saberes se organizam e formalizam-se no intelecto do aluno. Enquanto interlocutor menos experiente, o estudante tem, através do contato com o professor, a possibilidade de enriquecer seus saberes já constituídos, compartilhar e expandir suas vivências, aumentando seus conhecimentos já internalizados.

3.1.2.2 Concepção de língua e de sujeito

Em certos processos de ensino-aprendizagem a língua é entendida a partir de um olhar epistemológico crítico social. Isso implica dizer, necessariamente, que a língua na sua acepção mais ampla é tratada enquanto um mecanismo absolutamente vivo e em pleno funcionamento nas suas variadas congruências.

A língua nunca pode ser estudada ou ensinada como produto acabado, pronto, fechado em si mesmo. De um lado, porque sua “apreensão demanda” aprender no seu interior as marcas de sua exterioridade constitutiva (e por isso o externo se internaliza); de outro lado, o produto histórico – resultante do trabalho discursivo do passado. É hoje condição de produção do presente que, também se fazendo história, participa deste mesmo produto. (BRITTO, 2012, p. 85 in GERALDI, 1996. p. 28) [...].

No que tange ao valor do texto escrito, é evidente que este não deve ser menosprezado no processo de ensino-aprendizagem. Não obstante, a oralidade e a escuta são mecanismos riquíssimos na educação que devem ser postos em evidência na formação escolar dos estudantes e no exercício da escrita, a fim de que sejam desenvolvidas diferentes habilidades de abstrações discursivas provindas de distintas textualidades⁸. No contexto do jornal escolar, por exemplo, o aluno responsável por compor uma entrevista deveria ser capaz de se expressar oralmente durante o ato da entrevista, assim como deveria, anteriormente, compor as perguntas (de acordo com o contexto e com o entrevistado) e, posteriormente, transcrever as respostas orais do entrevistado para uma linguagem escrita (o trânsito entre linguagem oral e escrita no jornal é complexo e demanda, sem dúvidas, uma certa prática de leitura jornalística).

Para exemplificar este processo da língua e fazer sua articulação à oralidade em relação de interlocução social, fazemos menção às palavras de Britto:

A noção das substâncias de uso da linguagem e a percepção do sistema de escrita permitem reconhecer a existência de situações interlocutivas na sociedade de cultura escrita em que se manifesta uma fala orientada pela escrita. São situações em que a intervenção oral ainda que mantenha características irredutíveis a escrita – como as marcas prosódicas, a inconstância na forma das palavras e os truncamentos sintáticos -, apóia em um modelo de texto escrito. (BRITTO, 2012, p. 36).

Os registros de fala se apoiam, sobretudo, na língua escrita; não por acaso, Geraldi (2011 [1984], p. 91) reitera que “leitura é um processo de interlocução entre leitor/autor mediado pelo texto”, ou seja, é fundamental desenvolver, ao longo do processo didático, um ensino que proporcione ao aluno verdadeiro convívio atual e contínuo com o texto para que, assim, possa adentrar no mundo da escrita e integrar esta prática a seu cotidiano. No que tange ao projeto de docência extraclasse, urgiu aproximar o aluno, como já mencionado, de textos jornalísticos, a fim de que compreendesse a dinâmica da interlocução entre leitores e autores de jornal.

⁸ Textualidades, neste contexto, abrangem oralidade, escrita, imagética, vinculação à esfera e contexto social; em suma, às diversas articulações possíveis do texto.

3.1.2.3 Gêneros do discurso

Tendo presente que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) sugerem que sejam trabalhadas em sala de aula produções textuais a partir de um viés crítico-histórico, julgamos que o trabalho extraclasse com os alunos, considerando a noção de gêneros discursivos, poderia contribuir para uma metodologia mais acessível e para um êxito máximo nos objetivos propostos. Os gêneros do discurso são um recurso didático interessante para facultar ao aluno condições de compreender o movimento por trás das suas experiências práticas com os textos escritos ou orais no cotidiano de fala/escrita.

Nesse sentido, levamos os alunos a inter-relacionar seus escritos com as produções por ele mesmo realizadas ou por ele lidas, a fim de revelar como os textos aparecem vinculados na sua realidade enunciativa, verdadeiramente interdependentes na sociedade em que estão inseridos – o texto encontra preservado o seu valor de interação social, portanto, já que revela os processos sociais e linguísticos a partir do qual pôde se formar, e não se limita a um movimento meramente estrutural.

A escolha pelo trabalho com gêneros discursivos no ensino de língua em atividades extraclasse ocorreu justamente porque através destes se consegue explorar as leituras e produções textuais de maneira mais concisa e diversificada, por um lado revelando a estrutura mais ou menos estável que os textos apresentam em cada contexto de uso da língua, a despeito dos assuntos diversos, e por outro permitindo que o aluno se posicione frente às questões que lhe interessam como autor de um texto próprio e único – de maneira breve, podemos dizer que o gênero discursivo permite que os alunos compreendam a realidade por trás da escrita, parcialmente definida pelas expectativas formuladas sobre textos já lidos, assim como parcialmente livre para manifestações exclusivas. Diante da sugestão para que o aluno escrevesse uma *resenha* durante o projeto extraclasse, por exemplo (i.e., um texto que ele e os leitores *identificassem* no formato do que no passado já leram em textos declarados como resenhas), foi necessário que se dispusesse a ler e compreender as características que todas as resenhas anteriormente escritas [ou pertencentes a *corpus* expressivo] compartilham, a fim de que soubesse que seu texto não pode carecer (é por isso que dizemos que os textos inseridos num mesmo contexto de enunciação são vinculados: há características estabilizadas que necessariamente deverão compartilhar, a fim de que se reconheçam como pertencentes a um mesmo *gênero* de discurso) delas. Como procedimento didático, portanto, a abordagem semi-estrutural (pois também considera os elementos do contexto único) dos gêneros discursivos permite uma rápida e sofisticada abordagem sobre diferentes formas de

textualidade (convém especialmente à escrita de um jornal escolar, portanto, pois exige que os alunos apreendam rápida e eficientemente um número grande de gêneros do discurso).

3.1.2.4 Letramento

Entendemos que letramento não é alfabetização. Na verdade, são conceitos diferentes e que estabelecem uma relação de continente e conteúdo. Dentro da cultura escrita existem várias esferas da atividade humana, sejam elas literária, jornalística, acadêmica ou escolar. E dentro da esfera escolar está a alfabetização. Ou seja, a alfabetização está contida no letramento, o que indica que não são conceitos idênticos.

Essa forma de abordar letramento como continente e alfabetização como conteúdo está na base teórica de tomar o letramento a partir do modelo ideológico, e não a partir do modelo autônomo. De acordo com as observações feitas por Almeida (2014), os estudos que deslocaram a concepção de letramento focada no indivíduo e que tomavam a escrita autonomamente foram fundamentalmente realizados por Street (1984):

Em âmbito internacional, para o recorte de interesse deste estudo, o deslocamento da concepção de *letramento* focada no indivíduo, ocorreu fundamentalmente mediante os estudos de Street (1984), que problematizou os modos com que as pessoas, em grupos, valem-se da escrita para atendimentos de demandas socialmente estabelecidas e situadas, em detrimento do enfoque prevalecente na constatação e na mensuração de habilidades cognitivas individuais. A reflexão sobre o *letramento* como um conceito que transcende o domínio do sistema alfabético e a alta escolarização, mas que não denega ambos, ganhou espaço no estudo que o vê historicamente situado, cambiante e enraizado no passado, que historiciza o sujeito e os diferentes grupos sociais. (ALMEIDA, 2014, p. 40)

Street (1984) definiu dois modelos de letramento: *autônomo* e *ideológico*, no primeiro, a escrita seria considerada “[...] um produto completo em si mesmo, que não estaria preso ao contexto de sua produção para ser interpretado [...]” (KLEIMAN, 2001 [1995], p. 22 *apud* ALMEIDA, 2014, p. 50), já o segundo se pauta na concepção de letramento como um processo social.

A partir de Kleiman (1995), podemos perceber que o *modelo autônomo de letramento* toma a escrita como autônoma, como habilidade técnica, como produto, focando na cognição, dicotomizando escrita e oralidade e atribuindo poderes intrínsecos à escrita. Por outro lado, o *modelo ideológico* focaliza as dimensões sociais, culturais e econômicas,

tomando a escrita como processo, tensionando a dimensão cognitiva e social e abordando os conceitos de *eventos e práticas de letramento*.

Entende-se, por *eventos de letramento*, “[...] ocasiões em que a escrita é parte integrante da natureza da interação dos participantes e de seus processos e estratégias interpretativas”. (HEATH, 1982, p. 50, tradução livre *apud* ALMEIDA, 2014, p. 53). Já o conceito de *práticas de letramento* é compreendido da seguinte maneira:

O conceito de práticas de letramento tenta dar conta dos eventos e dos padrões de atividade em torno do letramento, mas para ligá-los a algo mais amplo, de natureza cultural e social. É parte dessa abrangência atenta para o fato de que trazemos para um evento de letramento conceitos, modelos sociais sobre o que a natureza dessa prática é, que o fazem funcionar e que lhe dão sentido (STREET, 2000, p. 21 tradução livre *apud* ALMEIDA, 2014, p. 54).

Neste projeto, elaborado para o ensino de língua em atividade extraclasse, preferimos adotar o conceito de letramento sob o ponto de vista ideológico, valorizando o ato de ensino-aprendizagem como processo de construção social do sujeito, como possibilidade de o próprio sujeito constituir-se e tomar seu espaço em sociedade. A educação pensada com este viés ideológico busca possibilitar ao sujeito emancipar-se em seu ato de fala em meio coletivo e politizado, gerando ressignificação de suas práticas. A fim de não tornarmos esta explicação prolixa, pois acreditamos já ter tratado deste tema nos tópicos anteriores, apenas salientamos que os alunos, durante o processo de escrita do jornal escolar, deviam necessariamente entrar em contato com outros textos, jornalísticos ou não, a fim de: primeiro, compreenderem a dinâmica e as demandas estruturais do gênero discursivo em que se enunciarão; segundo, aprofundarem seus conhecimentos nos assuntos que desejam tratar. No que concerne ao envolvimento dos alunos em um verdadeiro projeto de letramento, não resta dúvidas de que cada movimento foi estritamente necessário para alcançar o máximo êxito na publicação final e contribuiu enormemente para a formação escolar dos envolvidos, já que os coloca diante de uma *verdadeira demanda* de leitura, uma vez que tenham assumido o compromisso de escrita de um *verdadeiro jornal* (que será, por sua vez, distribuído a outros alunos que também serão afetados pelo projeto e, talvez, se sintam motivados a participar da próxima edição [este seria o melhor resultado possível num projeto de letramento: motivar os leitores a também se tornarem autores]).

3.1.2.5 Leitura, produção de textos e análise linguística

Em análise do procedimento de Geraldi (2010), é nítida a preocupação metodológica em não se deixar guiar por didáticas tradicionalmente conhecidas por serem mais veladas, sistêmicas e que exponham os alunos por meio de manuais didáticos de ensino. Considera-se que uma configuração de ensino ou modelo de educação tradicional submeteria o estudante, de modo geral, a memorizar a lição – em vez de aprender –, a não expressar sua opinião – em vez de construir conhecimento com base em suas vivências –, e teria prejudicada sua capacidade de raciocínio em virtude do movimento unilateral de repasse de conhecimento. Num panorama como este, a leitura torna-se apenas um refúgio ou um mero instrumento de base recursiva para melhor exposição dos conteúdos. Neste modelo tradicional que criticamos, há indícios de que o aluno tende a receber as instruções de maneira passiva (receptáculo), sem expor a mínima opinião sobre aquilo que estava sendo ensinado a ele.

Exemplificado este quadro, trazemos a importância do estudo de Geraldi (2010), que compreende que o processo de ensino e aprendizagem jamais poderá ser unilateral, porque deve envolver todos os agentes do conhecimento – em sentido mais abrangente, deve envolver toda a comunidade escolar, todos os agentes de ensino, e pessoas que fazem parte do cotidiano da educação. Sejam eles pais, professores, colaboradores da escola e a comunidade em geral, há a necessidade de assumir, junto com o professor, o protagonismo na educação através da voz de cada sujeito envolvido direta ou indiretamente no processo de ensino-aprendizagem dos saberes do grande mundo.

É possível, como já vimos, trabalhar a produção oral e escrita de leituras durante o projeto de docência extraclasse, tomando por embasamento epistemológico e teórico-metodológico a noção de aula como acontecimento produzida por Geraldi (2010). Assim, a aula como acontecimento proposta pelo autor já mencionado, não se daria somente às eventuais aulas de língua portuguesa, mas ainda sim às aulas extras, as quais para o aluno podem comportar com maior peso o valor de “acontecimento”. No entanto, para que isso seja viável, é cardinal considerar alguns aspectos, sobretudo no que envolve a produção escrita. Para isso, é interessante agenciar a noção crítica de textos mencionada por Britto (2012), que, adjunto à noção de texto, emerge a responsabilidade geral da educação escolar: formar o aluno de maneira integral, ou seja, no que diz respeito à formação leitora, que entenderá a leitura não somente como um processo fruitivo, mas também penoso; e no que diz respeito à formação humana e social, a qual é considerada parte fundamental na educação dos indivíduos.

Nessa premissa, Britto (2012) acaba corroborando com o que já ressalta Saviani (1983), entendendo que a educação é um conjunto de responsabilidades, a qual se configura por ser, acima de tudo, função política; especialmente porque toda a ação do indivíduo em meio social é uma ação política que compreende a língua carregada de significados e elementos históricos. Em suma, a concepção é a de que a educação é imbuída de momentos enriquecidos pelos conhecimentos expressos nas relações humanas e nas mais variadas manifestações socioculturais ao decorrer do tempo.

Conforme defende Britto (2012), a língua tanto escrita quanto falada é um mecanismo dinâmico de funcionamento; em razão disso, sua compreensão e exposição junto ao processo educacional de ensino-aprendizagem deve envolver diversas compreensões vivenciadas das relações humanas sociais. Entende-se, portanto, por usos da língua escrita um conjunto bem amplo de domínios que o sujeito manipula usualmente junto as relações sociais, de modo que “Ler e escrever, interagir com os textos e com os conhecimentos e as informações que se veiculam dessa forma, operar com os referenciais que se constituem na tradição da escrita são condição de participação e de pertencimento à ordem social” (BRITTO, 2012, p. 86).

Ler não é apenas uma técnica de decodificação de palavras, mas um aspecto mais amplo que envolve a interação entre sujeito e a configuração social em que ele está inserido e interage cotidianamente com os demais membros do grande grupo de pessoas, de modo que não há uma relação exclusiva direta entre a leitura e apropriação de conhecimento. É preciso considerar que a leitura é um dos componentes essenciais na construção do conhecimento cultural, mas não único meio de se adquirir novos saberes.

Contudo, em função de sua materialidade e da forma como é realizada, a escrita permite um nível de controle da atividade intelectual que não se verifica na mesma intensidade nas outras formas de registro. Refiro-me ao modo como se dá o envolvimento do sujeito com o texto, o ritmo das ações, a possibilidade de controle quase pleno da ação, as formas de intervenção consciente no fluxo de pensamento. (BRITTO, 2012, p. 87-88).

Assim, é pertinente considerar a instrumentalização da língua escrita não apenas utilizada como um recurso a mais de compreensão leitora, mas de um jeito mais complexo que se propõe às manifestações dos próprios atos individuais e coletivos dos indivíduos em sociedade a fim de que as ações de cada sujeito assumam realces e ações no seu meio social de convivência; cada um está inserido socialmente e esses matizes são recursos discursivos que o sujeito mobiliza no ato da escrita, no ato da produção textual. Esses movimentos de

escritas não são naturais no imaginário dos estudantes, mas sim adquiridos no meio social em que o sujeito está inserido.

Por isso, pode-se dizer que o ato da decodificação é fundamental para o indivíduo começar a entender o que está esboçado em um texto escrito; mas é apenas o ato inicial: ele precisa avançar na sua compreensão. É deste movimento que discutem Cerutti-Rizzatti, Daga e Catoia Dias (2014, p. 230.), ressaltando que “Aprender a decodificar o texto escrito é condição para encontrar o outro por meio dessa modalidade da língua; evidentemente, então, trata-se de uma capacidade cognitiva – portanto intrassubjetiva – requerida pela intersubjetividade.”

Portanto, a escrita é também a expressão formal das experiências cotidianas que o aluno costuma vivenciar no seu entorno, construída através de arranjos mais precisos textualmente adquiridos com exercícios de leitura e otimizados através do próprio esforço pessoal para colocar no papel aquilo que está mais ou menos desenvolvido no seu imaginário e que acaba, por assim dizer, ganhando formato e transformando-se em uma produção textual escrita.

3.1.3 Objetivos

A delimitação dos objetivos do projeto de docência extraclasse se deu a partir de concepções fundantes para o ensino e para a aprendizagem de língua portuguesa, as quais são voltadas à emancipação e à apropriação, pelos alunos, dos gêneros do discurso da esfera jornalística. Assim, por meio da ação docente, ancorada nas concepções de sujeito constituído (STREET, 1984), concepções de letramento (KLEIMAN, 1989), concepções de gênero do discurso (BAKHTIN, 1997), como também concepções de aula (GERALDI, 2010) e (BRITTO, 2003), buscou-se expandir e aprimorar tanto questões relacionadas à autoria, escrita, bem como à leitura dos alunos.

Desse modo, os fios condutores os quais guiaram este projeto, em diálogo com o PPP da escola Beatriz e com a base teórico-epistemológica apresentada na seção anterior, esforçaram-se em possibilitar que os alunos conseguissem se apropriar com mais veemência do emprego dos gêneros do discurso nos eventos de letramento jornalístico, e que paralelamente contribuiu para o aperfeiçoamento do lugar de autoria, como também para a expansão da capacidade subjetiva em se tratando tanto da representação de seu microcosmos, quanto da crítica às circunstâncias de seu meio, bem como do macrocosmos do qual, igualmente, fazem parte.

Portanto, o Projeto de docência Extraclasse deteve enquanto objetivo a expansão cognitiva dos alunos na escrita dos gêneros do discurso da esfera jornalística, pautada na representação do mundo presente por meio da subjetividade de cada aluno, como forma de aprimorar a escrita, a autoria, como também a criatividade dos alunos no mundo letrado.

3.1.4 Conhecimentos trabalhados

Durante o desenvolvimento do Projeto Extraclasse os alunos entraram em contato com conhecimentos variados. Já na primeira aula, foi necessária a escuta atenta e ativa dos alunos na apresentação do projeto pelos professores assim como na fala do jornalista convidado, sobre o fazer jornalístico. Em momentos de leitura dos gêneros previamente definidos e apresentados na introdução, o aluno pode desenvolver a interpretação pela leitura-estudo de diferentes textos, o que era necessário para estabelecer contato com tal gênero, se apropriar dele, e poder reproduzi-lo.

Como tiveram de escolher um gênero para trabalhar no jornal e um assunto propício e que despertasse interesse, os alunos exerceram a postura de escolha. Assim como na socialização dessas escolhas e das produções finais foram trabalhadas a expressividade, fluência, ritmo e organização de ideias, no uso oral da língua.

Na produção textual e análise linguística os alunos tiveram como conhecimento a noção da escrita como recurso para registrar, informar, expressar, vender, etc. Foi trabalhado, nesse ponto, a escrita e a reescrita, como forma de proporcionar a adequação do texto ao gênero. Além disso, nesse âmbito, também foi trabalhada a função social e o espaço de circulação desses gêneros jornalísticos. Por fim, os alunos também tiveram conhecimento sobre o fazer jornalístico em si, ao entrarem em contato com a experimentação dos equipamentos de produção jornalística.

3.1.5 Metodologia

Para que nossa ação se concretizasse, ela foi mediada em cinco encontros com duração de 3h, nos dias 18, 22, 23, 25 e 29 de novembro. As aulas detalhadas nos planos de aula a serem apresentados na seção seguinte foram pensadas pelos professores estagiários a fim de abranger uma gama de 11 gêneros, quais sejam: notícia, propaganda, classificados, entrevista, reportagem, poesia, charge/tirinha, resenha, correio de indiretas/elegante, crônica. Pelo fato de, no momento do planejamento, não haver ainda uma turma, com características

definidas e necessidades próprias, os planos de aula foram pensados de forma flexível, para que cada professor estagiário pudesse adaptar sua metodologia às concepções e bases teórico-epistemológicas, já delineadas neste projeto. Cada professor estagiário ficou responsável pelo trabalho com um ou dois gêneros dos acima descritos; ao final das produções textuais dos alunos, contamos com material para que fosse feita a diagramação e finalização da nona edição do Jornal do Beatriz.

Deste modo, para o primeiro encontro, programamos uma apresentação geral, tanto dos alunos estagiários quanto dos alunos do Beatriz, assim como do projeto “Notícias do beatriz: projeto de letramento em jornal escolar”, para, depois, haver uma fala de um profissional da área para compartilhar suas experiências na produção real de matérias jornalísticas. Para essa pequena palestra, contamos com o jornalista Samuel Pantoja Lima, para comentar um pouquinho sobre suas vivências nesse campo de trabalho. Ainda no primeiro encontro, os alunos receberiam jornais para folhearem e para discutirmos sobre os gêneros que circulam nesse suporte. Ainda antes da finalização, apresentamos aos estudantes os gêneros que escolhemos previamente para trabalhar com eles, considerando as possíveis sugestões que porventura surgissem. Neste encontro, solicitamos aos alunos que escolhessem com qual gênero gostariam de trabalhar nesse nosso projeto de docência.

Já no segundo encontro, os alunos se organizaram de acordo com o gênero com o qual decidiram trabalhar, a fim de aprofundar o conhecimento do mesmo. Entregamos aos alunos textos diversos dos gêneros escolhidos, e, em cada grupo, cada estagiário mediou as explicações e os aprofundamentos necessários. Nesse encontro, ainda levantamos alguns temas que estivessem em alta na escola, a fim de que os alunos escolhessem a temática com a qual queriam trabalhar. Ouvimos, também, as sugestões que eles trouxeram, a fim de que, ao término desta aula, elegêssemos uma temática central para nossa edição do Jornal.

No encontro seguinte, os alunos iniciam suas produções textuais, com mediação dos professores estagiários. Neste momento, procuramos incitar os alunos a usarem sua criatividade principalmente nos gêneros que mais a requerem. Auxiliamos na adequação dos textos, considerando os gêneros escolhidos, tal como nas dúvidas outras que surgiram. Para quem houvesse finalizado sua produção antes do término da aula, disponibilizamos textos dos gêneros jornalísticos para que realizassem leituras.

No quarto e último encontro que realizamos no Beatriz, fizemos com os alunos uma análise linguística e textual, de acordo com as leituras que fizemos de seus textos. Ainda em grupos, separados de acordo com os gêneros, trabalhamos com os alunos de modo a realizar as adequações que pudessem ser necessárias em seus textos. Feito isso, solicitamos a reescrita

de seus textos, para ser esta a produção final. Quando, por fim, todos finalizaram a refacção, solicitamos que cada grupo socializasse com os demais o seu texto escrito, que iria compor esta nova edição do Jornal Beatriz.

No último encontro então pensado, levamos os alunos a uma visita do Jornal ZERO, da Universidade Federal de Santa Catarina, a fim de que compreendessem ainda melhor o funcionamento dessa esfera jornalística, expandindo seus conhecimentos suportem relação a este suporte.

3.1.5.1 Planos de aula

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

EBM Beatriz de Souza Brito

Estagiários responsáveis pela aula: Daniel Miranda, Débora Gonçalves, Gabriel Eigenmann, Gabriel Esteves, Larissa Malu, Tathiana Peter

Disciplina: Língua Portuguesa

Plano da Aula 1 – (18/11 – Sexta-feira – [3h/aula])

TEMA

Apresentação do projeto e introdução aos gêneros jornalísticos.

OBJETIVO GERAL

Conhecer a esfera jornalística e o fazer jornalístico pela escuta atenta e ativa da palestra de um profissional da área e pela análise de diferentes jornais impressos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Propor questões ao palestrante acerca do que envolve o trabalho do jornalista, expressando-se com clareza, fluência, boa entonação.
- Conhecer o projeto extraclasse “Notícias do Beatriz: projeto de letramento em jornal escolar” pela escuta atenta e ativa da fala dos professores estagiários e breve observação da última edição do jornal;
- Conhecer a realidade jornalística a partir da escuta atenta e ativa da fala do jornalista Samuel Pantoja Lima;
- Identificar os gêneros que constituem um jornal com base na leitura silenciosa e concentrada dos jornais disponibilizados para esta atividade;
- Socializar com clareza e coerência os gêneros identificados a partir da leitura e análise de diferentes jornais;
- Escolher o tema com o qual se identifica para estudar e fazer produção textual que integrará a nona edição do Jornal escolar Notícias do Beatriz.

CONTEÚDOS

- Projeto de docência extraclasse do Jornal do Beatriz;
- O fazer jornalístico segundo o jornalista Samuel Pantoja Lima;
- Gêneros adaptados à esfera jornalística: Notícia, propaganda, classificados, entrevista, reportagem, poesia, charge/tirinha, resenha, correio de indiretas/elegante, crônica;
- Fazer uso da escrita como recurso para registrar a opinião de outrem, assim como a própria opinião.

METODOLOGIA

- Organização dos alunos nas carteiras;
- Apresentação dos professores estagiários;
- Convite para que cada aluno faça sua apresentação;
- Anotação, por parte dos professores estagiários, dos nomes dos alunos para confecção de uma chamada;
- Apresentação do projeto extraclasse “Notícias do Beatriz: projeto de letramento em jornal escolar”;
- Entrega dos jornais da última edição do jornal;
- Convite para que o profissional da área do Jornalismo, Samuel Pantoja Lima, faça uma fala para os alunos sobre o fazer jornalístico;
- Entrega de jornais para os alunos folhearem e identificarem o que compõe um jornal;
- Momento de leitura-busca-de-informações de jornais, atividade a ser realizada individualmente;
- Socialização do que os alunos viram nos jornais;
- Conversa sobre os gêneros encontrados durante a leitura-busca-de-informações;
- Apresentação do tema por parte dos professores estagiários e escolha dos gêneros por parte dos alunos: Notícia (Débora), Propaganda (Larissa), Classificados (Larissa), Entrevista (Gabriel Eigenmann), Reportagem (Daniel), Poesia (Daniel), Charge/Tirinha (Tathiana), Resenha (Gabriel Esteves), Correio de Indiretas/Elegante (Gabriel Eigenmann), Crônica (Larissa e Débora).

RECURSOS

- Papel, caneta;
- Cópias da última edição do Jornal do Beatriz;
- Jornais.

AVALIAÇÃO

Serão avaliadas a participação dos alunos nas suas apresentações, considerando a expressividade, fluência e clareza; a audição atenta e respeitosa às falas dos professores estagiários e do jornalista Samuel Pantoja Lima, com base nos questionamentos propostos e na postura adequada a este tipo de atividade; a leitura atenta e silenciosa dos jornais; a identificação dos gêneros que compõem o jornal, considerando a adequação das indicações dos alunos e a escolha responsável e comprometida do gênero para trabalhar durante o projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- SCHNEUWWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.
- ANTUNES, I. **Aula de Português: Encontro e Interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I

PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

EBM Beatriz de Souza Brito

Estagiários responsáveis pela aula: Daniel Miranda, Débora Gonçalves, Gabriel Eigenmann, Gabriel Esteves, Larissa Malu, Tathiana Peter

Disciplina: Língua Portuguesa

Plano da Aula 2 – (22/11 – Terça-feira – [3h/aula])

TEMA

Aprofundamento dos conhecimentos específicos de cada gênero.

OBJETIVO GERAL

Ampliar repertório sobre os gêneros adaptados à esfera jornalística, particularmente notícia, propaganda, classificados, entrevista, reportagem, poesia, charge/tirinha, resenha, correio de indiretas/elegante, crônica, considerando função social, forma de composição, recursos expressivos e linguísticos de cada um deles, de acordo com a escolha para a produção textual.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Ler de forma silenciosa e concentrada, diferentes exemplares de notícia, propaganda, classificados, entrevista, reportagem, poesia, charge/tirinha, resenha, correio de indiretas/elegante, crônica, trazidos pelos professores para análise;
- Identificar marcas discursivas, recursos expressivos e linguísticos de gêneros adaptados à esfera jornalística, particularmente notícia, propaganda, classificados, entrevista, reportagem, poesia, charge/tirinha, resenha, correio de indiretas/elegante, crônica;
- Ouvir atenta e ativamente às explicações dos professores sobre os gêneros adaptados à esfera jornalística, particularmente notícia, propaganda, classificados, entrevista, reportagem, poesia, charge/tirinha, resenha, correio de indiretas/elegante, crônica;
- Delinear o assunto para produção textual que integrará a nona edição do Jornal Escolar Notícias do Beatriz.

CONTEÚDOS

- Leitura-estudo de textos de diferentes gêneros adaptados à esfera-jornalística;
- Estrutura, marcas discursivas e composicionais de gêneros adaptados à esfera jornalística, particularmente: Notícia, propaganda, classificados, entrevista, reportagem, poesia, charge/tirinha, resenha, correio de indiretas/elegante, crônica;
- A escrita como recurso para registrar, informar, expressar, vender, etc.

METODOLOGIA

- Organização dos alunos em grupos de acordo com a escolha do tema;
- Chamada a ser anotada no registro dos professores estagiários;
- Explicação sobre o gênero escolhido, a ser definida pelo professor estagiário responsável;
- Leitura dirigida de textos dos gêneros em estudo para reconhecimento das marcas que os constituem;
- Conversa em articulação ao que os alunos leram e o que foi explicado pelo professor sobre o gênero;
- Apresentação, pelos professores estagiários, de temas que estão em alta na escola e que podem ser trabalhados no jornal: Eleição do diretor; Entrevista com Prof. Pedro; Viagens de estudos; Visita ao MASC.
- Definição, pelos alunos, dos temas para trabalho da produção textual;
- Instruções, aos alunos, de como proceder para fazer coleta de informações sobre o tema, para trazer na aula de produção textual.

RECURSOS

- Lousa, canetão, papel, lápis, borracha e caneta;
- Jornais;
- Cópias de recortes de jornais;
- Projetor multimídia, caixa de som, computador.

AVALIAÇÃO

Serão avaliadas a postura de audição atenta e respeitosa às falas dos professores estagiários; a leitura atenta e silenciosa dos jornais; a adequação das indicações acerca das marcas discursivas, composicionais e linguísticas dos gêneros em estudo e a definição responsável e comprometida do assunto para produção textual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SCHNEUWWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

ANTUNES, I. **Aula de Português: Encontro e Interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

EBM Beatriz de Souza Brito

Estagiários responsáveis pela aula: Daniel Miranda, Débora Gonçalves, Gabriel Eigenmann, Gabriel Esteves, Larissa Malu, Tathiana Peter
Disciplina: Língua Portuguesa

Plano da Aula 3 – (23/11 – Quarta-feira – [3h/aula])

TEMA

Produção textual segundo o gênero escolhido.

OBJETIVO GERAL

Produzir a primeira versão do texto de um dos gêneros adaptados à esfera jornalística, particularmente notícia, propaganda, classificados, entrevista, reportagem, poesia, charge/tirinha, resenha, correio de indiretas/elegante, crônica, considerando função social, forma de composição, recursos expressivos e linguísticos de cada um deles, de acordo com a escolha para a produção textual.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Pesquisar informações e dados para subsidiar a produção do texto que irá compor a nona edição do Jornal Notícias do Beatriz;
- Realizar entrevistas com pessoas que possam contribuir com informações e dados para a produção do texto que irá compor a nona edição do Jornal Notícias do Beatriz;
- Empregar adequadamente as marcas discursivas, estruturais e composicionais um dos gêneros adaptados à esfera jornalística, particularmente notícia, propaganda, classificados, entrevista, reportagem, poesia, charge/tirinha, resenha, correio de indiretas/elegante, crônica

CONTEÚDOS

- Estrutura, marcas discursivas e composicionais de gêneros adaptados à esfera jornalística, particularmente: Notícia, propaganda, classificados, entrevista, reportagem, poesia, charge/tirinha, resenha, correio de indiretas/elegante, crônica;
- A escrita como recurso para registrar, informar, expressar, vender, etc.;
- Produção textual de um dos gêneros adaptados à esfera jornalística, particularmente: Notícia, propaganda, classificados, entrevista, reportagem, poesia, charge/tirinha, resenha, correio de indiretas/elegante, crônica.

METODOLOGIA

- Organização dos alunos em grupos de acordo com a escolha do tema;
- Chamada a ser anotada no registro dos professores estagiários;

- Instruções de como produzir o texto do gênero e assunto escolhidos, a ser definida pelo professor estagiário responsável;
- Produção textual por parte dos alunos;
- Entrega aos professores das primeiras versões das produções.

RECURSOS

- Papel, caneta;
- Lousa e canetão.

AVALIAÇÃO

Será avaliada nesta aula a postura de concentração na escrita, e de respeito às condições adequadas para as produções dos demais colegas. Quanto à produção, será avaliada a adequação ao gênero, o teor e a consistência do assunto escrito e a adequação do texto às normas da escrita formal da Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SCHNEUWWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

ANTUNES, I. **Aula de Português: Encontro e Interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

EBM Beatriz de Souza Brito

Estagiários responsáveis pela aula: Daniel Miranda, Débora Gonçalves, Gabriel Eigenmann, Gabriel Esteves, Larissa Malu, Tathiana Peter
Disciplina: Língua Portuguesa

Plano da Aula 4 – (25/11 – Sexta-feira – [3h/aula])

TEMA

Análise linguística, reescrita e socialização da produção textual.

OBJETIVO GERAL

Produzir a segunda versão do texto segundo o gênero e assunto escolhidos e que irão compor a nona edição do Jornal Notícias do Beatriz, de acordo com as indicações dos professores estagiários.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Corrigir coletivamente as inadequações identificadas na produção da primeira versão dos textos de gêneros adaptados à esfera jornalística, particularmente notícia, propaganda, classificados, entrevista, reportagem, poesia, charge/tirinha, resenha, correio de indiretas/elegante, crônica, com base na análise de fragmentos de textos produzidos;
- (Re) conhecer os efeitos de sentido provocados pelos recursos de expressividade da Língua Portuguesa, presentes na primeira versão da produção;
- Empregar adequadamente as marcas discursivas, estruturais e composicionais do gênero na produção escrita da segunda versão;
- Ler para a turma, de forma clara e coesa, a produção textual.

CONTEÚDOS

- Estrutura, marcas discursivas e composicionais de gêneros adaptados à esfera jornalística: Notícia, propaganda, classificados, entrevista, reportagem, poesia, charge/tirinha, resenha, correio de indiretas/elegante, crônica;
- A escrita como recurso para registrar, informar, expressar, vender, etc.
- Produção textual segundo o gênero e assunto escolhidos;
- Expressividade, fluência e clareza na leitura oral das produções aos colegas.

METODOLOGIA

- Organização dos alunos em grupos de acordo com a escolha do tema;
- Chamada a ser anotada no registro dos professores estagiários;

- Entrega, pelos professores, da 1ª versão das produções com comentários e anotações;
- Exposição, a cada grupo, de inadequações linguísticas e em relação ao gênero encontradas nas produções textuais, com correção coletiva;
- Orientações, de como reescrever a segunda versão da produção textual, a serem definidas pelo professor estagiário responsável;
- Reescrita da produção textual por parte dos alunos;
- Convite, por parte do professor, para que os alunos socializem e leiam para a turma suas produções (as produções podem ser colocadas em projetor multimídia para que a turma possa visualizar);
- Entrega aos professores das segundas versões das produções.

RECURSOS

- Papel, caneta;
- Lousa e canetão.
- Projetor multimídia e computador.

AVALIAÇÃO

Serão avaliados nesta aula a participação ativa e atenta na atividade de correção coletiva e o respeito aos colegas, assim como a compreensão das correções, pelas respostas dos alunos aos questionamentos dos professores. Na produção textual, serão avaliadas a postura de concentração na reescrita, e o respeito às condições adequadas para as produções dos demais colegas. Quanto à produção, será avaliada a adequação ao gênero, o teor e a consistência do assunto escrito e a adequação do texto às normas da escrita formal da Língua Portuguesa, considerando as indicações dos professores estagiários na 1ª versão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SCHNEUWWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

ANTUNES, I. **Aula de Português: Encontro e Interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz

EBM Beatriz de Souza Brito

Estagiários responsáveis pela aula: Daniel Miranda, Débora Gonçalves, Gabriel Eigenmann, Gabriel Esteves, Larissa Malu, Tathiana Peter
Disciplina: Língua Portuguesa

Plano da Aula 5 – (29/11 – Terça-feira – [3h/aula])

TEMA

Visita ao laboratório do Jornal ZERO na Universidade Federal de Santa Catarina.

OBJETIVO GERAL

Expandir conhecimentos e experiências acerca da prática jornalística em uma visita orientada ao laboratório de do Jornal ZERO da UFSC.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Entender o funcionamento interno de um ambiente de produção de matérias jornalísticas;
- Ouvir de forma atenta e concentrada as explicações dos estudiosos de Jornalismo do laboratório do Jornal ZERO da UFSC;
- Perceber articulações entre as explicações a serem apresentadas na visita e o que foi aprendido em sala de aula;
- Experimentar, respeitando as instruções dos profissionais, os equipamentos para produção de matérias jornalísticas.

CONTEÚDO

- Conhecimentos e experiências sobre a prática jornalística;
- A prática da escuta como forma de aprendizagem.

METODOLOGIA

- Chamada a ser anotada no registro dos professores estagiários;
- Agrupamento e explicação sobre a visita que será realizada ao laboratório do Jornal ZERO, ressaltando a importância de sempre agir com respeito, não mexer nos equipamentos ou entrar em salas quando não houver instruções para tal;
- Ida ao laboratório do Jornal ZERO;
- Conversa com os profissionais e estudantes universitários que trabalham no laboratório;
- Experimentação, pelos alunos, de alguns equipamentos sob supervisão dos professores e instrução dos profissionais que trabalham no laboratório;
- Saída do laboratório do Jornal ZERO;

- Retorno para a sala de aula;
- Conversa breve com os alunos sobre a experiência vivenciada e sua postura durante a visita.

RECURSOS

- Espaço do laboratório do Jornal ZERO;
- Equipamentos do laboratório do Jornal ZERO.

AVALIAÇÃO

Será avaliada nesta aula a postura adequada de respeito e atenção em relação às explicações e aos colegas, professores, profissionais do laboratório do Jornal ZERO, estudantes universitários e todo o espaço e equipamentos do laboratório.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SCHNEUWWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

ANTUNES, I. **Aula de Português: Encontro e Interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

3.2 REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

3.2.1 Relato das aulas

Aula 01 – Sexta-feira (18/11)

Iniciamos a aula organizando os alunos nas carteiras e solicitando as autorizações assinadas pelos responsáveis. Como os estudantes estavam na escola no contraturno, eles precisavam apresentar a autorização para estarem presentes no colégio. Questionamos, também, quem iria almoçar na escola, a fim de comunicar à cozinha. Feito isso, a estagiária Tathiana nos apresentou, tecendo palavras sobre nosso grupo de professores estagiários. Após isso, realizou a chamada da turma, perguntando a cada um a turma a que pertencia. Nesse instante, também questionou os alunos sobre o motivo de estarem participando do projeto extraclasse.

Percebemos que, em grande maioria, a turma era bem dispersa, sendo difícil prender a atenção dos alunos. As respostas para a pergunta da Tathiana foram quase unânimes para: “Estou aqui pela parceria/pelos amigos”. Nessa mesma etapa, a estagiária Tathiana entregou aos estudantes pastas contendo bloco de folhas e um lápis.

A seguir, Larissa⁹ tomou a fala e explicou sobre o projeto extraclasse. Comentou com os alunos o motivo de nossa presença nesse projeto, sobre a importância deste para escola e, em linhas gerais, como se sucederiam os nossos encontros para a realização do Jornal Notícias do Beatriz.

Para iniciarmos os trabalhos de contato com o fazer jornalístico, Débora distribuiu jornais, com ajuda de outros professores-estagiários, e direcionou a atividade a ser feita. Os estudantes deveriam folhear os jornais e perceberem quais gêneros do discurso (“tipos textuais”) que havia ali. Para a realização da atividade, a estagiária entregou aos alunos uma tabela impressa para que eles escrevessem a identificação do jornal, as notícias e manchetes que encontrariam na capa e contracapa, e os gêneros de discurso presentes ao longo do jornal. Deixamos livre para que os alunos realizassem o exercício em grupos de no máximo três pessoas.

A turma teve um pouco de dificuldade para entender o propósito da atividade, pois a maioria estava envolvida com conversas paralelas durante a explicação. Com ajuda de outros professores-estagiários, foram reiterados quais os passos que deveriam seguir para efetivar a

⁹ Tal como no relato das aulas do Projeto de Docência, optamos por utilizar terceira e primeira pessoa no relato dos encontros do Extraclasse, a fim de elucidar os momentos em que apenas um estagiário conduziu as atividades, e os que foram mediados por todos nós.

atividade. Reservamos um tempo para que fizessem o exercício, enquanto passávamos nas carteiras, auxiliando-os nas dúvidas.

No segundo momento da aula, após o intervalo, o palestrante convidado Samuel, professor do curso de Jornalismo da UFSC, iniciou sua fala sobre o fazer jornalístico. Sentado em frente aos alunos, o professor comentou sobre o que um jornalista faz, como consegue as informações, a transição do jornalismo tradicional para as atuais mídias, dentre outros assuntos abordados. Os alunos permaneceram concentrados e participaram ativamente na conversa com o professor.

Para finalizar a atividade realizada anteriormente à fala do professor convidado, solicitamos aos alunos que socializassem o que encontraram nos jornais e anotaram na tabela. O estagiário Gabriel Esteves mediou esse momento, instigando os alunos a comentarem sobre suas anotações. Concomitantemente, o estagiário Daniel escrevia no quadro as respostas ditas pelos alunos. Nesse sentido, ao término da socialização, havia no quadro variados gêneros que os estudantes conseguiram identificar nos jornais que folhearam. Daniel reiterou, a partir disso, a concepção de gêneros do discurso, exemplificando e relembrando que cada texto possui características próprias.

Tendo os alunos visualizado e compreendido de maneira mais elucidada que os jornais são compostos por diversos gêneros, Larissa escreveu no quadro os possíveis gêneros que os estudantes poderiam trabalhar para a produção do Jornal Notícias do Beatriz. Dentre eles, estavam: resenha, entrevista, correio elegante, notícia, reportagem, charge/tirinha, classificados/propaganda e poema. Pela ordem do quadro, fomos questionando os alunos a fim de identificar quem tinha interesse em cada gênero. Quando indagamos sobre o “correio elegante”, a turma se agitou, pois muitos queriam participar desta seção. Como não conseguimos mediar uma decisão unânime, realizamos um sorteio para decidir os produtores deste gênero.

Por fim, cada gênero do discurso ficou com, em média, dois a quatro alunos (com exceção de classificados/propaganda, que nenhum aluno se prontificou a escrever). Finalizada a divisão, liberamos os alunos e organizamos a sala antes de sairmos.

Aula 02 - Terça-feira (22/11)

Nosso segundo encontro iniciou no auditório. Com o projetor multimídia e a caixa de som já instalados, solicitamos que os alunos se organizassem nas cadeiras e realizamos a chamada. Tathiana mediou esse primeiro contato, questionando, também, quem iria almoçar na escola. A professora regente, nesse momento, realizou uma pequena fala sobre a

importância de todos comparecerem a todos os encontros, e da responsabilidade de quem deu o nome a ela, como participante do jornal. Reiterou o compromisso que eles assumiram, e que ela esperava que todos os estudantes se comprometessem com o jornal.

Após, a estagiária Larissa explicou aos estudantes que iríamos assistir a dois pequenos vídeos sobre o fazer jornalístico. O primeiro vídeo dizia respeito aos principais detalhes do fazer jornalístico, como a necessidade do jornalista estar sempre atento, de levantar sempre a maior quantidade de informações possíveis sobre certo evento, etc. A estagiária, ao fim da exibição, mediou uma discussão sobre o conteúdo exposto, provocando uma reflexão sobre a relação do vídeo com o projeto que eles estavam prestes a iniciar. Comentou sobre a importância de, no momento em que eles iniciassem suas produções, terem em mãos informações necessárias para realizar as determinadas matérias. Nesse momento, alguns alunos participaram do debate ativamente, enquanto outros permaneceram com conversas paralelas.

Já o segundo vídeo apresentado dizia respeito à pauta da matéria a ser escrita. Vimos a importância de fazermos um recorte específico ao realizar um texto para compor o jornal; a necessidade de sermos pontuais na produção de uma matéria. Após a exibição, Débora e Gabriel Carvalho mediaram a discussão acerca dos conteúdos vistos, atentando ao fato de que os alunos deveriam já pensar sobre a pauta de seus textos. Nesse momento, surgiram alguns temas que seriam possíveis para as produções do Jornal Beatriz.

Finalizado esse primeiro momento, solicitamos que os alunos se dirigissem a nossa sala de aula. Elucidamos que a mesma já estava organizada para que eles se sentassem de acordo com os grupos delimitados na aula anterior. Os nomes dos alunos estavam escritos no quadro, junto dos gêneros que eles escolheram escrever. Partindo disso, os alunos se organizaram em cada carteira, junto do estagiário responsável. Cada um de nós ficou responsável por um gênero, e, portanto, por um grupo.

Estando, portanto, cada estagiário com seu grupo formado, foram mediadas atividades distintas em cada equipe. Nós, estagiários, levamos materiais e exercícios referentes a cada gênero, de acordo com o que julgamos necessário para que os alunos compreendessem a estrutura do mesmo. Nesse sentido, cada aluno realizou leituras de textos escolhidos por nós, e, posteriormente, realizaram atividades sobre os mesmos.

Alguns grupos, nesse primeiro contato com os gêneros, já conseguiram iniciar suas produções (fosse pela facilidade do trabalho, fosse pela experiência já adquirida ao longo da vida escolar). Por assim dizer, o correio elegante, por exemplo, já estava devidamente

encaminhado antes do término da aula, e o grupo das entrevistas já havia produzido questões a serem feitas a uma futura entrevistada.

Antes de a aula finalizar, relembramos os alunos do nosso encontro no dia seguinte, reiterando a importância da presença de todos.

Aula 03 – Quarta-feira (23/11)

Iniciamos a aula solicitando que os alunos se organizassem novamente de acordo com seus grupos. Tathiana realizou a chamada e elucidou que este encontro seria dedicado à produção dos textos para o Jornal Notícias do Beatriz. Antes de iniciarmos os trabalhos, a professora Maria Izabel questionou sobre quem iria almoçar na escola.

Cada estagiário permaneceu com o mesmo grupo da aula anterior, e iniciou, ou deu continuidade, às produções escritas dos estudantes. Cada grupo procurou pensar quais as melhores pautas para realizarem as respectivas matérias, e quais informações precisariam para fazê-las. Partindo disso, vários grupos saíram de sala para coletarem nos arredores da escola os relatos e informações que necessitavam.

Nesse sentido, o encontro se deu com a participação de todos os estudantes e estagiários em busca da realização de matérias bem elaboradas e estruturadas. Alguns grupos tiveram mais dificuldades que outros, em especial naqueles em que os alunos estavam pouco comprometidos com o projeto. Por esse motivo, os estagiários acabavam circulando em mais de um grupo, a fim de colaborar com aqueles que estavam com maiores problemas.

Ao final do encontro, todos os grupos haviam realizado a 1ª versão de suas produções – algumas melhores estruturadas que outras. Relembramos o nosso encontro seguinte aos alunos, comentando que iríamos dar continuidade ao trabalho feito neste dia.

Aula 04 – Sexta-feira (25/11)

A aula iniciou com a organização dos alunos em sala, a realização da chamada e o questionamento sobre o almoço. Feito isso, os estudantes foram orientados em cada grupo a darem continuidade ao trabalho da aula anterior.

Para esse encontro, nós levamos para os alunos suas produções impressas para que eles melhor visualizassem o que ainda precisava ser feito. Nesse sentido, os estudantes retomaram seus textos, atentando para a finalização dos mesmos. Reiteramos que este era nosso último encontro em sala, e, portanto, os textos haviam de ser concluídos neste dia.

Assim, o encontro sucedeu-se com a participação ativa de todos alunos e estagiários, a fim de que conseguíssemos dar conta do término das produções. Os estudantes que

finalizavam seus textos entravam em outra equipe, para colaborar nas produções. Alguns alunos, portanto, produziram mais de um texto, de mais de um gênero.

Ao término da aula, recolhemos os textos finalizados e elucidamos que nosso próximo encontro seria um pouco diferente: iríamos fazer uma visita à Editora da UFSC. Os estudantes ficaram bastante animados, e logo os dispensamos.

Aula 05 – Terça-feira (29/11)

Ao chegarmos na sala, alguns alunos já estavam por perto. Chamamos os que estavam em outros lugares com seus amigos, e todos entraram. Pareciam ansiosos, já que sabiam que neste último encontro aconteceria um movimento diferente, apesar de nem todos os estudantes saberem ao certo para onde iríamos. Estavam cerca de dez alunos, e, quando todos se acomodaram, fizemos nosso comunicado, informando-os que iríamos visitar a gráfica da UFSC, sendo ela a gráfica que iria imprimir o jornal que estavam produzindo.

Como a gráfica podia nos receber apenas as 9h30, e nosso encontro se iniciava as 8h30, ficamos um tempo conversando com eles sobre suas produções, dando os últimos retoques. Nem todos os alunos estavam interessados em revisar, talvez pelo desinteresse ou pela ânsia da visita. Sendo a escola perto da UFSC, iríamos a pé; entretanto, por causa da chuva que apareceu de repente, dividimos a turma em dois carros, indo e voltando. Desse modo, todos os alunos e metade dos estagiários presentes foram à gráfica, enquanto a outra metade ficou na escola para organizar a sala para o último momento: a confraternização e socialização de experiências.

Como nós fizemos parte do grupo que ficou na escola, não pudemos presenciar o movimento que se deu com os alunos na gráfica; entretanto, em conversa com colegas estagiários e alunos, soubemos o que ocorreu.

Na gráfica, um funcionário os recepcionou e os acompanhou durante o percurso no espaço. Lá eles aprenderam como manuseiam as máquinas, os processos de impressão e montagem. Ao indagar à turma, já na escola, o que eles viram ou o que mais gostaram, uma aluna respondeu que achou interessante a forma como misturam as cores para a impressão.

Ao voltar à sala, os alunos estavam bastante inquietos, haja vista a presença dos quitutes – ficaram muito animados. Antes de liberá-los a aproveitar a mesa farta, fizemos uma pequena fala de agradecimento, da importância deles para a produção do jornal da escola e enfatizamos que o Notícias do Beatriz não é nosso, mas sim deles. Após a fala, os alunos desfrutaram dos salgadinhos e sucos, conversando descompromissadamente com os colegas. Ao se aproximar do horário de encerramento da aula, Maria Izabel, nossa professora

orientadora, e a professora regente das turmas de Língua Portuguesa fizeram um pequeno discurso de encerramento, agradecendo a todos os presentes; e, claro alguns puxões de orelha pela regente, sobre os alunos evasivos.

3.2.2 Análise da prática pedagógica extraclasse

Essa etapa do estágio foi, para nós, um momento de se repensar as possibilidades de trabalho no ambiente escolar. Por ser uma etapa diferente daquela vivenciada anteriormente, em sala de aula, o Projeto de docência Extraclasse foi permeado de angústias e incertezas que, por fim, vieram a se tornar um grande aprendizado para todos nós.

Num primeiro contato com a turma, recebemos que a maioria dos alunos estava deveras descompromissada com o projeto. Os estudantes que haviam ingressado ao Jornal por voluntariedade, deixaram-nos significativamente preocupados com a efetivação do projeto, em vista do comportamento apresentado perante as aulas. No entanto, com o decorrer das atividades, a turma engajou-se em nossas propostas, apresentando um maior interesse em construir o Jornal Notícias do Beatriz.

Contudo, grande parte dos estudantes possuía expressiva dificuldade de compreensão para a realização das produções. Esses alunos, que já apresentavam um desempenho baixo nas aulas de Língua Portuguesa, como observado pela professora regente, relutaram em alguns momentos a produzir os materiais necessários para a publicação. Ainda assim, percebemos que as aulas tornaram-se um espaço de suma importância para o crescimento cognitivo dos estudantes, já que o trabalho em pequenos grupos proporcionou um melhor atendimento a eles, permitindo-nos ter um contato maior e mais específico com cada aluno. Por assim dizer, depreendemos que projetos como esse permitem que o docente dedique sua atenção àqueles que de fato a necessitam, corroborando para um melhor aprendizado dos estudantes que apresentam maiores dificuldades em sala, onde se torna inviável esse trabalho de acompanhamento individual.

Todavia, o andamento das atividades se efetivou de maneira muito positiva. Ainda que tenha ocorrido um esvaziamento da turma no decorrer do processo (o que prejudicou, em certa medida, o andamento das atividades), conseguimos concluir nosso trabalho, produzindo diversos textos dentro de diversos gêneros para a publicação no jornal. Ressaltamos que o trabalho com alguns gêneros tornou-se mais dificultoso do que com outros, fosse pelo “tipo

textual” que exigia conhecimentos que os alunos ainda não dominavam, ou por desinteresse dos estudantes; de qualquer modo, todos atingiram as expectativas por nós delineadas.

Por fim, destacamos que, tal como a coletânea de crônicas por nós realizada no primeiro período da docência, a produção do Jornal Notícias do Beatriz tornou-se um espaço em que pudemos trabalhar com os estudantes a língua na sua interação, considerando interlocutores concretos. Nesse sentido, o projeto extraclasse veio a somar com toda nossa concepção de língua aqui já traçada, e, também, com o modo situado de trabalhá-la; ou seja, a partir dos gêneros do discurso.

4 VIVÊNCIAS DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR

Ao longo do período em que estivemos na escola, tivemos a oportunidade de participar de diversas vivências que envolvem o fazer de um professor para além da docência de conhecimentos de uma disciplina em sala de aula. Dentre elas, ressaltamos a ida à SEPEX com os alunos, a realização/aplicação da Prova Floripa, a presença na entrega dos boletins referentes ao terceiro bimestre e a participação na Amostra Pedagógica da escola.

Cada um desses momentos nos permitiu compreender um pouco mais tanto das relações interpessoais com os alunos e profissionais da escola, quanto dos processos que constroem o espaço escolar. Vivenciamos, dessa forma, situações que nos demonstraram que o papel do educador ultrapassa a sala de aula. A ida à SEPEX, por exemplo, aproximou-nos dos estudantes de uma forma outra; o olhar destes em nossa direção não era de ver-nos apenas enquanto um profissional, mas, também, como uma companhia para momentos de construção conhecimento e, porque não, de lazer.

Em relação a realização/aplicação da prova Floripa, este foi um momento em que pudemos observar de que modo os alunos trabalham com situações mais formais do que aquelas do dia a dia. Nesta prova havia características diferentes daquelas com que eles já estão habituados: gabarito a ser preenchido, questões exclusivamente objetivas, impossibilidade de rasuras, etc. Por assim dizer, esse momento foi oportuno para percebermos as dificuldades que os estudantes apresentam em situações que fogem do cotidiano deles, e de que modo podemos tornar a atividade mais elucidada para os mesmos.

No que toca a entrega dos boletins do terceiro bimestre, devemos dizer que nos impressionamos com a quantidade de pais que estiveram presentes. Como os responsáveis haviam de pegar os boletins na secretaria e procurar os professores com os quais gostariam de falar, poucos vieram ao encontro da professora regente de Língua Portuguesa (com quem estávamos). Mais do que isso: aqueles que vieram com ela falar eram, justamente, pais dos alunos que possuem maior facilidade em sala. Isso evidencia-nos um cenário facilmente palpável: seria ingênuo não perceber a relação entre o desempenho do aluno com o interesse dos pais.

Já a Amostra Pedagógica da escola foi um momento de grande confraternização. A sala de português ficou disposta com variados trabalhos dos estudantes – inclusive com a nossa coletânea de crônicas, “O cotidiano em cena”. Variados pais e alunos fizeram-se presente durante o dia, participando das brincadeiras que na escola aconteceram, e da votação

para direção que estava ocorrendo. Este foi um momento de conversas com pais, alunos e professores, e de valorização das produções feitas pelos estudantes ao longo do ano.

Ressaltamos ainda que concebemos de grande importância a possibilidade de compartilhar experiências como essas com os estudantes, em vista de que essas práticas nos transpõem sabedorias outras, as quais ampliam os conhecimentos de mundo tanto nosso, quanto dos alunos. Nas palavras de Paulo Freire “onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender”.

Por fim, frisamos a relevância destes momentos para nosso processo de aprendizado, em vista de que o trabalho escolar não se delimita apenas ao contato com os alunos em sala. Pudemos compreender, a partir das diversas participações, que profissionais da educação docente possuem a responsabilidade de se envolver com as diversas propostas da comunidade escolar, para que seus projetos sejam, de fato, concretizados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio de docência foi, para nós, o momento de colocar em prática as nossas leituras e reflexões teóricas acerca da educação e do ensino de Língua Portuguesa. Ao longo da graduação, tivemos diversos momentos de debates e orientações sobre o que é ser professor de língua materna. Foi, portanto, agora que conseguimos visualizar concretamente todas as responsabilidades e tarefas que um professor tem, e o impacto que suas escolhas teóricas e metodológicas implicam no fazer escolar, e principalmente, na aprendizagem dos alunos.

Compreendemos que ter realizado essa etapa na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito foi um grande privilégio, tendo em vista o espaço escolar que essa escola dispõe, assim como a integração que ocorre entre todos os participantes da comunidade do Beatriz. Fomos recebidas de forma muito calorosa por todos os integrantes da escola, em especial os alunos e a professora regente, que nos inspiraram a seguir confiantes na carreira que estamos traçando.

Por assim dizer, o espaço de convivência e de docência tornou-se o momento mais fluído de todo período de estágio. Percebemos, assim, que a prática dentro de sala de aula veio a ser a etapa mais leve de todo percurso. Isso se deu, é claro, pelo fato de termos nos dedicado amplamente a um planejamento preciso do que seria feito com os alunos. Vimos, portanto, a importância de dedicar-nos a cada pormenor dos conteúdos que desejávamos trabalhar, o que se tornou um aprendizado para nossa futura vida profissional.

Ao longo desse período, diversos percalços surgiram e tivemos de saná-los sempre de forma ágil e efetiva. Percebemos as adversidades com que um professor pode se deparar em sala de aula, e a necessidade de sempre termos um segundo plano, uma segunda opção para o percurso didático. Dentre eles, podemos destacar as mudanças que foram inevitáveis em nosso cronograma. O compromisso com as atividades da escola e a preocupação com o acompanhamento dos alunos em relação ao conteúdo fizeram-nos adaptar nossos planos de aula para que tanto os estudantes quanto nós tivéssemos um maior proveito do estágio.

Declaramos ainda que todas etapas vivenciadas no colégio proporcionaram-nos experiências deveras ímpares para nosso crescimento profissional; desde a observação, até a concretização dos projetos em sala e extraclasse. Cada momento de nosso estágio foi de suma importância para que nossos projetos pudessem se concretizar da forma efetiva que o foram.

Possuímos, por fim, o grande júbilo de declarar nossa satisfação em relação a todas as escolhas que tivemos nessa jornada. Esse período, por nós vivenciado, foi o clímax de nossa

graduação; foi o momento em que pudemos perceber, enfim, o que esse “tal bicho” nomeado como Docência tem a nos reservar.

6 REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: Encontro e Interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BAKHTIN, Mikhail (Voloshinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso In: _____. **Estética da criação verbal**. Tradução (do francês) por PEREIRA, M.E.G, 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL. **Ministério de Educação e Cultura**. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília : MEC, 1996.
Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> > Acesso em: 23 jul. 2016

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITTO, Luiz Percival de Leme. **Contra o consenso: cultura escrita, educação e participação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

_____. **Inquietudes e desacordos**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

BUNZEN, Clecio. **Da era da Composição à era dos gêneros: O ensino de produção de textos no ensino médio**. In: Português no ensino médio e formação do professor. São Paulo: Parábola, 2006.

CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth. ; DAGA, Aline Cassol; CATOIA DIAS, Sabatha. **Intersubjetividade e intrassubjetividade no ato de ler: a formação de leitores na Educação Básica**. Caleidoscópio, Unisinos, v. 2, n. 12, maio/ago 2014. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2014.122.10>>. Acesso em: 21 fev. 2016.

DAYRELL, Juarez. **A escola como espaço sociocultural**. In: Múltiplos olhares sobre educação e cultura, da Editora UFMG, Belo Horizonte: 1996.

Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em 15 de setembro de 2016.

FIGARI, Gerard. **Avaliar que Referencial?** Porto, Portugal: Porto Editora, 1996.

FLORIANÓPOLIS. **Projeto político-pedagógico da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito**. 2015.

GERALDI, J.W. **Portos de passagem**. 4ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **A aula como acontecimento**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2010a.

_____. **O texto na sala de aula**. 5ª ed., São Paulo: Ática, 2011 [1984].

KLEIMAN, Angela. **Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 1989

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. **Aprendizagem e subjetividade: uma construção a partir do brincar**. Rev. Dep. Psicol.,UFF [online]. 2005, vol.17, n.2, pp. 61-76. ISSN 0104-8023. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rdpsi/v17n2/v17n2a06.pdf>; acesso em: 18 de setembro de 2016-09-19.

SOARES, Marcus Vinicius Nogueira. **A crônica brasileira do século XIX: Uma breve história**. São Paulo: É Realizações, 2014.

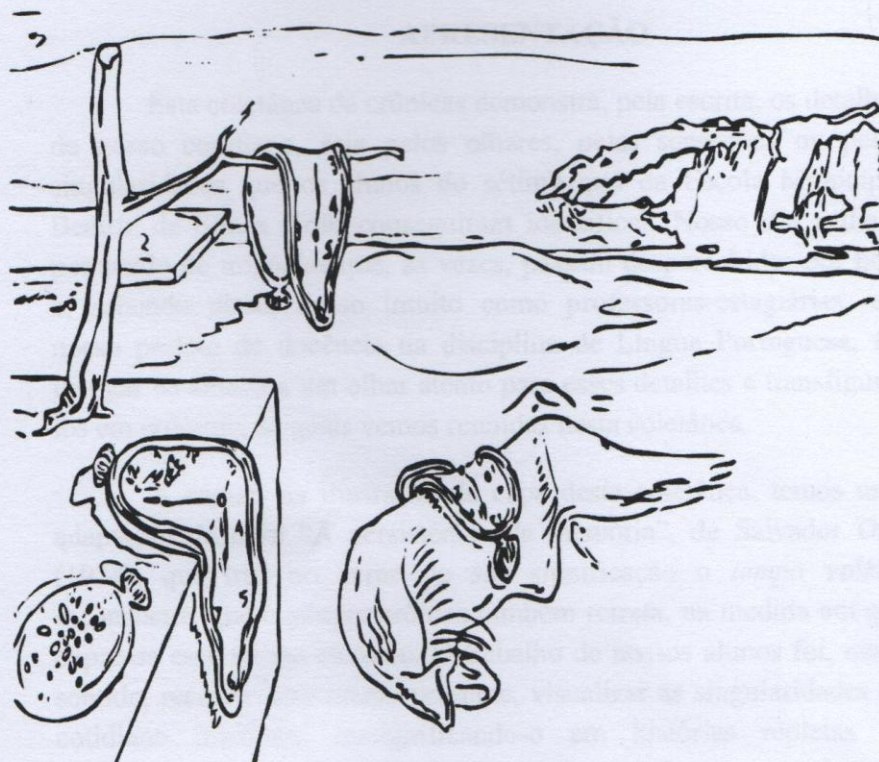
STREET, Brian. **Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento**. Apresentado durante a teleconferência Unesco Brasil sobre 'Letramento e Diversidade'. King's College, Londres, outubro, 2003.

VAL, Maria da Graça. Como avaliar a textualidade. In:**Redação e textualidade**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 17-28.

ZABALLA, Antoni. **A prática Educativa: como ensinar**. Tradução Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

7 ANEXOS

7.1 COLETÂNEA DE CRÔNICAS – TURMA 71



O cotidiano em cena: ressignificando vivências

Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito
Coletânea de Crônicas - Turma 71
2016

APRESENTAÇÃO

Esta coletânea de crônicas demonstra, pela escrita, os detalhes de nosso cotidiano, seja pelos olhares, pelas sensações ou pelas singularidades que os alunos do sétimo ano da Escola Municipal Beatriz de Souza Brito conseguiram identificar. Nosso dia a dia é permeado de minúcias que, às vezes, passam despercebidas por nós; e, sabendo disso, nosso intuito como professoras-estagiárias, em nosso projeto de docência na disciplina de Língua Portuguesa, foi instigar os alunos a um olhar atento para esses detalhes e transfigurá-los em crônicas, as quais vemos reunidas nesta coletânea.

A somar, na ilustração da capa desta coletânea, temos uma adaptação da obra “A persistência da memória”, de Salvador Dalí (1934), que traz no cerne de sua significação o *tempo* volátil, inconstante, que o gênero crônica também retrata, na medida em que expressa esse tempo efêmero. O trabalho de nossos alunos foi, nesse sentido, recortar esse tempo-presente, visualizar as singularidades do cotidiano imediato, ressignificando-o em histórias repletas de percepções únicas.

Por fim, as crônicas aqui apresentadas são oferecidas a vocês, leitores, para que mergulhem e apreciem as histórias narradas pelos alunos. Os estudantes deram asas à imaginação em suas produções, a fim de que esta coletânea proporcionasse um momento de fruição para aqueles que a irão desfrutar.

Débora Gonçalves e Larissa Malu

SUMÁRIO

Conversando pela primeira vez <i>Ana Beatriz da Silva Honorato dos Santos</i>	06
Centro de tratamento de animais marinhos "Bárbara" <i>Ana Júlia da Silva</i>	07
A crise <i>Ana Júlia Vieira Araújo</i>	08
A crise <i>Edna Gabriely</i>	09
Um gordinho fica legal <i>Erick Sebastian Silveira Vieira</i>	10
Orientação Mané <i>Erik Oliveira da Luz</i>	10
O cupido do amor <i>Fabiano de Moraes Jr.</i>	11
O papagaio <i>Fernando Anísio Batista</i>	12
A amizade que durou pouco <i>Jayane Fernanda Laurentino de Vasconcelos</i>	13
A pipa <i>Josias Greff Machado</i>	14
O jogo mal assombrado <i>Juliano Half Silveira Duarte</i>	14
O assalto <i>Ketlyn Oliveira</i>	15
Bullying não! <i>Keven Silva Ferreira</i>	16
Desastroso futebol <i>Lara Beatriz Popeng Schmitz</i>	17
Os dois amigos <i>Leonardo Madeira Ferreira</i>	18
Velhinha atravessa a rua? <i>Maria Eliza Lessa</i>	18
É menino ou menina? <i>Maria Vitória Cabral de Souza</i>	19
O game desconhecido <i>Pedro Henrique Silva do Nascimento</i>	19
Seu Zé, me ajuda? <i>Rafaelly Gomes Lummertz</i>	20
A boneca <i>Tereza Cristina Moraes dos Santos</i>	21
O menino Pedro <i>Victor dos Santos da Silva</i>	22
É caro mesmo! <i>Vitória Ferreira Bittencourt</i>	23

Conversando pela primeira vez

Ana Beatriz da Silva Honorato dos Santos

A história se passa na escola e eles se falam pela primeira vez.

- Bom dia! – disse a moça.
- Bom dia – respondeu ele.
- Como vai?
- Bem e você?
- Bem.
- Que bom.
- Qual é sua música preferida? – perguntou ela.
- Mc Kevinho – Tumbalatum. E você? – respondeu ele.
- Ah, eu não tenho.
- Como você não tem?
- Não tenho.
- Nada?
- Ah, eu não gosto de funk.
- Como assim?
- Não gostando.
- Você tem certeza?
- Ah, a minha mãe não me deixa ouvir funk. Só música calma.
- Ah, tá.
- Qual é o seu filme preferido? – perguntou ela.
- Rambo IV, e o seu?
- “E fada”, da Kéfera.
- Mas já tá no cinema? – perguntou ele.
- Sim, eu quero ver.
- Hum...
- Vamos comigo?
- Não gostei de você.
- Foi só tempo perdido?
- Como assim?
- Você não gostou de mim?
- Claro que não.
- Não? Por quê?
- Porque eu tenho namorada.
- Chega a namorada do menino e pergunta:
- Quem é ela?
- Uma menina – ele respondeu.
- Oi, meu nome é... – falou ela.
- Tá, não quero saber seu nome. Vamos, amor.
- Vamos.
- Tchau.

06

Centro de tratamento de animais marinhos “Bárbara”

Ana Júlia da Silva

- Estava me segurando para não dar um berro ali dentro:
- Mas, senhora, eu não posso deixar você passar daqui! – disse a linda recepcionista.
- Eu imploro, só preciso de cinco minutos, depois eu vou para minha casa – eu disse.
- Me desculpe, não posso fazer nada.
- Voltei decepcionada, mas não ia desistir do meu sonho. Decidi que iria à prefeitura todos os dias até falar minha proposta à prefeita. Fui lá novamente e continuei indo todos os dias de manhã, e sempre a recepcionista dizia que não podia fazer nada. Eu não ligava, ia mesmo assim.
- Após completar um mês, eu estava na sala da prefeita com um sorriso de orelha a orelha:
- Bom dia, prefeita, meu nome é Bárbara.
- Bom dia, senhorita Bárbara, o que traz você aqui? – ela disse com seus olhos castanhos vidrados nos meus olhos, como se tivesse perguntando como cheguei aqui.
- Tenho uma proposta para a senhora. – eu disse, orgulhosa de mim mesma.
- Conte-me.
- Prefeita, sabemos que nas nossas praias está aparecendo recentemente um número grande de animais marinhos machucados indefesos e sem lar. Nossa taxa de desemprego aumentou também, então gostaria que você autorizasse a construção de dois locais para tratamento de animais marinhos no nosso estado. A construção dos centros vai proporcionar benefícios ambientais e vai abrir novas vagas de emprego – eu disse. A sensação foi como se eu libertasse um peso de minhas costas.
- Aceito sua proposta, mas como chegou ao meu escritório? – ela perguntou confusa.
- Com esforço, dedicação e paciência. – disse rindo.
- Gostei de você e de sua proposta, vou aprovar essa construção que vai começar na próxima semana.
- Obrigada!
- Eu que agradeço.
- Uma semana depois a prefeita me deu um cargo no centro de tratamento de animais marinhos “Bárbara” e eu estava rodeada de pinguins e com duas novas amigas: a recepcionista e a prefeita.

07

A crise

Ana Júlia Vieira Araújo

Num dia ensolarado, passava a Luiza na rua para ir até o ponto de ônibus pegar um ônibus. Ela teve que sair de casa às 6h30, pois é muito trânsito e ela poderia chegar atrasada no trabalho; ela trabalha com animais marinhos.

Chegando ao trabalho, pelas 7h, seu chefe a chama e diz:

- Chama o Antônio, por favor.

- Claro, mas, sem querer ser fofoqueira, por quê? Ele fez alguma coisa? – seu chefe, chamado Otávio, pega uma tabela e fala:

- Olha esta tabela. – ela olha a tabela e pergunta:

- Tá, e o que que tem?

- Esta tabela mostra como está a crise no Brasil, precisamos demitir funcionários, senão a empresa irá falir.

Luiza sai da sala e chama o Antônio.

- Antônio, o chefe está te chamando. – Antônio arregala os olhos e pergunta:

- Tu sabes o motivo do coroa me chamar? – Luiza olha com uma cara de quem sabe, mas não quer dizer.

- Não! – Ironicamente. Antônio vai até a sala de Otávio. Depois de meia hora, sai chorando, pega suas coisas e vai embora.

E é assim que está a crise no Brasil.

A crise

Edna Gabriely

Numa linda tarde de sol de quarta-feira uma mulher chamada Juliana vai em uma empresa deixar o seu currículo para arrumar algum trabalho.

- Olá, tudo bom?

- Sim, e com a senhora?

- Eu estou bem. Por favor, não me chame de senhora, o meu nome é Juliana.

- Ok. Desculpe, Juliana. Você deseja alguma coisa?

- Sim, tem uma vaga para eu poder trabalhar aqui?

- Olha, Juliana, eu não sei. Mas, se você quiser deixar o seu currículo aqui, você pode, sim.

Então Juliana deixou o seu currículo e esperou ser chamada para a entrevista. Passaram-se dois dias e ela estava caminhando por aí, tentando procurar mais lugares para deixar o seu currículo. Dai, um moço que trabalha na reportagem a chamou na rua para fazer uma reportagem sobre a “Crise de Emprego”, ele perguntou para ela:

- A senhora acha que está fácil arranjar emprego?

E ela responde:

- Sim, muito!

O gerente da última empresa gostou muito de Juliana, então ele resolveu ligar para contratá-la. Passaram-se dois meses, ela gostou muito do emprego, porque o salário era muito bom. Ela ganhava vale alimentação e trabalhava de segunda a sexta. Passou um ano, ela ganhou um prêmio de melhor trabalhadora da empresa e decidiu trabalhar lá pelo menos mais uns 20 anos.

E foi aí que a vida dela começou a ficar cada dia mais legal.

Um gordinho fica legal

Erick Sebastian Silveira Vieira

Paulo, meu amigo, era um pouquinho gordinho. A mulher dele era muito brava porque ele tinha que emagrecer para ficar mais sério, porque todos os gordinhos são mais engraçados. Você conhece algum gordinho que não seja engraçado?

Um dia o gordinho foi na academia, mas as outras pessoas que estavam lá riram do Paulo, que tinha um jeito diferente de fazer os exercícios.

Ele ficou chateado com isso. Então ele correu para casa e assaltou a geladeira. Mais de noitezinha a mulher dele chegou em casa e viu ele no sofá cheio de comida sob sua barriga. A mulher perguntou "O que aconteceu?" e ele respondeu "Eu fui na academia, mas tavam brincando comigo, dizendo que eu sou um pouquinho gordinho".

Orientação Mané

Erik Oliveira da Luz

Um dia eu estava no Mercado Público para comprar algo para eu comer no estilo manezinho. O Mercado estava cheio e, de repente, um turista perguntou para uma mesa vizinha:

- Oi, onde fica a Beira Mar?

E o manezinho ao lado respondeu:

- Ó, meu quirridu, vai nessa direção, dipoix pega a direita e segui reto toda vida.

- Olha, cara, não entendi, não...

- Vou te deixar menos confuso.

- Tá.

- Vai nessa direção, tu vai ver uma rua, sabe essa rua?

- Sei!

- Então, não é essa. Dipoix tu vai dar de cara com um posto de gasolina. Provavelmente vai ficar sem gasolina, vá no posto...

- Aff...

- Dipoix tu irá ver uma pizzaria, compra uma pizza também.

- Por quê?

- Porque tu vai pegar trânsito, meu quirridu.

- Quantos minutos no trânsito?

- Minutos?

- Sim.

- 300 minutos.

- Que?...

O cupido do amor

Fabiano de Moraes Jr.

Havia um garotinho que amava uma menina e era apaixonado demais, mas essa menina não dava bola para ele. O garoto insistia, mas não obtinha sucesso em nenhuma das tentativas. Num dia, andando na rua e pensando na vida, ele encontrou um cupido do amor. Pedeu ao cupido que o ajudasse a conquistar a garota. O cupido, sem mais delongas, pegou seu arco e flecha e foi conversar:

- Menina, podemos conversar?

- Sim, claro que podemos.

- Então, você sabe que tem um garoto que a ama...

- Sei, mas não gosto dele.

- Mas já gostou?

- Já!

- Então por que vocês não ficam juntos?

- Porque ele já me magoou muito.

- Hum, mas eu sou o cupido e vou fazer você se apaixonar por ele!

- Você não irá conseguir.

O cupido deu uma flechada certa no coração e fez a menina se apaixonar pelo garoto. Mas o cupido esqueceu-se de dar a flechada de volta no menino que esqueceu o amor que tinha por ela. Infelizmente, a garota acabou ficando o resto da vida apaixonada por esse menino.

O papagaio

Fernando Anísio Batista

- Bom dia, meu papagaio lindo – disse o dono.
- Bom dia – respondeu o papagaio.
- Vamos passear, vamos?
- Passear, passear, passear, passear. – disse o papagaio animado.
- Então vamos!
- Então vamos. – imitando o dono.
- Depois disso eles foram ao parque brincar, mas de repente... Um ladrão veio, pegou o papagaio e disse:
- Perdeu, playboy.
- O dono ficou completamente bravo e triste, mas ele não perdeu tempo, foi direto para a delegacia fazer um BO. Chegando à delegacia, falou:
- Seu policial, por favor, me ajude, fui roubado. – disse o dono.
- Por quem? - o policial perguntou.
- Provavelmente por um ladrão, né – disse o dono.
- Vou te pegar, quero dizer, o ladrão – rindo, falou o policial.
- Então, depois de uns dias, o policial chegou com o papagaio na mão. O papagaio falando e o dono respondendo:
- Fui roubado – o papagaio disse.
- Por quem? – perguntou o dono.
- Pelo seu irmão.
- Para onde?
- Para o Ribeirão.
- Por quê?
- Porque ele é um bobão.
- Qual motivo?
- Conhecer meu irmão.
- Quem é o dono do seu irmão?
- Um anão.
- E quem é o anão?
- Dessa parte já não sei.

12

A amizade que durou pouco

Jayane Fernanda Laurentino de Vasconcelos

- No começo do ano, uma aluna que era da tarde passou para de manhã. Ela não queria passar para a turma da manhã, mas tudo bem. Quando foi para a aula, a aluna entrou em sala e viu uma menina que não conhecia. Então, a aluna nova “tentou” falar com essa menina:
- Oi, tudo bom? Meu nome é Fernanda, e o seu?
 - Oi, meu nome é Maria e eu não falo com pessoas que não conheço.
 - Ok, desculpa se te fiz algo.
 - Tá, tá, tchau.
 - Passam os dias e as duas não se falam. Mas do nada as duas começam a se falar.
 - Oi.
 - Oi.
 - Tudo bem?
 - Tudo, e com você?
 - Tudo ótimo.
 - Que bom!!! O Fernando falou que tu gostas do Joãozinho da sala ao lado.
 - Gosto dele, mas como amigo.
 - Amigo, sei...
 - Eu e o Joãozinho? Nunca!
 - Tá bom, Feh, tá bom!
 - Então, passaram algumas semanas, e a Maria e Fernanda viraram melhores amigas. Mas o Joãozinho e a Fernanda? Eles ficaram ou não? SIM, eles ficaram!!!
 - Mas a Maria brigou com a Fernanda.
 - Mah! Mah! Eu fiquei com o Joãozinho.
 - O quê? Como assim? Não, tu não fizeste isso!
 - Sim, eu fiz!!!
 - Meu Deus, Fernanda! Tchau, acabou nossa amizade.
 - Mas, Mah...
 - Acabou.
 - Então, a Fernanda namorou João e após muito tempo eles terminaram. E o João e a Maria começaram a namorar.

13

A pipa

Josias Greff Machado

Um dia um menino estava andando pela rua e viu uma pipa enorme numa loja. Ele entrou lá e perguntou:

- Moço, quanto tá a pipa?

O moço falou:

- 20 reais.

O menino foi correndo para sua casa.

- Mãe, preciso de 20 reais – disse ele.

A mãe disse:

- Vá trabalhar!

Então o menino foi falar com o pai:

- Pai, me dá 20 reais?

- Pra quê? – perguntou o pai.

- Pra comprar uma pipa enorme.

- Tá bom, pega.

O menino foi correndo para loja.

- A pipa tava só para enfeite – falou o vendedor.

- Fiz tudo isso pra nada, meu Deus – disse o menino triste, chateado.

O jogo mal assombrado

Juliano Half Silveira Duarte

Era uma vez quatro amigos que estavam jogando um jogo chamado *Clark Royale*. Um desses amigos falou “Não quero jogar esse jogo, estou com medo”.

Mas só um deles não queria jogar, os outros três queriam. Eles estavam em um lugar sombrio, muito escuro.

- Vamos para minha casa, disse um amigo. Mas, eles não queriam ir para casa.

- Aqui está muito legal, disse outro amigo. Mas, de repente, eles viram um vulto entre as árvores.

Um deles falou que não era nada, mas outro menino insistiu que tinha algo. E tinha mesmo. Porém, os outros três amigos não ligaram muito.

Quando acabaram de jogar o jogo viram um cara vestido de palhaço atrás das árvores. Ficaram com tanto medo que foram para casa de um deles.

No dia seguinte foram ver onde estava o amigo. Encontraram-no morto no chão.

Assim, nunca mais foram para a rua à noite jogar o jogo *Clark Royale*.

O assalto

Ketlyn Oliveira

Em dias chuvosos, bons só para ler, ouvir músicas, dormir, minha madrastra “mã” não para um segundo, não me deixa sequer ler meu livro.

- EDUARDA!

- Oi, senhora, pois não?

- Vá ao mercado comprar algumas coisas. A lista está em cima da mesa.

Eu, já irritada, esqueci de pegar a lista, nem olhei. Peguei o dinheiro e sai com o guarda-chuva na mão.

Quando estava quase chegando ao mercado, que ficava três quadras longe da minha casa, fui assaltada. O ladrão chegou de surpresa apontando uma arma para mim, fiquei paralisada sem saber o que fazer. E o ladrão me disse:

- Passa o dinheiro e não grita. Se você der queixa, vou atrás de você.

Com lágrimas nos olhos, voltei para casa. Fui pensando em qual desculpa daria para minha madrastra, pois tinha certeza de que ela não iria entender o que aconteceu.

Cheguei em casa e minha madrastra Jancine perguntou:

- Eduarda? Onde estão as coisas que te pedi?

- Que coisas? Perguntei.

- E o dinheiro que lhe dei?

- Mas que dinheiro?

- Quero saber onde estão as coisas que lhe pedi?! – gritou.

- Então, tava na rua andando e acabei perdendo o dinheiro –

respondi com uma voz fina.

- Perdeu, é?

- Sim, perdi!

- Então porque não pegou na minha conta?

- É que a senhora deve muito lá! E eles não iriam vender.

Bullying não!

Keven Silva Ferreira

Um dia, Juan chega em casa da escola muito triste, e diz ao seu pai:

- Pai, estão fazendo "bullying" comigo na escola.
E o pai pergunta:

- Quem?

- Alguns garotos mais velhos – respondeu Juan.

A mãe chega e diz:

- Bullying? Conte aos professores.

- Já contei, mas eles não fazem nada quanto a isso – disse Juan

- **EU NÃO AGUENTO MAIS, ESTOU CANSADO DISSO!** – E vai para o quarto dormir.

No outro dia, os pais de Juan vão ao colégio resolver o assunto.

Conversaram um bom tempo com o diretor. Então, os garotos foram obrigados a pedirem desculpas ao Juan, e ainda foram suspensos por três dias.

Depois desses três dias, os garotos deixaram Juan em paz, até se tornaram amigos.

Desastroso futebol

Lara Beatriz Popeng Schmitz

Durante as Olimpíadas Rio 2016 muitas coisas aconteceram, e muitas você não sabia!

Em um hotel na Vila Olímpica, durante um jogo de handebol, Guga Kuerten encontrou-se com um amigo em seu quarto.

- Que tédio. – dizia ele – Não aguento mais ver esse jogo!

- Até eu, que adoro esse tipo de esporte, não aguento mais – disse Guga, esparramado no sofá. Mas, de repente, ele teve uma ideia.

- O dia está tão lindo hoje, vamos jogar tênis?

O amigo até gostou da ideia, mas, quando percebeu que não teria chance contra um dos melhores jogadores do mundo, ele disse:

- Que tal jogarmos futebol?

- Ok! – disse Guga muito animado – Bora lá?

Chegando ao pátio em que havia um gramado de futebol, eles começaram a jogar, mas perceberam que jogavam extremamente mal.

Quando estavam quase desistindo, Guga teve mais uma ideia:

- Que tal ligarmos para um amigo meu que nos ajudará a parar de passar vergonha?

- E quem seria ele? – perguntou o amigo.

- Ele seria o Gabriel Jesus!

Então Guga ligou pra ele pedindo ajuda, e Gabriel aceitou. Coitado do Gabriel! Pensava que seria fácil!

Alguns minutos depois Gabriel chegara ao gramado. Ele explicava, explicava, explicava, mas parecia que eles nunca conseguiam entender. As pessoas que passavam na rua olhavam para eles e começaram a rir do “desastre” que estava acontecendo.

Gabriel começou a pensar que logo chegaria a imprensa e aquela vergonha poderia acabar com ele durante uns bons dois anos.

Então ele viu que teria que se livrar deles.

- Ixi! Eu acho que vai chover! – disse Gabriel.

- Verdade, que pena! – falou Guga desapontado.

- Ahhh! – disse o amigo

- Que pena, mesmo. – disse Gabriel – quem sabe na próxima

ve...

- Vamos chamar a imprensa! – disse Guga.

E a partir dali a carreira de Gabriel foi ralo abaixo, ou melhor, grama abaixo.

Os dois amigos

Leonardo Madeira Ferreira

Um dia indo para escola, os dois se encontraram na entrada e o João disse para o Carlos "Vamos, a hora que bater o sinal, ao cinema?". O Carlos disse "Sim, mas depois iremos a sua casa ver o jogo do Figueira e Avai, vai ser muito massa! Com certeza o Avai ganhará".

Logo depois, na casa do João, ele foi ligar a TV e disse "Acabou a luz, agora não vai dar de ver nada". "Nossa, que mau, então vamos ligar a lanterna e brincar de jogo de tabuleiro, depois que voltar a luz podemos jogar vídeo game".

Depois foi escurecendo, Carlos foi para casa tomar banho, comer e dormir, e João também.

Velhinha atravessa a rua?

Maria Eliza Lessa

Um irmão acorda de manhã cedo com o maior entusiasmo dizendo para o seu outro irmão:

- Hoje eu quero fazer algo bom!
- Como assim?
- Eu quero fazer algo diferente.
- Não entendi muito bem...

Os dois saíram para dar uma volta, e viram que uma velhinha estava

tentando atravessar a rua.

- Olha lá, aquela velhinha tá tentando atravessar a rua! Vamos ajudá-la!

- Hummm, é isso de bom que você quer fazer...
- Sim, tipo isso!
- Ok, vamos lá!

Para chegar até a velhinha, os dois precisavam atravessar a rua. Mas nenhum carro parava:

- Meu Deus! Nenhum carro para!
- É, irmão, acho que não vai dar para fazer isso que você quer.

De repente, não veio mais carro. Quando eles botaram o pé na faixa, lá veio mais:

- Ai, meu Deus! Já estou ficando irritado!

Depois de tanto tempo de espera, eles conseguiram:

- Ufa, conseguimos...

Encontraram a velhinha e lhe disseram:

- Com licença, senhora, deixe-nos ajudá-la a atravessar a rua!

- Olá, meus jovens. Obrigada, mas não quero atravessar a rua, só estou olhando o movimento.

É menino ou menina?

Maria Vitória Cabral de Souza

Estava lá, novamente, ele pensando na última que tinha aprontado, até que sua mãe berra:

- CARLOS, cadê meu batom?

Ele, como sempre, ligeiro, foi para o banheiro tentando pensar onde tinha botado o batom. Sua mãe começa a berrar novamente:

- Carlos, meu batom!

Com a boca toda manchada de vermelho, ele aparece, com aquele olhar de quem não fez nada e fala:

- Mãe, está aqui seu batom.

Ela pegou o batom, abriu e viu que estava pela metade, mas, com sua paciência, mandou que ele fosse para o quarto. Lá ele ficou por horas pensando no que tinha feito e por que gostava tanto de se maquiuar.

Na parte da tarde a irmã mais nova de Carlos chegou e o chamou para seu quarto. Ele saiu devagarzinho para que sua mãe não escutasse seus passos.

Sua mãe, da cozinha, não escutava barulho algum, mas ficou desconfiada de que aqueles dois estavam aprontando alguma coisa. Então, subiu a escada lentamente, abriu a porta do quarto de Maria e viu que eles estavam se maquiando:

- Carlos! - falou a mãe, incrédula.

Ele se virou pra ela e disse:

- MÃE, eu quero ser menina!

O game desconhecido

Petro Henrique Silva do Nascimento

Em um dia chuvoso, que não dava nem para sair, Matheus decidiu mexer em seu computador. Enquanto mexia, recebeu uma mensagem de uma pessoa desconhecida. Nela dizia: "Não jogue esse game se não tiver preparado para perder algo".

Mas o menino não ligou para a mensagem e logo clicou no game. Era muito estranho, parecia o *Mortal Kombat*, mas em uma versão bizarra. O game dizia "Coloque o nome de um amigo seu", então ele colocou e começou a jogar. No final, o personagem matou o outro de uma forma bizarra e acabou o jogo.

O menino aterrizado desligou seu computador e foi deitar em sua cama. Logo mais tarde ele acordou, e sua mãe avisou que seu amigo tinha morrido. O menino começou a chorar pensando naquela mensagem. De repente, ele acordou e tudo passava de um sonho. Então, Matheus, aterrizado, voltou a dormir.

O menino Pedro

Victor dos Santos da Silva

Pedro ficava todo dia em frente a uma loja de sapatos, onde ficava observando um tênis, pois o sonho dele era ter esse tênis. Ele pedia para a mãe, para o pai, para os tios, mas a família dele não tinha condições financeiras.

Até que um dia ele foi para casa dormir e essa loja foi roubada. No outro dia de manhã, o menino Pedro voltou para o local onde ele costumava ficar, e os funcionários ficaram todos olhando para ele, achando que ele ficava em frente à loja só para ver onde eles guardavam o dinheiro, para facilitar o roubo.

Um funcionário perguntou "Como o menino ia ter ideia para isso?" e defendeu o menino. Até que um dia perguntou para o menino o que ele tanto queria na frente da loja. O menino respondeu "Meu sonho é ter aquele tênis", e apontou para a vitrine. O funcionário falou "Então vou te dar esse tênis". Pegou o tênis, deu para o Pedro, que, muito feliz, disse "Obrigado".

É caro mesmo!

Vitória Ferreira Bittencourt

PASSO na frente daquela vitrine todo santo dia quando volto da escola. Sempre tem os mesmos sapatos, só que hoje tinha um diferente, era muito lindo, dourado, com uma fita cor-de-rosa na frente. Entrei na loja e perguntei para a moça:

- Moça, quanto é aquele sapato da vitrine?

- Aquele dourado? É bem caro!

- Tá, mas quanto é?

- Eu já disse, é bem caro!

- Tá, moça, eu não quero saber se é caro ou não, eu quero saber o preço. — Eu disse impaciente.

- É caro — ela disse.

- O PREÇO, eu quero saber o PREÇO! — gritei.

- É caro! E não precisa gritar, você está numa loja, não na sua casa! — Disse a moça. Quando a funcionária disse isso, eu perdi a paciência, fui embora. Cheguei em casa mal humorada, minha mãe ficou até assustada e perguntou:

- O que aconteceu, filha?

- O que me aconteceu você quer dizer, né? Foi aquela moça da loja aqui perto que não tava querendo me dar o preço do sapato.

- Que sapato? — minha mãe perguntou

- Um dourado que tem na vitrine — eu disse.

- Iih, já vi que é caro!

- Mas custava me dizer o preço?

- Mas, filha, deve ser caro mesmo!

- Ai, você também, mãe?

7.2 QUESTIONÁRIO PROFESSORA-REGENTE DE LÍNGUA PORTUGUESA

Centro de Comunicação e Expressão

Departamento de Língua e Literatura Vernáculas

Centro de Ciências da Educação

Departamento de Metodologia de Ensino

Professores Estagiários: Daniel da Silva Miranda, Débora Machado Gonçalves, Gabriel

Eigenmann de Carvalho, Gabriel Esteves, Larissa Malu e Tathiana Peter Tavares

Olá, professora Rita! Pensamos num breve questionário a fim de que possamos conhecer melhor seu trabalho como docente; suas concepções acerca da língua, do ensino, do objeto de estudo da aula de Português e a visão que tem de cada turma e da instituição escolar. Agradecemos a sua participação, bem como a oportunidade e o seu auxílio durante este semestre!

- 1) Gostaríamos de conhecer um pouco de seu trajeto profissional. Qual sua formação acadêmica? Há quanto tempo exerce a atividade docente; quanto deste tempo foi dedicado à Escola Beatriz?

Sou formada em Letras pela universidade Federal de Santa Catarina e fiz especialização em Gestão Escolar na Universidade do Estado de Santa Catarina; atualmente estou cursando o Mestrado – PROFLETRAS – na UFSC. Há 21 anos sou professora e, desses, 4 anos na escola Beatriz. Em 2010 consegui a remoção para lá, mas, por ser apenas uma vaga de 20 horas, pedi designação para outra escola para poder ficar 40 horas onde já tinha conseguido 20 horas. Em 2013 voltei para o Beatriz, pois consegui, no processo de remoção, as outras 20 horas.

- 2) Você tem tempo para fazer leituras referentes à disciplina que leciona ou leituras de outra ordem?

Agora que estou com uma licença de 20 horas para cursar o Mestrado, sim!

- 3) Se há tempo para esta prática, costuma ler com maior intensidade na escola ou fora dela? (E o que normalmente busca ler?)

Leio mais fora da escola, pois gosto de me isolar e me concentrar o máximo possível; ultimamente minhas leituras têm sido as solicitadas pelos professores do Mestrado – entre elas: Letramento literário, Proposta Curricular, Variação linguística e Letramento

- 4) Acerca de suas concepções epistemológicas como professora de Língua Portuguesa, explique o que entende por: Educação; Papel da Escola; Sujeitos/Alunos; Língua; Objeto de estudo da aula de LP.

O papel da escola é colocar os estudantes em contato com os conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade, não como alguém que nada sabe, mas como um sujeito que precisa ampliar seu repertório cultural. Isto ocorre, por exemplo, a partir da língua como uma forma de interação.

- 5) Como se concretiza o ensino de língua em suas turmas considerando as concepções acima explicitadas?

O ensino de língua dá-se com foco em variados gêneros textuais, com muita leitura, debates, interpretação de texto, produção de textos dos mais variados gêneros, tanto orais quanto escritos, e reescritura de textos.

6) Qual sua opinião sobre o livro didático? Como faz uso deste recurso didático em suas aulas?

O livro didático, pelos menos alguns, mudou consideravelmente nos últimos anos, não o considero ruim – pelo menos o que adotamos na escola Beatriz – porém é o uso que faço dele que pode deixá-lo melhor ou pior.

7) Como foi escolhido o livro didático?

O livro didático foi escolhido em nossos cursos de formação.

8) Como você utiliza a biblioteca e os recursos tecnológicos de que a escola dispõe em apoio às suas aulas?

No momento a biblioteca está em reforma, mas, assim que pudermos ter novamente acesso ao acervo, ela será utilizada, pelo menos uma vez por semana, para empréstimo/troca de livro e, se tiver a sala de leitura, faremos leituras lá. Quanto aos recursos tecnológicos, no momento, por causa da reforma, o uso está bastante reduzido.

9) Quais assuntos parecem ser preferidos pelas turmas 61, 71, e 91?

Não sei definir, normalmente o que proponho eles aceitam bem.

10) Quais atividades em sala de aula têm maior participação e retorno dos alunos nas turmas 61, 71, e 91?

Atividades realizadas em grupo com posterior socialização – pelo menos nas turmas 71 e 91.

11) Nas turmas 61, 71, e 91, os alunos fazem/entregam as atividades propostas (tanto como dever de casa quanto atividade em sala)? Caso não, cerca de quantos alunos deixam de fazer/entregar as tarefas?

É muito relativo. Há estudantes que raramente fazem atividades, seja em sala, seja fora dela.

Observações e sugestões para o planejamento de nossas aulas nas turmas 61, 71 e 91:

A turma 61 ainda está no processo de compreensão da importância do trabalho em grupo e sobre a importância do fazer as atividades.

Muito obrigado pelo apoio e participação!!